

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DANIELLE ZANON MARQUES ARRUDA

**EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO TÉCNICO: UM ESTUDO DE CASO NUMA
ESCOLA TÉCNICA DO CENTRO PAULA SOUZA**

FRANCA

2019

DANIELLE ZANON MARQUES ARRUDA

EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO TÉCNICO: UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA
TÉCNICA DO CENTRO PAULA SOUZA

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Análise de Políticas Públicas.

Linha de pesquisa: Política e Gestão Educacional

Orientador: Profa. Dra. Maria Madalena Gracioli

A779e Arruda, Danielle Zanon Marques
Evasão escolar no ensino técnico: um estudo de caso
numa escola técnica do Centro Paula Souza / Danielle
Zanon Marques Arruda. -- Franca, 2019
136 f. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais,
Franca
Orientadora: Maria Madalena Gracioli

1. Educação. 2. Evasão Escolar. 3. Ensino Técnico. 4.
Juventude. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DANIELLE ZANON MARQUES ARRUDA

EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO TÉCNICO: UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA
TÉCNICA DO CENTRO PAULA SOUZA

Relatório para Exame geral de Defesa apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Análise de Políticas Públicas.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Profa. Dra. Lucimary Bernabé Pedrosa de Andrade, UNESP – Campus de Franca/SP.

1º Examinador: _____

Profa. Dra. Lucimary Bernabé Pedrosa de Andrade

2º Examinador: _____

Profa. Dra. Tatiana Machiavelli do Carmo Souza

Franca, 01 de março de 2019.

DEDICATÓRIA

*Dedico esta pesquisa aos meus pais, filhos e
ao meu marido.*

AGRADECIMENTOS

Deixo imenso agradecimento a todos (as) as (os) professoras (es) que me acolheram e guiaram na passagem pelo PAPP/Unesp Franca.

Fazendo justiça destaco a receptividade, a atenção e o respeito dos entrevistados, em especial a equipe da escola onde desenvolvi a pesquisa.

Agradeço a paciência e o profissionalismo de minha orientadora Profa. Dra. Maria Madalena Gracioli, peça fundamental na condução desta pesquisa.

Aos meus pais por terem me dado educação, valores e me ensinarem a nunca desistir dos meus sonhos. Ao meu pai (*in memoriam*), que onde quer que esteja, está torcendo e vibrando com as minhas conquistas. A minha mãe, amor incondicional, que me gerou e me fez levantar de cabeça erguida em todos os tropeços. A vocês que, muitas vezes, renunciaram aos seus sonhos para que pudesse realizar os meus, partilho a alegria deste momento.

Aos demais familiares, cuja expectativa sempre revelou uma imensa fé em minha capacidade.

Queridos amigos (as) que tanto torceram pelo meu êxito durante o longo percurso de estudos em que estive envolvida.

Aos meus filhos, José Roberto Junqueira Arruda Neto e Arthur Junqueira Arruda, que são a razão do meu viver, esta conquista também pertence a vocês.

E por fim, a uma pessoa especial, André Corrêa Arruda, que no caminhar desta pesquisa cuidou com o maior desvelo do mundo, de nossas riquezas, companheiro de vida, meu grande amor, que também é o grande incentivador e principal apoiador de meus sonhos que se tornaram nossos planos.

“Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é identificar os motivos que levam o jovem a interromper seus estudos nos cursos técnicos. Indiscutivelmente a evasão é uma dificuldade enfrentada na educação, que pode ser desencadeada por várias causas, relativas a diversos contextos, e as consequências são inúmeras. No entanto, a conjuntura em que elas estão inseridas é uma só, um futuro prejudicado e sem desenvolvimento pleno, uma vez que o abandono dos estudos é a renúncia ao direito à educação. Essa investigação de caráter qualitativo utilizou a pesquisa bibliográfica realizada em livros, artigos científicos, dissertação e teses, e por uma pesquisa de campo utilizando entrevistas semiestruturadas; a análise dos dados teve por base a desenvolvida por Bardin. A partir do estudo do material colhido foi possível identificar os motivos da evasão nos cursos técnicos, que constituída por fatores externos como trabalho; distância da escola; problemas familiares; a conclusão da educação básica em outras instituições; e, por fatores internos apontados pelos alunos como disciplinas difíceis; curso cansativo; lentidão no processo de ensinar e falta de conhecimento específico do conteúdo ministrado por alguns professores. Também foi possível perceber que faltam políticas públicas direcionadas ao incentivo e permanência do aluno no Ensino Técnico.

Palavras-chave: Educação. Evasão Escolar. Ensino Técnico. Juventude

ABSTRACT

The main goal of this project is to identify the specific reasons that lead young people to drop out of technical school. Undoubtedly, evasion is a difficulty faced in education which may be caused by many factors, and its consequences abound. However, the future they foresee can be only one: damaged and without full development, as abandoning studies equals giving up education. This qualitative study used books, scientific papers, dissertations and theses as bibliography, as well as semi-structured interviews. Data analysis was based on content analysis developed by Bardin. Using the collected material, it was possible to identify the reason for the evasion from technical schools, which are caused by external factors such as work, distance, family problems, or finishing basic education in other institutions; and internal factors such as hard subjects, exhausting courses, and lack of expertise by teachers. It was also possible to detect the lack of public policies aimed at motivating the students.

Keywords: education; school evasion; technical school; youth

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Matrículas na Educação Profissional, por Ano, segundo a Área Profissional, 2003 a 2005 – Brasil.....	56
Gráfico 2 – Matrículas da Educação Profissional, por Ano, segundo o Sexo, 2003 a 2005 – Brasil.....	57
Gráfico 3 – Matrículas da Educação Profissional, por Ano, segundo a Faixa Etária, 2003 a 2005 – Brasil.....	57

GRELHAS DE ANÁLISE

Grelha 1 – Tabulação das respostas referente ao perfil da equipe gestora e professores da Instituição de Ensino	52
Grelha 2 – Tabulação das respostas referente ao perfil dos discentes evadidos da Instituição de Ensino	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA DA JUVENTUDE ...	15
1.1 CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS SOBRE JUVENTUDE	21
1.2 EVOLUÇÃO DOS DIREITOS DA JUVENTUDE.....	33
2. ENSINO TÉCNICO ALICERCE PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	38
2.1 ENSINO TÉCNICO E FORMAÇÃO PROFISISONAL.....	39
2.2 EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO E A RELEVÂNCIA NO CENÁRIO SOCIAL E EDUCACIONAL	43
3. A PESQUISA	49
3.1 PERCURSSO METODOLÓGICO	49
3.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	58
3.2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES: FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO DIRETOR, COORDENADOR PEDAGÓGICO, COORDENADORES DE CURSO E PROFESSORES.....	58
3.2.2 INFORMAÇÕES DA FORMAÇÃO ACADEMICA E PROFISSIONAL DOS ALUNOS EVADIDOS	59
3.2.3 ACOMPANHAMENTO E CONTROLE DA EVASÃO	61
3.2.4 AS CAUSAS DA EVASÃO NA VISÃO DOS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR.	68
3.2.5 CAUSAS DA EVASÃO NA VISÃO DOS OS ALUNOS DESISTENTES	76
3.2.6 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA EVITAR A EVASÃO DOS ALUNOS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR	79
3.2.7 AS AÇÕES DA ESCOLA PARA ENFRENTAR A EVASÃO NA VISÃO DOS ALUNOS DESISTENTES	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS EVADIDOS.....	96
APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O DIRETOR	97
APÊNDICE III – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O COORDERNADOR DE CURSO E COORDENADOR PEDAGÓGICO	98
APÊNDICE IV – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR	99

APÊNDICE V – GRELHA DE ANÁLISE VERTICAL	100
APÊNDICE VI – CATEGORIA 1. DADOS RELEVANTES SOBRE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR DA INSTITUIÇÃO.....	115
APÊNDICE VII – CATEGORIA 2. DADOS SOBRE OS ALUNOS EVADIDOS	116
APÊNDICE VIII – CATEGORIA 3. INFORMAÇÕES SOBRE EVASÃO DE ALUNOS.	117
APÊNDICE IX – CATEGORIA 4. AS CAUSAS DA EVASÃO PARA OS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR.....	124
APÊNDICE X – CATEGORIA 5. CAUSAS DA EVASÃO PARA OS ALUNOS DESISTENTES	131
APÊNDICE XI – CATEGORIA 6. PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA EVITAR A EVASÃO DOS ALUNOS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR	132
APÊNDICE XII – CATEGORIA 7. COMO A INSTITUIÇÃO DE ENSINO EVITA A EVASÃO NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DESISTENTES.....	137

INTRODUÇÃO

Na atualidade presencia-se um elevado número de alunos que evadem nos cursos regulares e técnicos, assim, infere-se que a evasão também acometeu as escolas técnicas que oferecem qualificação profissional. Desta forma, com altos índices, a evasão acaba gerando graves consequências como o fechamento de curso, e conseqüentemente deixam de qualificar os jovens que não têm condições de frequentar uma universidade. Deste modo, este trabalho discute um assunto relevante, versando sobre a educação no ensino técnico público. Há tempos esse tema é pauta na sociedade e entre os profissionais.

A crise que a educação vive gera uma incapacidade de formar cidadãos que supostamente contribuíram para tal quadro. Essa inaptidão decorre de vários problemas instalados na educação da rede pública, contudo, esta pesquisa se destina a cuidar de apenas um deles, a evasão escolar (CERATTI, 2008).

Assim, o ensino técnico considerado nas diferentes vertentes profissionalizantes, consiste em objeto de estudo, na dimensão tanto da área da sociologia quanto na área da educação, tornando-se papéis-chave da escola, a qual possui a função de integrar o aluno no ambiente social e de caracterizar suas competências, atitudes e habilidades para desempenhar o papel específico que a sociedade lhes designa, assegurando sua participação cidadã (ALVES, 2013).

A relevância da formação profissional na vida de um jovem aluno possibilita a qualificação necessária para ingressar no mercado de trabalho e conseguir conquistar sua autonomia financeira, e quando não consegue apropriar-se desse espaço tem seu futuro prejudicado.

A evasão escolar é um problema evidente no ensino brasileiro, situação conhecida e ainda incontrolável. Por anos, profissionais discutem o problema e apontam ferramentas para driblá-la, contudo, com pouco sucesso. Desta forma, a dificuldade para resolver a evasão escolar enseja novos estudos, visando, principalmente, efetivar o ensino na vida dos cidadãos, pois combater a evasão escolar é efetivar a educação, capacitando, promovendo e incluindo jovens na sociedade de maneira digna (ARROYO, 2001 *apud* CERATTI, 2008).

São inúmeros os motivos que podem levar o jovem à evasão escolar. Eles podem derivar de fatores pessoais, que se referem ao desenvolvimento psíquico do indivíduo, assim como de fatores sociais, como a condição socioeconômica na qual está inserido. Pode ser ainda, desencadeada a partir do modelo de escola atual, que não desperta interesse capaz de motivar os alunos em partilhar seus conhecimentos (CERATTI, 2008).

A evasão escolar um problemas que ultrapassa fronteiras, ocorrendo tanto em países desenvolvidos como também em países subdesenvolvidos por diversos aspectos, social, econômico e político, ensejando as mesmas causas que levam o aluno a abandonar seus estudos.

A juventude é tradicionalmente considerada como fase de preparação para uma vida adulta, limitando-se aos jovens ações voltadas unicamente à sua escolarização. Mas a percepção sobre a vivência juvenil se apresenta mais complexa, associando metodologias formativas com procedimentos de experimentação e estabelecimento de trajetos que abrangem a inclusão no mundo do trabalho, assim como a descrição de identidades, a experiência da sexualidade, modos para viver em sociedade, qualidade de vida com lazer, da satisfação e concepção cultural e conhecimento social (CONJUVE, 2006).

Nesse sentido, Severo (2010) entende que os jovens atuam junto à sociedade por meio de contextos culturais, inserindo movimento referente às suas capacidades antes mesmo de buscarem formação técnica ou profissional, indo ao encontro com os movimentos culturais que lhes estejam próximos.

Atualmente, a realidade da educação da juventude e como um todo, depara-se com uma sociedade de grandes desigualdades, além de profundas mudanças no mundo do trabalho. Constata-se a exclusão de muitos ao acesso e à permanência na escola, devido à baixa qualidade educacional e difícil inserção social do jovem como um sujeito produtivo.

Portanto, abordar a evasão do jovem no ensino técnico é relevante, porque é necessário compreender que o acesso à escola significa êxito, que o aprendizado lhe trará inserção social e no mercado de trabalho.

O objetivo geral desta dissertação é identificar os motivos que levam o jovem a interromper seus estudos nos cursos técnicos. E como objetivos específicos, analisar e examinar os relatos dos professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico, diretor e alunos desistentes; averiguar os principais motivos e causas da evasão; e conhecer como são realizados os procedimentos para evitar a evasão no ensino técnico.

Desta forma, para alcançar os objetivos utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica realizada em livros, artigos científicos, dissertação e teses. Porém, como se trata de uma pesquisa qualitativa, para alcançar os objetivos específicos empreendeu-se pesquisa de campo valendo-se de entrevista semiestruturada com professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico, diretor e alunos evadidos. As entrevistas foram gravadas, transcritas, transformadas em grelhas e categorias baseadas em Bardin, para posterior análise de dados.

Essa dissertação está estruturada em três seções. A primeira discute os conceitos e a construção social da juventude, e foram utilizados como referenciais teóricos: Arroyo (2001), Nery (2007), Batista (2009), Ceratti (2008), Leon (2002), Bourdieu (1993), Caccia-Bava (2004), Carrano (2009), Feixa (2010), Gracioli (2006), Martins (1997), Pais (2003), Severo (2010), Abramovay (2007), Rodrigues (2013) e Spósito (2002). Pesquisas realizadas em produções acadêmicas acerca da evasão escolar no ensino técnico. As pesquisas de produções científicas e acadêmicas foram feitas na coleção periódicos científicos, em formatos eletrônicos, como Scielo e na Plataforma Sucupira, constatando que as produções científicas e acadêmicas acerca da evasão do ensino técnico são escassas.

A segunda seção visa discutir, por meio da revisão da literatura e das legislações, o que denota o ensino técnico como base para a educação profissional e a evasão escolar que neste ocorre.

Na terceira e última seção foi realizada a análise dos dados levantados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos evadidos, professores, coordenador pedagógico e coordenadores dos cursos técnicos de uma escola localizada na região noroeste do estado de São Paulo, com a finalidade de compreender o problema da evasão escolar na escola técnica selecionada.

1. REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA DA JUVENTUDE

O tema juventude tem sido permanente campo de estudos tanto para a ciência política como para a sociologia, pois a juventude é tida como um motor de mudança impulsora na sociedade. Indubitavelmente, essa discussão tem envolvido estudiosos de diversas áreas acerca da juventude.

Gracioli (2006, p. 30) ressalta que uma das dificuldades para definir o jovem sucede de como é complexa a situação na sociedade, desta forma, afirma que

As estatísticas oficiais normalmente consideram como jovens os que ultrapassam a idade da obrigação escolar e os que ainda estão disputando uma vaga no mercado de trabalho. No entanto, se esse critério fixa a porta de entrada na condição social de ser jovem, a superação de certos limites de idade e o ingresso no mercado de trabalho não lhes dá a garantia de admissão naquilo que é considerado como mundo adulto. Dessa forma, sem lugar à dúvida, não basta compreender o jovem analisando apenas uma dimensão (a sociológica ou a psicológica, por exemplo), faz-se necessário reconhecer a multidimensionalidade do fenômeno, caracterizado pela sua heterogeneidade.

Ressalta-se que a literatura é controversa no tocante ao momento histórico em que a juventude passa a ser reconhecida como sujeito histórico diferenciado (GRACIOLI, 2006).

Carrasco (1998 *apud* GRACIOLI, 2006, p. 31) apresenta as diversas versões descritas da seguinte maneira:

- Luca Giuliano (1979) e Gerard Lutte (1991) sustentam que a juventude surge nos tempos da República Romana, dois séculos antes da nossa era (entre 193 e 183 a.C.), período que emitem leis que conferem reconhecimento legal aos jovens para efeitos hereditários e de representação do pai em assuntos familiares e econômicos;
- Pierre Bourdieu (1990) atribui à criação do mundo jovem à nobreza italiana medieval (séc. XIV), como uma forma de retardar as aparições de sucessão dos herdeiros;
- Jeffrey Kett (1993) y John Gillis (1981), ao contrário, atribuem o aparecimento do sujeito jovem, às transformações sociais associadas ao processo de industrialização e modernização que, entre outras, se expressam no aparecimento da pediatria como especialidade médica e a diferenciação escolar por idades.
- Carles Feixa (1990) sustenta que a juventude é um fenômeno presente na maioria das organizações sociais: assim, em sua opinião, a juventude tem estado presente desde as “sociedades de caçadores-coletores” até as atuais conformações societárias.

Neste sentido, infere-se que é possível encontrar as teorias sobre a juventude e as controvérsias dos teóricos sobre esta fase da vida em diversas sociedades ou momentos históricos. Porém, impossível diagnosticar com precisão o período em que a imagem da juventude passa a ser disseminada como uma categoria social diferenciada entre as classes sociais (GRACIOLI, 2006).

Feixa (1990 *apud* GRACIOLI, 2006, p. 31) demonstra que na sociedade industrial,

Diversas mudanças produzidas na família, na escola, no exército e no trabalho vão contribuir com a afirmação da juventude como uma categoria distinta. Para o autor, a primeira instituição a apresentar mudanças foi a família, que até então não havia se ocupado completamente com a educação dos filhos, uma vez que na Idade Média era comum enviar os filhos para outras famílias para que se tornassem aprendizes.

Para Ariès (1981 *apud* GRACIOLI, 2006, p. 33) a escola é considerada à segunda instituição relevante a apresentar modificações. “Com o desenvolvimento do comércio, a instituição escolar deixa de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, de passagem do estado da infância ao do adulto”.

A autora Gracioli (2006, p. 33) descreve que

O desenvolvimento da escola vai proporcionar a constituição da juventude como categoria social, pois reunia os jovens numa instituição especial, isolada do mundo. Os colégios e os internatos colocaram uma forte disciplina e um rigor moral: o de separar por algum tempo os jovens do mundo dos adultos, procurando classificar os alunos segundo suas idades, aplicando regime disciplinar rígido, que, segundo Foucault (1996), assemelha-se ao regime penitenciário, refletindo as novas condições do capitalismo industrial.

Deste modo, a escola assume um papel de muita importância, pois prepara o jovem para o futuro. Importante mencionar que, num primeiro momento a escola era frequentada por homens, pois as mulheres se casavam cedo e também assumiam as responsabilidades domésticas, e, só tinham acesso à escola os filhos das famílias mais abastadas, da aristocracia ou da nascente burguesia. Deste modo, a formação escolar vai estabelecer um processo de separação entre pessoas adultas em formação, criando, assim, uma ordem hierárquica fundamentada nas relações entre as fases da vida (GRACIOLI, 2006).

A terceira instituição, para Feixa (1999 *apud* GRACIOLI, 2006, p. 34), “destinada majoritariamente para os jovens do sexo masculino, é o exército”. Com a revolução francesa é estabelecido o serviço militar como obrigatório e a nação fica concebida por jovens militares que passam a destinar um período de tempo de suas vidas para servir a pátria, assim, são treinados para lidar com armas, vivem separados e distantes de suas famílias e compartilham o dia a dia de suas vidas com diversos jovens. No decorrer do século XIX, a formação dos exércitos se expande por toda a Europa, no entanto, encontra alguma resistência dos jovens e das comunidades, pois perdem os jovens, do sexo masculino, considerados um componente essencial para força de trabalho na fase mais produtiva da vida. Porém, sob outra vertente, existe a concepção de um universo propriamente juvenil relacionado às festas, verificando-se na linguagem militar, posturas e costumes sexuais que propagam uma cultura identificada

pelos jovens. Neste contexto, surge o entendimento que o serviço militar serve “para fazerem-se homens” e que apenas quando retornar as suas casas podem refletir sobre o casamento para formar uma família (FEIXA, 1999 *apud* GRACIOLI, 2006, p. 34).

O mundo do trabalho é a quarta instituição apontada por Feixa (1999 *apud* GRACIOLI, 2006, p. 34), inicialmente na fábrica e em seguida nos diversos modelos de empresa. Os menores foram se afastando das indústrias, devido aos avanços técnicos da Segunda Revolução Industrial.

A maior produtividade fez diminuir a necessidade de mão-de-obra. Por outro lado, fez-se necessária maior preparação técnica para desenvolver as complexas tarefas do sistema industrial, requerendo formação básica tanto para os jovens burgueses como para os operários. Assim, para cumprir um papel conservador, o período escolar foi se expandindo, retirando primeiramente as crianças, e depois os adolescentes do trabalho assalariado e conduzindo-os à escola. O que se pretendia com essa ação era a formação de mão-de-obra especializada para a sociedade industrial e, como consequência, garantia-se o processo de modernização.

Feixa (1999 *apud* GRACIOLI, 2006) aponta que na sociedade industrial, diversas mudanças produzidas na família, na escola, no exército e no trabalho vão contribuir com a afirmação da juventude como uma categoria distinta.

Como consequência, “a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como se refere Bourdieu (1993), o fato de falar dos jovens como uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação” (PAIS, 2003, p. 28).

Nesse sentido, Pais (2003) infere que os jovens começam a fazer parte de uma cultura juvenil unitária. Porém, a discussão que se erige à sociologia da juventude é de indagar não apenas as possíveis ou relativas semelhanças entre jovens ou até mesmo grupo de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais), mas, sobretudo, as diferenças sociais que existem entre eles.

Importante salientar que, as diferenças sociais e até mesmo as semelhanças entre os jovens, impossibilitam englobá-los numa mesma geração, ou num mesmo grupo, pois, os jovens que, apesar de possuírem os mesmos sentimentos comuns de se descobrirem em outras gerações da sociedade, se aproximam a si mesmos por pertencerem, por exemplo, à mesma classe social ou mesmos grupos sociais, religiosos, culturais, entre outros (PAIS, 2003).

Sucessivas vezes em sua obra, Pais (2003, p. 41) se refere “à juventude enquanto conjunto social cujo principal atributo é o de ser formado por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida”. Para o autor o “paradoxo da questão é que qualquer ideia aparece sempre

encapsulada num nome e, aqui, o mesmo nome – juventude - encapsula ideias diferentes” (PAIS, 2003, p. 41). Portanto, segundo o autor a juventude deveria ser vista

Em torno de dois eixos semânticos: como aparente unidade (quando referida a uma fase da vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros). De fato, quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma fase de vida (PAIS, 2003, p. 41-42).

Deste modo, Pais (2004, p. 42) continua discorrendo acerca da juventude como aparente unidade e como diversidade:

Se a fase da vida corresponde um dos conceitos de juventude é, à imagem de outras fases de vida, tomada como uma simples categoria limitada a um agregado de idades, as indeterminações conceituais são mínimas. Porém, logo que a fase de vida é tomada não como um estado ou categoria, respeitando a um conjunto de idades, mas como um processo, ou seja, logo que a juventude é vista em termos de uma sequência de trajetórias biográficas entre a infância e a idade adulta, surgem os inevitáveis problemas de instabilidades nas aplicações conceituais.

Pais (2003), em seus estudos, sentiu a necessidade de olhar para a juventude não apenas como um conjunto social, cuja principal característica é o de ser construído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, mas também como conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens.

Dessa forma, infere-se que a juventude não é somente um modelo de transição que acontece para a vida adulta. Nesta mesma linha, Camarano et al (2004) discorrem acerca da transição da vida do jovem para a vida adulta. Compreendem que as representações geradas a respeito do jovem podem significar para a juventude, longe dos estereótipos, marcas que podem colaborar para a preparação das políticas públicas, além disso, apropriadas às preparações da juventude. Os aspectos enquanto fase da vida sobre juventude, organizadas pela sociedade, são ordinalmente caracterizadas pela ambiguidade.

Os autores Camarano et al (2004, p. 17) declaram que

Os jovens são comumente vistos como agentes propulsores da mudança social. Por outro lado, a juventude é também vista pela ótica negativa dos problemas sociais, seja como “protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações”, tal como em meados dos anos de 1960, seja, ou atrelada aos “problemas de emprego e de entrada na vida ativa”, a partir dos anos 1970 (SPÓSITO, 2003, p. 3). É como se a ela fosse atribuída o caráter de mudança social, com o privilégio do novo que, por sua vez, pode sempre esbarrar nas limitações do presente, sejam políticas, econômicas ou culturais.

Não se pode definir a juventude como única, é preciso reconhecer que existem vários contextos diferentes, com características marcadas por um conjunto de variáveis que se produzem e reproduzem dentro de um organismo social, podendo ser modificados por diversos fatores que influenciam neste período de vida (CAMARANO et al., 2004).

Sendo assim, os jovens deveriam ser tratados como sujeitos de direito, Abramo (2006, s/p), em seus estudos, descreve que:

[...] tomar os jovens como sujeitos de direitos significa, portanto, em primeiro lugar, reconhecer a especificidade de sua condição e a singularidade da sua experiência geracional; significa também olhar suas demandas como relevantes e pertinentes ao debate público. Exige, como aconteceu no caso das crianças e adolescentes, que se vá além da ótica que apreende os jovens como risco ou problema social, assim como da perspectiva que os situa apenas como sujeitos voltados para o futuro, negligenciando a sua vida e necessidades no presente. Implica, necessariamente, incorporar a participação de seus interlocutores (aqueles que expressam esta experiência e condição singular) nas disputas que definem as formulações sobre os direitos e sobre as políticas. Ou seja, significa abrir um debate público democrático sobre tal pauta de demandas e sobre o modo como podem e devem ser respondidas pelo estado e pela sociedade.

Segundo Feixa (2004 *apud* GIL; SEFFNER, 2016, p. 179) “a juventude é um Jano¹ de dois rostos: uma ameaça de presentes obscuros e uma promessa de futuros radiantes. Os jovens são anjos que nos deslumbram e monstros que nos assustam”.

Neste contexto, encontram-se nas teorias sobre a juventude, as controvérsias dos teóricos sobre a fase desta vida em diversas sociedades ou momentos históricos. O que é impossível identificar é o momento preciso em que a imagem da juventude passa a ser difundida entre as classes sociais como uma categoria social diferenciada. No entanto, abstraindo as contradições, muitos autores ignoram a relação da juventude com os múltiplos fatores econômicos e sociais que os determinam, sendo o mais relevante às classes sociais (GIL; SEFFNER, 2016).

Pelo fato de a definição das classes sociais ser fundamental para a compreensão da realidade, esta precisão tem uma importância decisiva. Não há de fato um conceito único de juventude que possa compreender as diferentes nuances, ou seja, o campo semântico a que aparece associada.

¹ O mito de Jano se associa a muitas experiências históricas, mas “desde o aspecto temporal, a imagem de Jano se interpreta, habitualmente, como símbolo do passado (o perfil de um velho) e do provir (o perfil de um jovem). Interpretação correta, ainda que incompleta, dado que entre o passado, que já não é, e o futuro, que ainda não é, encontra-se um terceiro e verdadeiro rosto de Jano, invisível, que olha o presente, que em sua manifestação temporal não é senão um momento inexequível. Não obstante, em sua manifestação transcendente do espaço-tempo, é eterno, contém toda realidade”. Gonzáles, José R. Jano, os Solstícios e a Franco-maçonaria. (JOVENS NA AMÉRICA LATINA *apud* CACCIA-BAVA, 2004, p. 108).

Pais (2003) ensina que há juventudes e diversas formas de observar os jovens, visto que estas obedecem a distintas teorias. Assim, compreende que tais teorias se unificam por meio de duas correntes: a corrente geracional e a corrente classista.

Ainda para Pais (2003), a corrente geracional tem como ponto de partida a ciência de juventude como fase da vida, e dá ênfase ao seu aspecto unitário. Para esta corrente, em qualquer sociedade, existem várias culturas (dominantes e dominadas) que se expandem no quadro dominante de valores. O ponto crucial desta corrente é discutir a respeito da continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. O quadro teórico desta corrente se fundamenta nos princípios da socialização desenvolvida pelo funcionalismo e na teoria das gerações, onde se não houvesse descontinuidades intergeracionais não haveria uma teoria das gerações, pois não existiriam experiências agradáveis ou desagradáveis.

Em oposição à corrente geracional, o autor apresenta a corrente classista que transforma o centro da análise da reprodução intergeracional de valores culturais para o ponto da representação das classes sociais (PAIS, 2003).

Bourdieu (1983) descreve que admitir aos jovens como sendo um acontecimento unívoco, autônomo de fragmentação dos tipos sociais, é uma prova de manuseio do fato, pois não analisar as diversas ocasiões experimentadas pela juventude de diferenciadas classes sociais derivaria em diagnósticos caricaturais do fenômeno.

Para Bourdieu (1983) existem duas juventudes, assim, explica que a primeira é vivenciada pelos filhos da burguesia e a segunda muito limitada e aproximadamente alheia, experimentada pelos filhos dos operários. Deste modo, desconhecer tais desigualdades de grupos no estudo de jovens denota em colaborar para o sistema de ideias predominante de propagação de privilégios.

Bourdieu (1983) expõe um resultado importante para a precisa explicação da cultura juvenil vista como cultura de resistência. Afirma que os valores divididos pela juventude seriam representações dos valores adequados às classes sociais. Designadamente, para a cultura jovem permaneceria uma vertente referente à batalha da classe moderna. Assim, as ações criadas social, cultural e politicamente para a juventude, enfatizadas e estimadas pela corrente classista, constituiriam a contradição e contestação da ordem vigente. Essa obliquidade de apreciação se explicaria pelo propósito de desmistificar a definição homogênea de juventude, fragmentando a comprovação dos resultados que as distinções sociais têm para a delimitação do trajeto das pessoas de diversas classes.

Deste modo, entende-se que a corrente geracional peleja utilizando um componente por meio de um determinante biológico, constituído num ciclo cronológico da vida de cada

ser humano. Portanto, na corrente classista é interrogada a qualidade de ser único referente à definição de juventude e expõe o tratamento distinto deste fato conforme a desigualdade das trajetórias particulares atribuídas pela sociedade.

1.1 CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS SOBRE JUVENTUDE

A análise sociológica, pormenorizada, acerca da realidade (ou realidades) social enquanto enquadramento educacional, ou seja, a forma do contexto no qual o conhecimento é transmitido e recebido, a estrutura e precipuamente em relação ao jovem é extremamente truncada, com muitos chãos movediços e pouco acessíveis àqueles que se entregam à dinâmica deste estudo.

Pais (2003) em sua obra “Culturas Juvenis” persegue sua pauta em três grandes eixos básicos:

- O primeiro fato encontra-se nas transformações socioeconômicas por que as sociedades passam ao se alocarem no que é “novo”, sejam os desenvolvimentos setoriais econômicos, sejam nas formas específicas de atividades incipientes e outras que caem em desuso.
- A segunda ideia de que se deriva o olhar sociológico ao jovem provém do fato de que todas as transformações são paralelas ao que já está “posto”, como instituições familiares, sociais e até individuais, o que fatalmente dilacera, cria, sobrepõe ou interroga valores.
- A terceira ideia que balizará esta análise se encontra no fato de que os jovens são os alvos centrais e diretos dessas duas grandes transformações que ocorrem de modo “líquido” nas entranhas e na condição mutável social – impactando de modo decisivo nas formas individuais e sociais que levarão por toda a sua vida adulta.

Com essas mudanças em constante progresso, passa-se a observar que inexiste um caráter sistemático e único à compreensão juvenil e tão pouco humana. Pais (2003) analisa esses diversos posicionamentos juvenis por meio de três posicionamentos sociológicos, a saber: a geracional, a classista e a da cultura juvenil.

A primeira corrente (geracional) vislumbra a juventude enquanto uma fase da vida como aspecto unitário. Segundo esta corrente, “em qualquer sociedade há várias culturas (dominantes e dominadas) que se desenvolvem no quadro de um sistema dominante de

valores” (PAIS, 2003, p. 48). Esse posicionamento ideológico leva como epicentro da discussão a questão da descontinuidade ou continuidade dos valores que permeiam e tocam gerações diferentes.

Segundo o autor Pais (2003, p. 48):

O quadro teórico dominante da corrente geracional baseia-se nas *teorias da socialização* desenvolvidas pelo *funcionalismo* e na *teoria das gerações*. No quadro das *teorias funcionalistas da socialização*, os conflitos ou descontinuidades intergeracionais são vistos, na maior parte dos casos, como “disfunções” nos processos de socialização que respeitam a juventude tomada no sentido de *fase de vida*. [...] para os defensores da teoria das gerações, se não existissem descontinuidades intergeracionais não existira uma teoria das gerações (grifos do autor).

Desse modo, o sociólogo leva-nos a ver que nesta corrente de pensamento, o jovem vive experiências e situações favoráveis, desfavoráveis, felizes ou não, com os membros de uma mesma geração, chegando à ideia de que suas experiências e seus problemas são, por diversas vezes, similares (PAIS, 2003).

Pode-se concluir, preliminarmente, que para Pais (2003, p. 54) a descontinuidade intergeracional é a base da formação social da juventude, uma vez que,

Os sinais de continuidade e descontinuidade intergeracional poderão manifestar-se de duas formas: por um lado, e na medida em que são alvos de processos de socialização através de instituições sociais específicas, como a família ou a escola, as gerações mais jovens interiorizariam e reproduziriam na sua vivência quotidiana toda uma série de crenças, normas, valores e símbolos próprios das gerações adultas, isto é, todo um conjunto de sinais e de continuidade intergeracional. Por outro lado, e na medida em que essa interiorização de sinais não é feita de uma forma nem indiscriminada nem passiva, gerar-se-iam fracionamentos culturais entre as várias gerações, fracionamentos esses que teriam a ver, entre outras razões: com a própria consistência da cultura transmitida pelas instituições sociais dominadas pelas gerações mais velhas, como os comportamentos e atitudes do “mundo adulto” [...].

A segunda corrente com a qual Pais (2003) passa a dialogar é a denominada classista. Esta tende a ver a juventude como um conjunto diverso de características sociais, que constrói diferentes culturas, diversos grupos sociais, que se liga a diferentes situações sociais, econômicas, de classes, bem como a diversas formas de poder que surgem das mais variadas relações sociais.

Neste pensamento, a transição e passagem, bem como seus processos, são fortemente marcados por relações desiguais a que estão submetidos. Desse modo, para o autor, a reprodução social é essencialmente vista em termos de reprodução de gênero, raça, poder econômico e que pode ser definida em uma expressão: classes sociais (PAIS, 2003).

A corrente de pensamento classista interpreta, desse modo, a juventude nada mais do que mera reprodutora de classes, bem como resistente a outras formas de imposições de diversas classes (PAIS, 2003).

As culturas de classes podem ser vistas, portanto, como debatedoras num contexto em que emergem as classes sociais, uma vez que suas culturas são sempre vistas enquanto manifestações de classes, pois, mesmo “os estilos mais exóticos de alguns comportamentos de jovens (como por exemplo, a maneira de vestir) são, por esta corrente, vistos como uma ‘forma de resistência’, uma ‘resolução mágica’ a contradições de classe” (PAIS, 2003, p. 61, grifos do autor).

Assevera ainda o autor português Pais (2003, p. 62)

As culturas juvenis (cultura de classe) teriam sempre um significado “político”. Os rituais dessas culturas acabariam sempre por manifestar uma capacidade de “resistência”, ganhando e criando espaços culturais. E como essa capacidade é mais visível entre os rapazes (nomeadamente os de origem operária) não se estranha que a corrente classista se oriente fundamentalmente para o estudo das culturas juvenis *masculinas e operárias* (grifos do autor).

No entanto, ainda que se pese qualquer tipo de ratificação teórica e/ou social sobre este tema, existem limites frente à análise desta corrente em torno da juventude. Pois analisando as afirmações acima descritas, os jovens das mais diversas classes sociais se comportam de acordo com os recursos que possuem, portanto, os de classes inferiores têm uma certa dificuldade em acessar os mesmos valores sociais de jovens de classes superiores (PAIS, 2003).

Por fim, mas não menos importante, resta a breve análise, feita por Pais (2003), da corrente denominada “culturas juvenis”. Ele afirma que as correntes até aqui vistas incorrem em alguns “problemas” quando se externa o tema da cultura juvenil, visto que,

Nas correntes “geracional” e “classista”, o conceito de cultura juvenil aparece associado ao de cultura dominante. Como se disse, para a corrente “geracional” as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas; para a corrente ‘classista’, as culturas juvenis são uma forma de “resistência” à cultura da “classe dominante”, quando não mesmo a sua expressão linear (PAIS, 2003, p. 66, grifo do autor).

Segundo Pais (2003), cultura juvenil é uma sistemática de valores que são atribuídos a jovens de diferentes meios, realidades e condições sociais que se reúnem, diferenciando-se de acordo com a classe social e histórica a qual vivenciam e, principalmente, identificam-se. Dessa maneira, é o cotidiano do jovem associado às práticas socializantes que será fator determinante na formação/escolha de grupos e indivíduos aos quais farão sua adesão. Essa

postura revela a preocupação do autor com o próprio exercício cidadão do jovem, uma vez que esse processo se revela como forma autônoma de autoinserção social. Em suas palavras:

Enfim, a via escolhida para a compreensão das práticas simbólicas que dão força às culturas juvenis requer uma aproximação aos modos de vida a partir dos quais essas práticas simbólicas e respectivos significados adquirem uma aceitação social. Esses modos de vida são, por sua vez, específicos de determinados contextos (PAIS, 2003, p. 79).

E como afirma Pais (2003), essa análise também tem o condão de expor aquilo que muitos enxergam como “problemas”, problemas esses que são reconhecidos na sociedade e totalmente inerente ao universo juvenil.

O desafio, desta maneira, é o de remodelar ou modificar essa visão de que existe um “problema juvenil” para a existência, de fato, de uma problemática social do jovem, de modo que a sociologia forneça alguma dimensão interpretativa dessa(s) realidade(s) (PAIS, 2003).

É nesta senda que adentram os estudos de Gracioli (2006) ao mostrar outro caminho, que não o do “lugar comum” dos estudos sobre juventude, a saber, como problemas sociais. Os estudos da vanguarda sociológica acerca da educação necessitam confrontar o velho estigma e estabelecer uma relação saudável e real socialmente construída sobre a juventude, e para tanto a investigação sobre esse objeto deve ser dinâmica e alimentada.

Assim, para Gracioli (2006) bem como para Pais (2003), a sociologia da juventude não deve se ater às similaridades entre jovens e seus grupos, mas incidir profundamente nas diferenças sociais que existem entre eles, uma vez que a “concepção de jovem como categoria social é criação da sociologia, referindo-se ao período intermediário entre a infância e as funções sociais dos adultos” (GRACIOLI, 2006, p. 28).

Deste fato, não diferentemente de estruturas como a economia ou a política, a juventude se funda em condições sociais construídas. Torna-se de fato uma categoria social modelada por um grupo social caracterizado pela diversidade resultante de um complexo processo de construção social engendrada por grupos sociais mediante situações vivenciadas pelo indivíduo em seu cotidiano (GRACIOLI, 2006).

Essa categoria social é tão consistente e sólida atualmente que o mercado se apropriou de meios de produção com o fim de elaborar bens de consumo à juventude, seja com roupas, adereços, lazer, músicas, etc. (GRACIOLI, 2006).

Nas palavras de Gracioli (2006, p. 36) na sociedade pós-industrial:

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa tornou possível a instituição de uma cultura juvenil popular de âmbito global, que articulava uma linguagem universal por meio do rádio, da música, do cinema e da televisão e

estabelecia uma identidade juvenil mais ampla, que superava os limites da sua comunidade. (...) No plano social, destaca-se, também, as mudanças na esfera dos usos e costumes, rompendo com uma moral puritana, que dominava desde as origens do capitalismo, que, aos poucos, foi substituída por uma moral consumista e menos monolítica e, essencialmente, serão os jovens os seus portadores, como a conhecida “revolução sexual” [...].

Todas as formas revolucionárias sociais conquistadas após meados do século XX, ou seja, intensas manifestações culturais e políticas juvenis indicavam que o papel do jovem começava a ter outro lugar, podendo-se destacar a ação do movimento hippie que embalados pelo prazer, o uso de alucinógenos e o rock'n'roll mostraram o novo lugar da juventude, tiveram participação incisiva, quiçá determinante, dela – e essas derrubadas de barreiras vão erigindo outros valores que se espalham como ondas aos quatro cantos, vide as revoluções sexuais, morais, sociais, políticas, mercadológicas que começam a surgir, inclusive ao ponto de transformar em campo de trabalho promissor o que era relegado aos jovens como apenas “entretenimento” ou manifestação revoltosa, é o caso da moda, da música, dos jogos eletrônicos, do próprio esporte. É dessa forma que os jovens promovem, portanto, “uma verdadeira revolução cultural, quer nos costumes, quer nos meios de produzir e aproveitar as novas formas de lazer e no consumo, que atingiam principalmente a atmosfera urbana [...]” (GRACIOLI, 2006, p. 38).

É de se concluir até esse ponto que é a juventude, ao longo do século XX, a grande catalisadora das mais diversas transformações sociais, uma vez que a realidade que permeiam e vivem passa a descolar daquela vivenciada em gerações que se pautavam em valores morais e/ou tradicionais (GRACIOLI, 2006).

Esse é o pensamento de Feixa (1999, *apud* GRACIOLI, 2006, p. 41):

Mesmo que instituições como a família, a escola e o trabalho continuem sendo importantes no processo de socialização, elas não conseguem adequar-se ou, ainda, transformar-se em ritmo compatível com as mudanças do mundo atual. Surgem então desajustes e deficiências no papel socializante que elas tradicionalmente cumpriam. Por conseguinte, outros agentes de socialização, como a mídia, com características quase universais, heterogêneas e inconstantes, cada vez mais se colocam no papel de mediadores ou substitutos, em relação à transmissão cultural proporcionada por essas instituições.

Isso é explicado, por exemplo, pelo fato que, nos últimos anos, as juventudes criaram novas formas de participação política, com mobilizações coletivas, midiáticas e virtuais, na tentativa e conquista de espaço e com uma nova maneira de “empoderamento juvenil”. Há, assim, um campo muito maior de autonomia do jovem em relação às instituições que eram reservados ao mundo que se chamava exclusivo ao “adulto” (GRACIOLI, 2006).

De acordo com Carrano (2009), o jovem cria de fato sua identidade e sua cultura e, observando por este lado, é plausível assegurar que as restrições sociais delimitam e estabelecem uma construção de transição. Assim, possuem diversos procedimentos para as transformações de acordo com as circunstâncias da vida que intervêm na construção das trajetórias sociais de um jovem, na construção de seu estilo de vida e na probabilidade que acham para elaborar seu rumo para o futuro. A mudança da trajetória social do jovem realiza menção do dobro no processo que abrange modificações biológicas adequadas para o crescimento e ainda há limites de passagem de específicas condições de vida a outras como aceitar a maternidade ou não, ser trabalhador ativo ou inativo na vida produtiva.

Porém, essa nova situação da juventude não indica uma morte das ilusões e da ação direta do jovem na sociedade. Por mais que não possa ver claramente a ascendência de novos movimentos juvenis politizados, não se pode desconsiderar a presença de uma juventude que possui e demonstra suas demandas sob as mais diferentes formas.

A interpretação que se faz da juventude é tão envolta em aura conservadora, retrógrada e, por vezes violenta, que passam a fazer parte do senso comum as afirmações de que jovens não possuem valores, uma vez que os ideais que eles compartilham não se afinizam, por vezes, com as tradições e os princípios familiares, religiosos ou escolares, ademais, por certo que:

A crise de valores não é causada pelo acesso à informação global, mas pela incapacidade da sociedade local em gerar novos valores, normas e deveres que sejam considerados legítimos e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de defender os valores já existentes, assim, pode-se afirmar que a chamada crise de valores é consequência das práticas e dos comportamentos de todos os membros da sociedade (GRACIOLI, 2006, p. 42-43).

Tendo em vista a condição da juventude até aqui levantada, um dos erros que constantemente são reprisados reside no fato de não levar em consideração (ou não se atentar para isso) a passagem da juventude à fase adulta, parecendo deixar perplexos aqueles que erroneamente pensam que a juventude para sempre se prolongará e que este jovem tomará decisões que afetarão decisivamente a sociedade e as populações, inclusive as vindouras (GRACIOLI, 2006).

É dessa forma e nesse contexto que se esvai todo o potencial transformador da juventude, o que torna cada vez mais comum:

Encontrar pessoas física e psicologicamente adultas, mas, socialmente não são assim consideradas, pois continuam na dependência dos pais, não se incorporam ao mundo do trabalho, não podem formar uma nova família: não porque não queiram ser independentes, trabalhar ou manter uma relação matrimonial estável e independente,

mas porque as difíceis condições sociais de acesso ao mundo do trabalho, o prolongamento da escolaridade, entre outros fatores, tornam impossível a realização desses desejos (GRACIOLI, 2006, p. 46).

Ao que é possível aferir, inicialmente, a condição cada vez mais fluídica da transição entre as fases, principalmente no que diz respeito entre a juventude e a vida adulta. É exatamente o que Pais (2003) pontua sobre as manipulações das representações das idades, que têm o fim específico de rotular o desenvolvimento e delimitar as transições por meio das cirurgias estéticas, da maneira de vestir e do consumo cultural.

Para alcançar a identidade do sujeito social, são necessárias estruturações e realizações de determinados papéis que devem ser reconhecidos socialmente como pertencentes a um adulto. Implicando toda uma dinâmica de quebra de paradigmas referente ao rito da transformação adulta, uma vez que, no pretérito recente do imaginário social existiam ritos de passagem que demarcavam de modo preciso, a transição dos jovens para a idade adulta, como os ritos de circuncisão. Atualmente o casamento e a obtenção de um trabalho compõem momentos-chave para a aquisição do status de adulto. E até o cumprimento do serviço militar dizia-se, fazia de um rapaz um homem (GRACIOLI, 2006).

Como o interesse social reside, em sua essência, naquilo que seja rentável economicamente, e, apesar de toda essa fluidez e áreas cinzentas acerca da transição da juventude à vida adulta, também se enxerga neste mesmo jovem a continuidade do desenvolvimento dos padrões e valores vigentes.

É de se notar, portanto, que a vida “adulta” está condicionada a uma relativa ou integral independência financeira, que passa a ser o compromisso pessoal por excelência do jovem – seja por meio de ações político-governamentais na área da educação, seja na busca incessante do jovem em obter as tão almeçadas carreiras de “sucesso” financeiro meteórico (atletas futebolísticos, artistas televisivos ou mesmo em atividades criminosas). Sendo assim, a formação do jovem é tendente a relacionar e visar à educação e/ou o conhecimento com produtividade. E é justamente nesse modelo paradigmático que se assenta a ideia de que “a inserção do jovem no trabalho, por um lado, atende as exigências do mundo produtivo e, por outro, promove a equidade social, uma vez que se torna atenuante da pobreza ou alternativa à marginalidade e à exclusão” (GRACIOLI, 2006, p. 47).

Essa concepção, apesar de ser um avanço enorme relativamente ao que se espera e, principalmente, resguarda o jovem em termos de potencial e capacidade, tem um viés trágico, vez que condicionam os jovens enquanto capital humano unicamente produtor do crescimento econômico social e/ou governamental.

Essa visão extremamente mercantilizada da juventude é por muitas vezes e, em muitos contextos, hegemônica e exegética do sentido social restrito que o papel da juventude proporciona.

Segundo Martins (1997, p. 20), esse processo na vida do jovem é:

Uma proposital inclusão precária e instável, marginal. São políticas de inclusão de pessoas nos processos econômicos, na produção e circulação de bens e serviços, estritamente em termos daquilo que é racionalmente conveniente e necessário à mais eficiente reprodução do capital.

Portanto, a juventude passa a ficar sem nichos sociais adequados à sua participação e, conjuntamente a esse fator, ela tem a percepção de ser algo residual na sociedade, o que se procede mediante a precarização e a exploração de seus potenciais – esse fato causa impactos, por vezes indelévels, à possibilidade participativa na vida social e democrática no país (GRACIOLI, 2006).

O cenário que se desenvolve a partir desses meios atentatórios perfaz o perfil desmotivador, em relação à participação, mobilização e reivindicação do jovem, que por sua vez e por falta de perspectiva para o embate, perde ou simplesmente não desenvolve uma conscientização sobre a real necessidade participativa na vida social e na dinâmica democrática do país, redundando em mais marginalização, exclusão e vistas discriminatórias.

Neste processo em que a juventude é vista como algo “problemático”, “imprudente” ou “complicado” é o que gera preocupações e desconfianças sobre essa fase. O senso comum criou perspectivas gerais que partem desses conceitos e generaliza o comportamento e o pensamento do jovem de modo a solapar sua incipiente independência.

A inquietante visão da juventude que a analisa sob o prisma do lugar comum é enveredada devido aos mais diversos modos de vida que o adolescente adentra, pois passam a experimentar o sexo, a violência, as drogas, os arrebatamentos sentimentais, a gravidez precoce, as culturas transgressivas, entre outros fatos.

Para Pais (2000 *apud* GRACIOLI, 2006) há um grande paradoxo nessa visão comportamental do jovem, uma vez que eles buscam se inserir em grupos sociais e se interessam por uma vida social que nem sempre comporta espaço para a família; os pais e autoridades passam a ter uma visão negativa e deformada sobre suas novas experiências de vida, pois

A percebem como espaço de perigo, como o elevado consumo de álcool e drogas; acidentes de trânsito, gerado por jovens e adultos em direção perigosa, muitas vezes causando mortes ou sequelas graves; tráfico e venda de drogas pesadas; disputas entre grupos de jovens, as chamadas gangues, geradoras de violência, rivalidade, que

não raro acabam em mortes; delitos como roubos e assaltos de veículos, de objetos ou de dinheiro; vandalismo produzido por grupos de jovens, afetando tanto o patrimônio público, como o privado; a ousadia das pichações em espaços muitas vezes de difícil acesso, colocando em risco a integridade física dos seus atores e provocando poluição visual; conflitos com a política, muitas vezes resultando em prisões; risco de contração de doenças sexualmente transmissíveis; atividades de prostituição; exposição ao excesso de barulho nas boates, bares e raves; e, risco de balas perdidas (PAIS, 2000 *apud* GRACIOLI, 2006, p. 552).

A despeito do que fora dito, da visão comportamental do jovem, essa vida com “perigos” e “distúrbios” é o que estimula, simbolicamente, o jovem a se apropriar dos modos de lazer mais inquietantes. Essa inquietação, apesar de todos os riscos inerentes, colore a vida do sujeito, tornando-a intensa e criando a necessidade de provar e testar os limites de sua capacidade num verdadeiro ritual de autoafirmação, Pais (2000 *apud* GRACIOLI, 2006, p. 52) mostra que

Afortunadamente, não é certo que todos os lugares de diversão sejam locais de risco. Muitas vezes, o que os jovens procuram é um ganho de autonomia que se consegue através de ritualizações intensificadoras de pertencimentos identitários. Na verdade, o que parece estar em jogo são ritos diversos de identificação, afirmação e libertação. Por vezes, de rebelião. Com excesso, quase sempre. As drogas adquirem assim um papel de auxiliares de libertação do corpo e da mente que possibilita uma ultrapassagem dos limites habituais.

O que se extrai dessas palavras é a convicção de que a transgressão juvenil (tão bem retratada em filmes como “Juventude Transviada”) não é um puro desejo de “correr risco pelo risco”, na verdade é apenas uma parcela de responsabilidade atribuída ao jovem, uma vez que a sociedade não lhe oferece (senão em condições puramente obrigacionais, como ter que ajudar ou mesmo sustentar a família) condições ou oportunidades que possam, de fato e corretamente, assumir responsabilidades. E isso é bem explicitado pelo fato de que a própria sociedade tolhe a oportunidade de responsabilidade para este jovem no momento em que lhe oferece empregos precários, exclusão escolar e social, desemprego, péssimas qualidades de ensino, saúde e segurança, tolhendo-o, assim, as suas perspectivas de uma vida melhor.

Desse olhar tem-se que a sociedade enxerga uma possível transição da vida do jovem para a adulta – transição esta que não mais se encontra cinzenta, mas sim em estado límbico em que se perdem todas as referências do passado.

Para Carrano (2009), a indeterminação etária levou ao solapamento das maneiras arcaicas de socialização (as festas debutantes às moças que fazem 15 anos é um grande exemplo disso), bem como de suas instituições. Seria mais edificante e rentável a toda dinâmica social se focarem as pesquisas nos jovens e não nas instituições e maneiras que servem para “socializá-los”. Está muito óbvio este procedimento pela única e exclusiva razão

que os “jovens vivem experiências concretas que se aproximam mais ou menos da ‘condição juvenil’ representada como ideal ou dominante [...], nem todos os jovens vivem a sua juventude como uma situação de trânsito e preparação para as responsabilidades da vida adulta” (CARRANO, 2009, p. 5).

Esse constante choque e embate entre juventude e sociedade, mais uma vez, encontra-se como cerne àquela visão retrógrada do lugar comum na qual a vida do jovem tem dimensões bem marcadas e definidas, tais como: formar-se, trabalhar, sustentar seu próprio lar, constituir família, casar e não muito diferente, morrer. Essa idealização romântica da juventude já não mais comporta a experiência presente e todas as suas estruturas modificativas, vez que muitos trabalhos são identificados também como lazer do jovem (e isso não significa que não haja rentabilidade financeira, vide youtubers, atletas de e-esportes, etc.); as famílias já não pertencem àquela estrutura patriarcal clássica, destoando, inclusive, daquilo que o próprio Código Civil brasileiro apregoa em relação, por exemplo, ao casamento.

Os jovens já não saem da casa de seus pais para conquistar seus espólios sociais, apenas deixam o lar familiar quando já possuem as suas próprias conquistas; o crescimento vegetativo brasileiro já não anda ao mesmo passo largo como outrora. A tudo o que fora dito até aqui, por mais “chover no molhado” que seja, ainda pode-se concluir que uma possível modificação benéfica esteja na educação, pois,

Preparar o jovem para, no futuro, assumir sua condição de adulto é tarefa de toda a sociedade, mas, a escola, como instituição formalmente constituída para formar crianças e jovens, coloca sua dimensão técnico-pedagógica a serviço de modelos sociais da classe dominante, deixando de priorizar os interesses de seus alunos. É certo que, toda educação é política, mas o que precisa ficar claro é qual projeto político a escola pública defende (GRACIOLI, 2006, p. 53).

A escola, já há décadas, deixou de ser uma instituição voltada a atender uma pequena parcela da população como forma exclusiva de preparar o sujeito para um curso superior pertencente à elite, ela passou a se desenvolver como uma categoria social que constitui o sujeito em sua juventude. Seu papel centra-se em preparar o jovem para o futuro e para a dinâmica social de modo que ele seja integrado e não excluído.

Muito embora a escola esteja, já há alguns anos, estabelecida e focada na estruturação e segmentação pelas fases de passagem ou progresso da juventude, ainda sim se encontra muito aquém do que poderia ser visto com “ideal”.

Por outro lado, estudos recentes sobre as gerações e os ciclos de vida têm mostrado um claro esbatimento das fronteiras que separam as diferentes gerações, de tal modo

que já há referências a gerações de fronteiras ou gerações sanduíches, como é o caso da que é constituída por jovens adultos (PAIS, 2003, p. 372).

Por ser uma geração de vanguarda, o jovem sente a necessidade de fazer parte do processo, de se individualizar, de estar presente em movimentos e nas tomadas de decisão, pode-se citar de forma corroborativa ao que se tratam três grandes momentos que perfazem a elementar democracia brasileira: o primeiro, a luta contra a ditadura; o segundo, as manifestações pelas Diretas já; e terceiro momento, as mais recentes manifestações anticorrupção no ano de 2013.

Nessas três ocasiões de extrema importância à história política nacional no que concernem à democracia e política, os jovens foram os protagonistas, assumindo posicionamento e aguerrido sentimento reivindicatório de mudança que será retransmitido a outras gerações, viabilizando, por fim, muitas mudanças.

Neste sentido se encontra o pensamento de Carrano (2009) que explica que o jovem busca individualizar-se, portanto, o suporte que o jovem possui consiste naquilo que o ambiente proporciona e a influência do meio pode ser determinante naquela intenção reivindicatória, com escopo no seu ser e na mudança de cunho social.

O processo de individualização e até mesmo o de seu protagonismo é calcado em sua trajetória individual, não desconsiderando as mudanças e transformações sociais, porém, ainda assim, analisando como se processa a reação de cada sujeito frente ao plano total da sociedade.

Este fato significa urgência pela qual as políticas voltadas para a juventude devem surgir de modo local, posto que, a política social deve estar próxima a fazer parte da vida do cidadão. A postura mais acertada, politicamente falando, não é tratar políticas públicas voltadas aos jovens como forma de lazer ou entretenimento, vez que não há nesse ato o intercâmbio entre a vida do jovem e as práticas voltadas à “vida adulta”.

Carrano (2009) pontua isso de modo enfático, vez que declara que os jovens enquanto seres plurais não condizem com o que é esperado pela escola, a uniformização e a padronização – lembremo-nos de “The Wall”, inspirado na música homônima da banda Pink Floyd. “As escolas esperam alunos e o que lhes chega são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo”.

A cultura deve ser incentivada, no entanto, eleger apenas o entretenimento e a diversão ao jovem vai de encontro com os anseios que o sujeito, nessa idade, de fato ambiciona. Uma fórmula um tanto quanto ambiciosa, porém, com efeitos práticos talvez

muito positivos fora proposto por Touraine (1993 *apud* CARRANO, 2009, p. 14) em certos passos:

Afirma que o indivíduo se faz sujeito quando consegue articular um projeto de vida. Três elementos, ainda segundo Alan Touraine, são decisivos para essa projeção: 1. A resistência à dominação; 2. O amor a si mesmo – a liberdade pessoal como condição principal de sua felicidade e objetivo central; e 3. O reconhecimento dos demais sujeitos e o respaldo dado às regras políticas e jurídicas que dão ao maior número de pessoas as maiores possibilidades de viver como sujeitos.

Torna-se clara a visão de que nenhum projeto educacional ou social ao jovem vingará enquanto a estrutura se mantiver em épocas medievais. A interação deve ocorrer e com ela a autonomia do jovem se constatará pungente e presente, dinamizando o processo democrático e republicano, uma vez que se quebram as barreiras etárias relativas às responsabilidades, ou, nas palavras de Feixa e Leccardi (2010, p. 185), esse processo recente de autonomia ou “sobreposição geracional” tem validade atualmente porque “corresponde à situação em que os jovens são mais habilidosos do que as gerações anteriores em um cento de inovação para a sociedade: a tecnologia digital”.

O posicionamento anterior responde categoricamente à indagação de Carrano (2009) acerca de como seria possível contribuir para promover a autonomia do jovem. Este processo somente se realiza na mediação racional do trabalho de individuação relacionando autogerenciamento às políticas públicas e sociais voltadas à independência, ao menos cognitiva e intelectual do jovem.

Nessa perspectiva, como já aventada acima, impulsiona o jovem a não se identificar mais como uma criança e, portanto, negar qualquer tipo de tratamento que o jogue nessa “categoria”. Querem, portanto, assumir as responsabilidades da juventude e, conseqüentemente, ter contato com o que virá futuramente como obrigações da vida adulta, preparando o terreno que adentrarão e tomarão conta num estágio imediatamente posterior ao que vivem.

Para Gracioli (2006, p. 181) a ideia para a juventude que os adultos

Como a geração plena de direitos é preparada para enfrentar os desafios próprios da idade, por outro lado, os jovens são vistos como geração carente de direitos e conhecimentos e, por isso, devem estar dispostos a se prepararem para a aquisição das responsabilidades que vão lhe conferir o *status* de adulto.

O grande problema é que esta preparação é imposta e feita pelos adultos com suas visões parciais, restritas e cimentadas num passado que já não condiz com a condição de vivência do jovem atual.

Portanto, o que pode ser extraído da literatura, até aqui analisada, sobre a juventude, diz respeito à particularidade juvenil em relação aos seus valores, inquietações e ações que, assim como Pais (2003), chama “cultura juvenil”. Esses valores envolvem jovens de diferentes meios e condições sociais, diferenciando e inovando suas vivências e, de ricochete, também a sociedade. Esses valores, que também os diferenciarão, exercerão formas e trajetórias de vidas diversificadas na estruturação de uma nova sociedade, mas nunca na continuação idêntica do passado.

Destarte “torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos – porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação” (PAIS, 2003, p. 164).

Qualquer visão contrária a esse posicionamento, fatalmente poderá retroceder na famosa postura infantilizada atribuída à juventude, tratada de acordo com Pais (2003), como “um estágio da infância”, e tem por ideal de vida adulta uma liberdade irresponsável cujo fim reside na obtenção de artigos materiais, tais como veículos, vestuários e produtos eletrônicos, bem como participar de “baladas” ainda inacessíveis à sua idade, relacionamentos sexuais constantes e liberdade irrestrita, o que não se identifica com responsabilidade.

O entendimento sobre a juventude vem evoluindo com o passar dos anos, tanto sob o aspecto biológico como determina a natureza, mas principalmente nos aspectos sociais. Essa evolução nos remete ao pensamento dos jovens nos dias atuais e não nos jovens da época de cada uma que terá acesso a esse estudo. As preferências que se têm são totalmente diferentes do que os nossos pais tiveram na época em que eles eram jovens, a vida digital é um exemplo que pontua essa diferença.

De todo o exposto, ante as dificuldades que a juventude se depara, é necessária a aplicação de leis existentes e a criação de políticas públicas voltadas para a juventude atual, com colaboradores e estudiosos pensando no jovem de hoje.

1.2 EVOLUÇÃO DOS DIREITOS DA JUVENTUDE

Antes de discorrer sobre a evolução jurídica do reconhecimento dos jovens como cidadãos de direitos, importante pontuar que, por um longo período, os direitos da criança, do adolescente e do jovem mantiveram-se quase inexistentes, com pouca ou nenhuma inserção

no cenário jurídico mundial. Porém, pode-se afirmar que na atualidade os direitos da criança e do adolescente recebem também espaço na sociedade (OLIVEIRA, 2017).

Segundo Oliveira (2017, p. 340), a falta “de um sistema protetivo pouco eficaz passou, ao longo do tempo, a ser motivo de preocupação para a população mundial, que via o índice de crianças e adolescentes abandonados e explorados, aumentar cada vez mais”.

A evolução destes direitos foi de extrema importância, pois, apontou para profundas modificações no âmbito das concepções, da linguagem e conseqüentemente da adequada fabricação da realidade social. Desta forma, o reconhecimento do estado onde os sujeitos possuem seus direitos como as crianças, os adolescentes e os jovens fez com que passassem a integrar de fato uma sociedade que agora lhes garante proteção (OLIVEIRA, 2017).

As lutas foram muitas e muito também se caminhou quanto aos direitos e garantias dos jovens e, em outubro de 1986 foi realizado em Brasília o "Encontro Nacional Criança e Constituinte", quando a visão do problema da juventude passou ser de âmbito nacional, as medidas, defendidas no plenário, foram aprovadas. E o resultado deste Encontro foi assegurado no artigo 227, na Lei de maior força do direito brasileiro, ou seja, da Constituição Brasileira de 1988 e na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, aprovado em 1990.

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) foi aprovado pelo Congresso Nacional, em que se criou a Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990, constituindo uma legítima revolução social, pois nesse período para ser autorizado contou com incentivo das partidos do governo e da oposição. Somente no ano de 2010, em 8 de julho, que o Senado Federal aprova o PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Juventude que inclui a palavra "jovem" no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal. Desta forma, o documento garante ascensão imediata aos direitos dispostos na Constituição Federal de 1988 para as crianças, adolescentes e idosos, baseado pelo Projeto Lei nº 4529 de 2004.

O ECA, instituído pela Lei nº 8.069 de 1990, em seu 1º art. informa que “esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente”. Desta forma, interpreta-se que de acordo com o nome criado para a própria lei, confirma ser um estatuto que aborda particularmente um universo perpetuado ao tratamento social por meio de legislação específica, e, fica determinado o que proporcionar às crianças e adolescentes do país, seguindo uma extensão para dar proteção e direito à cidadania, informado na Constituição de 1988 (BRASIL, 1990).

Rodrigues (2013), em seus estudos, concluiu que a partir de 2003 o cenário das políticas públicas de juventude no Brasil mudou qualitativamente, uma dessas mudanças foi a aprovação de projetos como Prouni (2004), Projovem (2005) e Proeja (2006) mudando a vida

de milhares de jovens. Do ponto de vista institucional, em 2005 foi criada a Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude além da realização de duas Conferências Nacionais de Juventude (2008 e 2011). Com a PEC da Juventude aprovada em 2010, a Constituição de 1988 passou a tratar finalmente esta parcela da população como portadora de direitos específicos.

Por fim, com a promulgação da Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, o Estatuto da Juventude foi instituído garantindo a institucionalização das políticas públicas e dos direitos das pessoas entre 15 e 29 anos, sendo, portanto, uma das etapas mais importantes da vida para a definição da pessoa, seus interesses, seus projetos e suas relações com o mundo ao seu redor (BRASIL, 2013).

A Lei nº 12.852 de 2013, institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE). O Estatuto da Juventude confere aos jovens, entre 15 a 29 anos (art. 1, §1), 11 direitos:

- I – Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil – o mais importante deles, pois garante à juventude, a voz ativa (autonomia e poder) de decisão social e criação de projetos que os digam respeito;
- II – Direito à educação – ampliando direitos como o do transporte à universidade (no campo ou na cidade);
- III – Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda;
- IV – Direito à Diversidade e à Igualdade;
- V – Direito à Saúde;
- VI – Direito à Cultura;
- VII – Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão;
- VIII – Direito ao Desporto e ao Lazer;
- IX – Direito ao Território e à Mobilidade- vale aqui destacar o ID Jovem (o documento que possibilita acesso aos benefícios de meia-entrada em eventos artístico-culturais e esportivos e também a vagas gratuitas ou com desconto no sistema de transporte coletivo interestadual);
- X – Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente;
- XI – Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça (BRASIL, 2013).

Com a criação do Estatuto da Juventude, foi necessária alteração na Constituição Federal, que foi feita através da emenda constitucional n.65, alterando a redação do artigo 227 da Constituição Federal que passou a vigorar com a seguinte redação:

Art. 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 1º O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente e do jovem, admitida a participação de entidades não governamentais, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:

I - aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na assistência materno-infantil;

II - criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação.

§ 2º A lei disporá sobre normas de construção dos logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência.

§ 3º O direito à proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

I - idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;

II - garantia de direitos previdenciários e trabalhistas;

III - garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola;

IV - garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica;

V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;

VI - estímulo do poder público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;

VII - programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.

§ 4º A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.

§ 5º A adoção será assistida pelo poder público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.

§ 6º Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

§ 7º No atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se-á em consideração o disposto no art. 204.

§ 8º A lei estabelecerá:

I - o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens;

II - o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas (BRASIL, 1988).

Para Medina (1998 *apud* SEVERO, 2010) definir os direitos e uma agenda de políticas públicas acerca dos jovens no Brasil é imprescindível a quem esses direitos e políticas públicas irão alcançar. A juventude é considerada como um período de moratória da infância para a vida adulta, dando um enfoque a uma vertente funcionalista, onde seu essencial desempenho é sua fundamental preocupação é dar atendimento ao processo de integração dos jovens às regras de conformidade com as pautas da ordem estabelecidas.

Neste sentido, na visão que o jovem ainda é ser social não integrado na sociedade:

No Brasil as referências conceituais trabalhadas por pesquisadores ou pelos poderes Executivo e Legislativo se construíram a partir das Nações Unidas que definiram o jovem como um segmento populacional, caracterizado com idade de 15 e 24 anos (ORGANIZACIÓN...,1996,). O Governo Federal, através da Secretaria Nacional de Juventude adotou a idade mínima da ONU de 15 anos e estendeu até 29 anos o

limite (Brasil, 2005a). A Comissão de Juventude da Câmara dá a mesma definição etária de jovem, mas, através das propostas do Estatuto da Juventude e do Plano Nacional de Juventude, vem considerando que o conceito de jovem no Brasil ainda está sendo construído, dado que é um tema muito peculiar e deve ser trabalhado e estudo de forma criteriosa (BRASIL, 2005b, *apud* SEVERO, 2010, p. 2 -3).

O Estatuto da Juventude foi o primeiro passo dado para o fortalecimento de segurança dos direitos dos jovens, e embora se entenda que o estatuto da juventude foi um grande avanço, porém, é preciso avançar, garantir que a base jurídica aprovada agora se concretize através de políticas reais que alcancem a sociedade.

2. ENSINO TÉCNICO ALICERCE PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A educação é um direito social assegurado na Constituição Federal Brasileira 1988, de acordo com o 6º art. que diz: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (BRASIL, 1988).

Educação profissional técnica igualmente é um direito amparado por lei, e todos os estudantes que manifestarem o interesse de usá-lo, estão protegidos pelo Estado.

A formação profissional juntamente com o ensino médio regular, é apresentada como um dos avanços das novas leis de educação, que se estrutura por meio dos tempos devido a uma necessidade do jovem para o fortalecimento da cidadania e inserção no mercado de trabalho.

Saviani (2011) evidencia que o sistema de educação profissional e tecnológico brasileiro apresenta vários níveis, que se constituem de três segmentos, de acordo com a Lei nº 11.741/2008, que alterou dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a saber: a) formação inicial e continuada ou qualificação profissional; b) educação profissional técnica de nível médio e c) educação profissional tecnológica de nível superior ou de graduação e pós-graduação.

Deste modo, infere-se que a educação profissional e a educação técnica fazem parte, respectivamente do ensino médio e da educação superior, regulamentado pelo Decreto Lei nº 5.154, promulgado em 23 de julho de 2004, a regulamentar a matéria, cujas linhas básicas já estavam inseridas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2004).

No âmbito federal cita a Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008, que traz alterações importantes no que diz respeito à abrangência e aos segmentos da educação profissional técnica, bem como a articulação desta com o ensino técnico, alterando os artigos 39, 40, 41 e 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ficando com a seguinte redação:

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

§ 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino.

§ 2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos:

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;

II – de educação profissional técnica de nível médio;

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

§ 3º Os cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação organizar-se-ão, no que concerne a objetivos, características e duração, de acordo

com as diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação.

Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho.

Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

Art. 42. As instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionados à matrícula, à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade (BRASIL, 1996).

A lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 instituiu a Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica e os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2008). E por fim, a Lei nº 11.778, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre os termos, condições e objetivo dos estágios práticos curriculares em empresas, além de definir a natureza educativa dessa formação e introduzir alguns direitos para aprendizes (BRASIL, 2008).

A educação técnica profissional é um direito amparado por lei, e todos os estudantes que dele fizerem jus, estão legalmente amparados pelo Estado de Direito, corroborando com a nossa Constituição Federal de 1988 que diz: “a educação, direito de todos e dever do estado e da família, será provida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

2.1 ENSINO TÉCNICO E FORMAÇÃO PROFISISONAL

O ensino técnico não deve ser encarado como um programa de caridade ofertado aos jovens e até mesmo a adultos em desvantagem social, e muito menos deve ser olhado por um parâmetro de diminuição de disputa pelo ensino superior (FERREIRA JR et al., 2015).

No ensino técnico, no que diz respeito à aprendizagem, o objetivo geral é a integração em todos os sentidos entre a formação profissional e educação geral, de maneira a aprimorar os esforços de todos os envolvidos, ou seja, professor e aluno e os recursos disponíveis, na mesma direção de trabalhar as competências de formação geral, com as de formação profissional (técnica), de maneira que elas se inter-relacionem, nas habilidades, competências e valores desenvolvidos nos componentes curriculares referentes à formação

geral sejam contextualizados e exercitados nas práticas de formação técnica (GRACIANO, 2018).

O ensino técnico no Brasil foi considerado uma formação complementar ao ensino médio, e pode cumprir um papel muito importante no desenvolvimento do estudante, pois a como formação profissional dá condições de buscar a inserção no mercado de trabalho (FERREIRA JR et al., 2015).

Nesse sentido, Krawczyk (2011 *apud* SILVA, 2015, p. 384) complementa que “o conhecimento é identificado como o capital mais importante do trabalhador nas novas formas de produção”, o que facilita a inserção no mercado do trabalho. É consequência da transformação dos arranjos produtivos aliados às inovações tecnológicas relacionadas ao poder e à desigualdade. Requer a organização de trabalho com profissionais altamente qualificados: cada vez que há retração no mercado de trabalho aumentam as exigências relacionadas à escolarização. Mesmo atendendo a essas exigências, não há garantia de acesso ao emprego do jovem ou, também subentendido, do trabalhador qualificado (KRAWCZYK, 2011 *apud* SILVA, 2015).

De acordo com os relatos de Paiva (2013, p. 46) é considerada educação profissional desde quando houve “sua implantação, no início do século passado, aos dias atuais e passou por uma série de transformações, que ocorreram sempre em momentos em que a economia estava passando por um algum momento de entusiasmo, gerando assim mudanças nesse campo de ensino”.

Os autores Tominaga e Carmo (2015, p. 190) esclarecem que o ensino técnico em relação à formação profissional de nível técnico deve ser considerado, conseqüentemente, sob dois aspectos.

De um lado, como dois processos distintos, cada um com uma finalidade própria, mas dicotômicas entre si, um com o fim de preparar para o mercado de trabalho e outro com o fim de preparar para o prosseguimento dos estudos. De outro lado, podem ser entendidos como processos integrados que resultam em um único processo, integra ambas as funções, a de formação geral e profissional, com horizonte a uma formação integral do ser humano. No primeiro caso, o ensino médio é independente da educação profissional, não se relaciona com ela diretamente, tem como função principal a formação acadêmica geral, para preparo do estudante para prosseguir nos estudos. No segundo caso, ensino médio e educação profissional são constituintes de um mesmo processo, de modo integrado, com finalidades que atendem tanto ao prosseguimento dos estudos em nível superior, como para a formação profissional, tendo como eixo estruturante a ciência, o trabalho e a cultura.

Explicitando esses momentos, cita-se a criação das Escolas de Aprendizes Artífices, quando acontecia no país o período de urbanização acelerado com amplos fluxos de pessoas se deslocando para as áreas produtoras de café para os núcleos urbanos. Na sequência teve

outro fator que colaborou para essa ampla modificação que foi o aumento da atividade industrial em determinados centros urbanos que impulsionava as atividades fabris até mesmo em outros lugares (PAIVA, 2013).

Do grande entusiasmo com as atividades da indústria nacional surgiram as “Escolas Técnicas” como meio de suprir a necessidade de se ter mão de obra qualificada para ambos os setores da sociedade brasileira (PAIVA, 2013).

Paiva (2013, p. 46-47) afirma que:

Durante a Ditadura de Getúlio Vargas houve uma retomada do ensino técnico com o propósito de realinhar os objetivos e metas do ensino técnico. Foi nesse período que essa modalidade de ensino mais foi modificada. Primeiro foi a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1930 que passou a supervisionar as Escolas de Aprendizes Artífices, através da Inspeção do Ensino Profissional Técnico; em seguida com a promulgação da Constituição de 1937 que tratou pela primeira vez do ensino técnico, profissional e industrial; após a constituição foi assinada a Lei 378, que transformou as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Industriais, destinados ao ensino profissionalizante, de todos os ramos e graus; com ascendência ao Ministério de Gustavo Capanema, e a realização da reforma com nome do próprio ministro, vigorou uma série de leis; como por exemplo, a transformação quando o ensino profissional passou a ser considerado de nível médio, as escolas industriais passa a depender de exames de admissão, os cursos são divididos em dois níveis: curso básico industrial, artesanal, de aprendizagem e de mestría, o segundo, curso técnico industrial. Por último o Decreto 4.127, de 25 de fevereiro de 1942, transformou os Liceus Industriais em Escolas Industriais e Técnicas, passando a oferecer a formação profissional em nível equivalente ao do secundário. Mais uma vez todas as transformações ocorreram no momento em que indústria nacional se fortalecia com apoio governamental e com auxílio de capitais estrangeiros e mais uma vez ao ensino técnico foi colocada a tarefa de formação de mão de obra para essa indústria em expansão. No período da Ditadura Militar (1964 a 1984) mais uma vez as mudanças ocorreram de forma intensa em 1967 com promulgação do Decreto 60.731 transfere as Fazendas Modelos do Ministério da Agricultura para o Ministério da Educação e Cultura que passa a funcionar como escolas agrícolas e em 1971 a Lei 5.692 torna técnico-profissional todo currículo do segundo grau compulsoriamente. É obvio que as mudanças instituídas pelo regime militar ignorando os professores, pesquisadores e alunos em nome de uma pedagógica tecnicista não poderia dar bons frutos; ao contrário foi um desastre na educação nacional. De novo o País vivia um momento de euforia no campo da economia e o ensino profissional é convocado para dar uma resposta à formação de mão de obra para uma expansão segura. Restaurada a democracia o que de concreto ocorreu nos períodos posteriores foi simplesmente o abandono do ensino técnico, com a LDB (que não colocou o ensino técnico como protagonista no cenário da política educacional e posteriormente com adoção do Decreto 2.008 adotada pelo governo Fernando Henrique Cardoso o ensino profissionalizante de nível médio chegou ao fundo do poço). Seu resgate começou com a publicação do Decreto 5.154 em 2004. Nos dois últimos anos, contudo, o ensino técnico vem ganhando muito destaque pelas ações publicitárias do Ministério da Educação e Cultura veiculadas em mídia nacional; além dos investimentos realizados na implantação de novos institutos. Há que se destacar, todavia, que um ponto permaneceu intacto, a visão produtivista da educação profissional.

De acordo com o documento criado pelo Ministério da Educação referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio,

considera-se que nessa conjuntura de informações relevantes deve-se contemplar que a função da Educação Profissional e Tecnológica para o desenvolvimento social nacional tem que ir além do limite exatamente educacional. Assim, referente à modalidade educacional proporcionar conhecimento teórico, progressos e limites que contempla a educação, ao mesmo tempo, qualifica desenvolvendo habilidades, atitudes e uma formação íntegra para trabalhar (BRASIL, 2013).

Complementa a necessidade de se pensar na formação dos professores da Educação Profissional como na vivência profissional e na sua experiência como trabalhador:

Na realidade, em Educação Profissional, quem ensina deve saber fazer. Quem sabe fazer e quer ensinar deve aprender a ensinar. Este é um dos maiores desafios da formação de professores para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. É difícil entender que haja esta educação sem contar com profissionais que estejam vinculados diretamente com o mundo do trabalho, no setor produtivo objeto do curso. Entretanto, os mesmos precisam estar adequadamente preparados para o exercício da docência, tanto em relação à sua formação inicial, quanto à formação continuada e permanente, pois o desenvolvimento dos cursos técnicos deve estar sob a responsabilidade de especialistas no segmento profissional, com conhecimentos didático-pedagógicos pertinentes para orientar seus alunos nas trilhas do desenvolvimento da aprendizagem e da constituição dos saberes profissionais (BRASIL, 2013).

O ensino técnico, em suas diversas áreas profissionalizantes: saúde, gestão, industrial entre outras, foi objeto de estudo na área da educação e da sociologia, assim, como da sociologia do trabalho, posto que, fazem parte da construção da escola e da implementação do Estado Moderno (ALVES, 2013).

Deste modo, Alves (2013, p. 105), ressalta que

Estes diferentes enfoques mostram antes de tudo, a multiplicidade de perspectivas, mas simultaneamente, a complexidade analítica resultante dos diferentes contributos, inter e transdisciplinares. Desde logo, o contributo sociológico obriga-nos a inserir este subsistema dentro das funções chave da escola, que tem o papel de integrar os alunos no contexto social e de diferenciar para poder cumprir o papel específico que a sociedade lhes tem destinado. Os códigos culturais que transmite são nucleares para garantir a coesão social, a participação cívica, em suma a defesa da ordem estabelecida. A qualificação enquanto recursos humanos permite o fornecimento ao mercado laboral de profissionais capazes de garantirem a expansão econômica.

A educação técnica deve estar no cerne das mudanças educacionais as quais derrubam a barreira entre o ensinar e o educar, dando ao aluno maior escolaridade, a oportunidade de ter uma profissão, aumentando desta forma, sua autoestima e colaborando para um desenvolvimento social e econômico sustentável.

Muito mais que isso, o ensino técnico de qualidade é imprescindível, porque se necessita de técnico de nível médio com alto padrão de excelência, em todas as camadas sociais.

Inferre que para a educação não há fórmulas básicas, mas existem caminhos que podem se traduzir em princípios para ação pedagógica, onde que se quer é fato transformar. Portanto, defende uma educação profissional onde associe uma visão global da sociedade, da organização do trabalho (fragmentada técnica e socialmente) e da prática profissional na qual desenvolva a capacidade do aluno e escolher e decidir a melhor forma de atuar nas possibilidades culturais e científicas (FERNANDES, 2009).

De acordo com Bastos e Gomes (2014, p. 4) a relevância “do ensino e carreira técnica para o desenvolvimento tecnológico, econômico e social do Estado, legitima-se na responsabilidade social da escola técnica pública enquanto executora de políticas sociais, pois ela pode proporcionar aos jovens uma direção para o início de suas carreiras profissionais”.

De todo o exposto, pode-se dizer que a educação é uma importante ferramenta para as mudanças sociais e econômicas, e sem educação eficiente, dificilmente verifica-se transformações nos padrões socioeconômicos de um país. O ensino técnico é um caminho para aumentar a mão de obra qualificada para as empresa. Assim, o ensino técnico é o caminho mais curto para inserção no mercado de trabalho, além de ser um fator favorável para a educação, e ainda vida atender os anseios do mercado de trabalho que busca mão de obra qualificada para as novas oportunidades de trabalho que a tecnologia e a comunicação proporcionam (GRACIANO, 2018).

2.2 EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO E A RELEVÂNCIA NO CENÁRIO SOCIAL E EDUCACIONAL

A evasão escolar é um tema que faz parte dos debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira e que, contudo, ocupa atualmente relevância no cenário das políticas públicas educacionais.

De acordo com Riffel e Malacarne (2010 *apud* BASTOS; GOMES, 2014, p. 2) o termo evasão “significa o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade”.

A evasão é um dos problemas não resolvidos da escola, causando preocupação nos profissionais da área da educação. O fenômeno da evasão vem sendo objeto de estudo como um fracasso da vida de um único sujeito ou como um fracasso da escola. Inúmeras são as explicações e argumentos sociológicos, pedagógicos, educativos e pedagógicos, que habitualmente mudam o foco da responsabilidade, associando-a ao jovem e, dificilmente à instituição de ensino (MARGIOTTA et al., 2014).

Bastos e Gomes (2014, p. 2) afirmam que

A evasão escolar é um tema muito estudado e debatido, e mesmo assim sabe-se da dificuldade que é identificar e contornar precocemente suas causas para prevenir o aluno do abandono. Isso porque a evasão possui uma natureza multiforme: a escolha de sair da escola é apenas o ato final de um processo que se manifesta de muitas formas, visíveis ou não, ao longo da trajetória escolar do indivíduo.

As causas da evasão segundo Ferreira (2013 *apud* BASTOS; GOMES, 2014, p. 4), devem ser classificadas conforme seus fatores determinantes, assim, da seguinte forma:

- a) Escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação, etc.
- b) Aluno: desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez.
- c) Pais ou responsáveis: não cumprimento de o pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos, etc.
- d) Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre alunos, violência em relação a gangues, etc.

Os autores apontam que por qualquer que seja o motivo, o abandono ou desistência escolar na juventude podem ter consequências negativas na vida do jovem na transição para a vida adulta (BASTOS; GOMES, 2014).

De acordo com Ferreira (2013 *apud* BASTOS; GOMES, 2014, p. 4) “o fracasso escolar e a conseqüente evasão, denotam o próprio fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que se vivencia no cotidiano, no qual a distância formada pela teoria e a prática desafia a inteligência do indivíduo”.

Vários fatores podem ocasionar a evasão escolar. Dentre eles, ensino mal aplicado por meio de metodologia inadequada, professores mal preparados, problemas sociais, financeiros e descaso por parte do governo. O debate acerca do problema varia conforme o ponto de vista dos debatedores. Poder partir tanto do papel da família quanto do Estado e da escola em relação à vida escolar do jovem, ou também das elites dominantes, sejam elas econômicas, religiosas ou de outra espécie (BASTOS; GOMES, 2014).

Os autores Bastos e Gomes (2014, p. 11) expõem que

As causas da evasão escolar são variadas. Condições socioeconômicas, culturais, geográficas, programas didático-pedagógicos e a baixa qualidade do ensino das escolas podem ser apontadas como causas possíveis para a evasão escolar no Brasil. O que realmente importa não é apenas ter conhecimento das causas da evasão, mas sim rechaçá-las. Identificar os alunos com risco de abandono e tratar tal situação de forma diferenciada, acompanhando e informando o aluno da importância da formação acadêmica, pode fazer com que esse aluno mantenha-se no ambiente escolar e siga seu percurso rumo ao seu desenvolvimento.

Um estudo sobre o fenômeno do abandono escolar na Europa, no novo milênio, apontou alguns elementos relacionados à evasão. Nesse sentido, Maragiotta et al (2014, p. 352) expõem os seguintes elementos que ensejam a evasão

- a) O abandono escolar compreende todas as formas de abandono da instrução e da formação, antes da conclusão do ensino médio ou dos seus equivalentes na formação profissional;
- b) A natureza multifatorial das causas do abandono escolar é resultante de um processo no qual se entrelaçam diversas circunstâncias individuais, fatores educacionais e condições socioeconômicas;
- c) O fenômeno da evasão escolar deve ser compreendido em termos regionais e locais, evitando generalizações e universalismo enganosos, para dar respostas contextuais ao fenômeno;
- d) As estratégias de prevenção, de intervenção e de compensação, tais como políticas eficazes de combate à evasão, devem ser identificadas, mantendo sempre a prevenção como estratégia mais eficiente de compensação dos efeitos negativos produzidos pelo abandono;
- e) As inúmeras experiências de combate ao abandono escolar devem ser interligadas, já que muitas vezes permanecem confinadas ao nível local ou regional, quando deveriam, ao contrário, criar um know-how comum e compartilhado.

A evasão escolar tem problemas que ultrapassam fronteiras, ocorrendo tanto em países desenvolvidos como também em países subdesenvolvidos, por diversos aspectos, social, econômico e político, ensejando as mesmas causas que levam o aluno a abandonar seus estudos.

Quando se aborda sobre o tema evasão escolar, a literatura oferece um conjunto de definições amplas, que muitas vezes não se dialogam, assim, como consequência gera equívoco ou inclusive restrições nas apreciações das informações adquiridas (FIGUEIREDO; SALLES, 2017).

Dore e Lüscher (2011, p. 775 *apud* FIGUEIREDO; SALLES, 2017, p. 357-358), sobre a evasão escolar apresentam a seguinte definição

A evasão escolar tem sido associada a situações tão diversas quanto a retenção e repetência do aluno na escola, a saída do aluno da instituição, a saída do aluno do sistema de ensino, a não conclusão de um determinado nível de ensino, o abandono da escola e posterior retorno. Refere-se ainda àqueles indivíduos que nunca ingressaram em um determinado nível de ensino, especialmente na educação

compulsória, e ao estudante que concluiu um determinado nível de ensino, mas se comporta como um *dropout*².

Segundo Johann (2012, p. 65 *apud* FIGUEIREDO; SALLES, 2017, p. 357-358),

A evasão é um fenômeno caracterizado pelo abandono do curso, rompendo com o vínculo jurídico estabelecido, não renovando o compromisso ou sua manifestação de continuar no estabelecimento de ensino. Esta situação de evasão é vista como abandono, sem intenção de voltar, uma vez que não renovando a matrícula rompe-se o vínculo existente entre aluno e escola.

A Comissão Especial de Estudos Sobre Evasão (1996), designada pelo MEC produziu um material que distingue três tipos de evasão no ensino superior, onde há o reconhecimento da não unanimidade em relação ao conceito de evasão, seguido da recomendação de que a opção por esta ou aquela definição esteja em consonância com o objeto particular do estudo, o que evitaria o risco de generalizações ou simplificações (FIGUEIREDO; SALLES, 2017).

Desta forma, os autores Figueiredo e Salles (2017, p. 358) afirmam que o documento descrito pela Comissão Especial de Estudos Sobre Evasão classificam três tipos de evasão no ensino superior:

- Evasão de curso: quando o estudante desliga-se do curso superior em situações diversas tais como: abandono (deixa de matricular-se), desistência (oficial), transferência ou reopção (mudança de curso), exclusão por norma institucional;
- Evasão da instituição: quando o estudante desliga-se da instituição na qual está matriculado;
- Evasão do sistema: quando o estudante abandona de forma definitiva ou temporária o ensino superior

A Comissão Especial de Estudos Sobre Evasão nos documentos apresentados relatam que a não existência, em nível nacional de conjunto de dados referentes aos alunos evadidos dos diversos cursos, trazem extremas dificuldades, por exemplo, à aquisição de informações sobre mobilidades dos alunos (FIGUEIREDO; SALLES, 2017).

Os autores fizeram um levantamento das informações sobre evasão e declararam

Ao contrário do que ocorre nos níveis fundamental e médio, o ensino técnico não conta com uma quantidade expressiva de estudos sobre evasão, o que dificulta tanto a construção de um referencial teórico sólido quanto o levantamento de indicadores a serem utilizados nas pesquisas empíricas (DORE; LÜSCHER, 2011; MACHADO; MOREIRA, 2012; SALES; CASTRO; DORE, 2013, *apud* FIGUEIREDO; SALLES, 2017, p. 359-360).

² Estudante que largou os estudos.

De acordo com as concepções apresentadas acerca da evasão, entende-se que o abandono escolar faz parte da última etapa de um processo eficaz e cumulativo do estudante na vida escolar, além de uma grande variedade de fatores, dentre eles relacionados à escola, à família e ao trabalho (RUMBERGER, 1995, *apud* FIGUEIREDO; SALLES, 2017).

Para que todos os motivos elencados da evasão sejam minimizados, Lopes (2010 *apud* BASTOS; GOMES, 2014, p. 4), salienta

Que para que esses motivos sejam minimizados, alguns desses problemas dependem de ações do poder público. Outros, contudo, podem ser solucionados com iniciativas tomadas ao longo do ano pelos gestores escolares e suas equipes, que têm a responsabilidade de assegurar as condições de ensino e aprendizagem - o que, obviamente, se perde quando o aluno não vai à aula. Existem casos de alunos que deixam de ir à escola porque apresentam um desempenho ruim e há também aqueles que, no extremo oposto, evadem ou abandonam os estudos por não se sentirem desafiados e estimulados. Tais situações requerem a parceria e o trabalho multidisciplinar entre os profissionais da escola, e por vezes, a implantação de projetos de formação que auxiliem o professor a “ensinar para todos”, não excluindo nenhum aluno.

A evasão escolar é um problema agregado por uma soma ampla de fatores, e tem-se que existir na mente que o problema da evasão não apresentou procedência, e desta forma, não possuirá um término por si somente, assim, não ficando unicamente vinculado à desestruturação das famílias, às políticas públicas governamentais ou também a dificuldades cognitivas apresentadas pelos alunos (BASTOS; GOMES, 2014).

A postura do jovem em relação à escola e à educação profissionalizantes reflete a própria característica do jovem na sociedade atual, com desigualdades e exclusão social.

Deste modo, Dore (2013 *apud* BASTOS; GOMES, 2014, p. 6) afirma que

Reconhece que para prevenir a evasão escolar faz-se necessário compreender, orientar e acompanhar o aluno no momento em que realiza a sua primeira escolha no campo da formação profissional. Isso pode levar à significativa redução das taxas de abandono e/ou outros tipos de fracasso escolar. Tal prevenção é de fundamental importância para o aluno e para a sociedade, pois a evasão é uma das principais razões para a baixa qualificação e habilitação profissionais.

As mudanças ocorridas no início do novo milênio, as migrações, a globalização dos mercados, os novos meios de comunicação e a estagnação econômica, ensejaram o problema da evasão, problema este não mais restrito ao debate setorial da educação, mas também um problema no campo de política pública, mais precisamente na falta delas (MARGIOTTA et al., 2014).

Importante ressaltar neste contexto que a evasão escolar se dá de desdobramentos de diferentes naturezas implicados no fenômeno, e que ações governamentais, ou até mesmo, o

fomento de políticas públicas quanto à permanência do aluno no período do curso. Não podendo deixar de mencionar duas abordagens de extrema importância como os fatores externos, a saber, trabalho, desigualdades sociais e os fatores internos como: metodologias utilizadas pelo professor e linguagem do mesmo.

3. A PESQUISA

Considerando que evasão ocorre quando um aluno deixa de frequentar a escola, e historicamente é um dos tópicos que faz parte dos debates e análises da educação pública, foi realizada esta dissertação, por meio da pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, dissertação e tese. Desta forma, a sustentação dos objetivos e elaboração do roteiro das entrevistas semiestruturadas foi realizada para compreender o motivo da evasão escolar no Ensino Técnico, sendo feita uma parte das entrevistas na ETEC pesquisada no município e nos municípios onde residiam os entrevistados.

Foram elaborados cinco tipos de entrevistas semiestruturadas, uma para o Diretor, uma para a Coordenação pedagógica, uma para coordenadores de cursos técnicos, outra para professores e outra para alunos evadidos, cujas grelhas para análise encontram-se como apêndice dessa dissertação.

Importante salientar que o projeto da presente pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa na data de 04/09/2017, tendo sua aprovação em 11/12/2017 sob o CAAE: 77220817.8.0000.5408.

A análise e interpretação da fala do Diretor, Coordenadora Pedagógica, Coordenadores de Cursos, Professores e alunos evadidos, basearam-se em Bardin (2011), análises de dados qualitativos, que para proceder ao tratamento da informação e análise de conteúdo elenca grelhas de categoriais de acordo com a natureza do material investigado. Quanto aos dados e informações de cunho quantitativo relacionam-se categorias fixas em uma única grelha de análise. No que diz respeito aos procedimentos para a análise de conteúdo de cunho qualitativo, como entrevistas, serão direcionadas por duas etapas de tratamento da informação: leitura sistematizada individual orientada por categorias iniciais da grelha vertical, leitura sistematizada comparativa das categorias e unidades em grelhas horizontais.

3.1 PERCURSSO METODOLÓGICO

Nesta seção será exposto o desenvolvimento da pesquisa de campo especificando a preparação, execução e tratamento das entrevistas.

Para o desenvolvimento da pesquisa houve o contato via telefone com o Diretor da Instituição de Ensino Técnico de Olímpia solicitando autorização para realizar as pesquisas com ele e também com alguns membros da sua escola como: Coordenadora Pedagógica,

Coordenadores de Cursos, Professores e, para obter informações e contatos de alunos que haviam evadido da referida instituição de ensino. E foi sugerido que esta visita acontecesse às terças-feiras, posto que, era o dia da semana em que havia reunião com a direção e coordenação de cursos.

Desta maneira, conforme autorizado pelo Diretor, no dia 27 de março de 2018, procederam-se as entrevistas com a equipe na Instituição de Ensino Técnico. Neste encontro foi datado e assinado pelos entrevistados, o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, em duas vias; uma delas foi-lhes entregue, e a outra, arquivada. O modelo se encontra no Apêndice I ao Apêndice IV. Quando aos três entrevistados menores de idade, seus responsáveis legais se encarregaram da assinatura.

Após o preenchimento, deu-se início a gravação de áudio das entrevistas com o auxílio do roteiro das questões previamente elaborado. Estas tinham foco na visão da evasão escolar a fim de evitar conclusões precipitadas que reforçassem os motivos investigados pela pesquisa. Importante salientar que, a cautela na coleta de dados ofereceu informações mais completas, precisas e seguras para a interpretação dos relatos dos entrevistados. Resultando em reflexões sobre os motivos que levam à evasão, o reflexo no mercado de trabalho e a na situação socioeconômica destes alunos. Nesse sentido: “a pesquisa é desenvolvida mediante o concurso de conhecimentos disponíveis e a utilização de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos” (GIL, 2002, p. 17).

As entrevistas tiveram início com o Diretor, o qual se portou de forma muito acolhedora e foi muito participativo durante todo o processo, posto que, a evasão é um problema que a Instituição de Ensino Técnico enfrenta.

Em seguida procedeu-se a entrevista à Coordenadora Pedagógica, que também foi muito produtiva. Em seguida, a entrevista foi realizada na sala de coordenação, primeiramente com o Coordenador do Curso de Administração, depois com o Coordenador do Curso de Serviços Jurídicos e por último com a Coordenadora do Ensino Médio Integrado ao Técnico. Importante ressaltar que na data da entrevista se encontravam na unidade escolar os coordenadores mencionados acima.

Como muitos docentes residem em outro município, a entrevista com os docentes foi realizada na sala dos professores. O primeiro foi o professor do curso de Informática, seguido pelo professor do curso de Administração e por último por um professor do curso de Química.

Neste mesmo dia, foi feito o contato pessoalmente com a orientadora educacional, para apresentar a pesquisa, e esta forneceu uma lista com vinte nomes e telefones de alguns

alunos evadidos daquela Instituição de Ensino Técnico, para que posteriormente pudesse ser feito o contato para proceder às entrevistas.

Em abril de 2018 foram realizados contatos com todos os 20 alunos da lista que foi entregue para verificar se concordariam em fazer parte da pesquisa, muitos não atenderam, alguns não concordaram em serem entrevistados, outros não se opunham, porém colocavam vários empecilhos como dia, horário, trabalho e acabavam não fazendo a entrevista, mas quatro alunos dos vinte alunos contatados aceitaram.

A autorização para a realização das entrevistas não foi nada fácil, houve uma certa resistência por parte dos alunos evadidos, porém com o esclarecimento acerca do trabalho, conseguiu-se que os alunos concedessem a entrevista.

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas, e algumas resultaram em textos extensos em função da disponibilidade e vontade dos entrevistados em oferecer o relato e a contribuição para a pesquisa. A duração média dos áudios das gravações foi de dez minutos. As observações e dinâmica das entrevistas encontram-se no Apêndice I ao Apêndice IV.

O modelo dos documentos apresentados nos apêndices não contém as assinaturas visando garantir ao anonimato dos entrevistados. Tanto a transcrição, quanto o termo de reconhecimento e autorização explicitaram a forma como os entrevistados seriam relacionados na pesquisa, correspondendo à escola onde aconteceu a pesquisa, garantindo o anonimato dos treze participantes, ou seja, um diretor, um coordenador pedagógico, três coordenadores de cursos, três professores e quatro alunos evadidos, que foram relacionados para a análise de conteúdo.

Para o tratamento das informações das entrevistas realizadas desenvolveram-se duas grelhas de análise do perfil dos entrevistados, sendo a primeira grelha, uma tabulação do perfil dos funcionários e a segunda grelha, uma tabulação do perfil dos alunos evadidos da Instituição de Ensino pesquisada, resultando na quantidade de onze grelhas verticais de cada entrevistado.

A grelha 1 inclui um quadro que descreve o perfil dos funcionários da Instituição de Ensino pesquisada.

Grelha 1 – Tabulação das respostas referente ao perfil da equipe gestora e professores da Instituição de Ensino								
Cargo	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Coordenador de curso 1	Coordenador de curso 2	Coordenador de curso 3	Coordenador pedagógico 1	Diretor 1
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino
Idade	34	29	71	44	32	43	35	36
Formação Acadêmica	Licenciado e bacharelado em química tecnológica	Engenharia da computação	Ciências Econômicas	Letras Português e Espanhol	Administração	Direito	Licenciatura em matemática e pedagogia	Ciências Biológicas e pedagogia
Habilitação Técnica	Técnico em química	Técnico em Informática	Químico industrial	Contabilidade	Informática	Técnico em Serviços Jurídicos.	Técnico em Administração	Não possui habilitação técnica

Fonte: Própria autora.

...

Analisando a grelha 1 dos cargos dos profissionais entrevistados, nota-se que no ensino técnico há mais alunos do sexo masculino, representados por 75%, e 25% representados pelo sexo feminino. Desta forma, na atualidade, nota-se que os homens continuam se destacando na esfera pública e principalmente em cargos como coordenadores, professores e diretores no ensino técnico.

Souza (2007, p. 51) apresenta maiores informações sobre a presença de pessoas do sexo masculino e feminino nas instituições do ensino técnico,

O perfil predominantemente masculino nas escolas técnicas se deve, em parte, ao recrutamento de professores para os cursos técnicos no Brasil, desde sua origem, privilegiando-se a contratação daqueles inseridos no processo produtivo, para ministrarem as disciplinas técnicas, formados nos campos das engenharias e das tecnologias, não se priorizando a formação específica para o magistério

De acordo com as autoras Louro (2003) e Meyer (2013), as categorias que foram estabelecidas pelas sociedades ocidentais criaram um padrão como exemplo familiar predominando durante séculos, sendo natural que o mundo da mulher é o do lar, e que tem como obrigação realizar os afazeres da casa, cuidar do marido e dos respectivos filhos. Desta forma, a sociedade institui regras, padrões e medidas do modelo de homem que vive no universo público e designa o perfil da mulher para acolher todas as precisões do seu mundo privado ao lar. Essa distinção entre os sexos durante séculos compôs como deveriam ser constituídos os sujeitos homem e mulher, que têm que ser domesticados, educados, ensinados e adaptados a seguir padrões estipulados pela sociedade.

Na História da Educação do Brasil, no período de 1500 a 1822, só tinham acesso à escola os filhos homens das famílias mais abastadas, sendo que as mulheres não tinham instrução na área da educação escolar ficando restritas aos conhecimentos do lar (RIBEIRO, 2015).

De 1758 a 1870 aconteceu no Brasil, de forma restrita, a inclusão de mulheres no ambiente escolar, no entanto, com a separação das salas de aula por sexo feminino e masculino e também do aprendizado, pois não se considerava a igualdade no ensino. Marquês de Pombal institui o direito para as mulheres aprenderem e trabalharem como professoras no magistério (STAMATTO, 2002).

Souza (2007) complementa que as mulheres conseguiram se inserir no mercado de trabalho, primeiramente, por meio das profissões do ensino consideradas ocupações intelectuais. E ainda, em pesquisa realizada sobre os professores do ensino médio em nível técnico, o mesmo autor descreve que o emprego na área do ensino somente é considerado

atrativo para grupos sociais específicos como os desempregados, desta forma, buscam por mudanças e por tentarem se reestruturar fazendo alguma atividade produtiva. No entanto, destacam nesse caso a existência de “duas questões distintas: a decisão de construção de uma carreira a partir da formação profissional, isto é, de cursos de graduação que formam professores (licenciaturas); e a reconversão das carreiras como estratégia para a permanência no mercado de trabalho” (SOUZA, 2007, p. 49).

De acordo com as informações do Ministério da Educação “o professor da Educação Profissional deve estar apto para preparar o cidadão em relação ao desenvolvimento de seu saber trabalhar em um contexto profissional cada vez mais complexo e exigente” (BRASIL, 2013).

Quando se pensa no professor da Educação Profissional direta ou indiretamente, percebe-se o quanto é exigido de domínio de conhecimentos teóricos e saberes pedagógicos precisos na tarefa de guiar a juventude e os adultos no caminho da aprendizagem e na construção de instruções, competências e atitudes desse futuro profissional. Além do apropriado domínio dos distintos conhecimentos disciplinares no âmbito específico de sua área de formação, para desta forma, poder escolher os conteúdos importantes que necessitam ser aprendidos e ensinados, possibilitando que os alunos após formados apresentem condições para responder com criatividade e originalidade os desafios encontrados em sua vida profissional e pessoal com ética de cidadão trabalhador (BRASIL, 2013).

A grelha 2 inclui um quadro que descreve o perfil dos discentes evadidos da Instituição de Ensino pesquisada.

Grelha 2 – Tabulação das respostas referente ao perfil dos discentes evadidos da Instituição de Ensino				
Discentes evadidos	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4
Sexo	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
Idade	18	17	16	37
Escolaridade	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Médio	Não respondeu
Ano	Terceiro	Não respondeu	Segundo	Não respondeu
Curso Técnico	Serviços jurídicos	Serviços jurídicos	Administração	Técnico jurídico

Fonte: Própria autora.

Início da análise da grelha 2 descrevendo o art. 3º da LDB que afirma

- Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 - III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)
- XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Lei nº 13.632, de 2018) (BRASIL, 1996).

Verifica-se que os 13 itens expostos no art. 3º da LDB, na teoria, reforçam a importância da base de ensino, porém, na prática no dia a dia no ambiente escolar, encontram-se outros fatores que dificultam e desmotivam o aprendizado do aluno.

Abordando sobre a educação do jovem na atualidade, Peixoto e Magalhães Júnior (2018, p. 8) fazem uma reflexão do contexto vivenciado no ambiente escolar de que

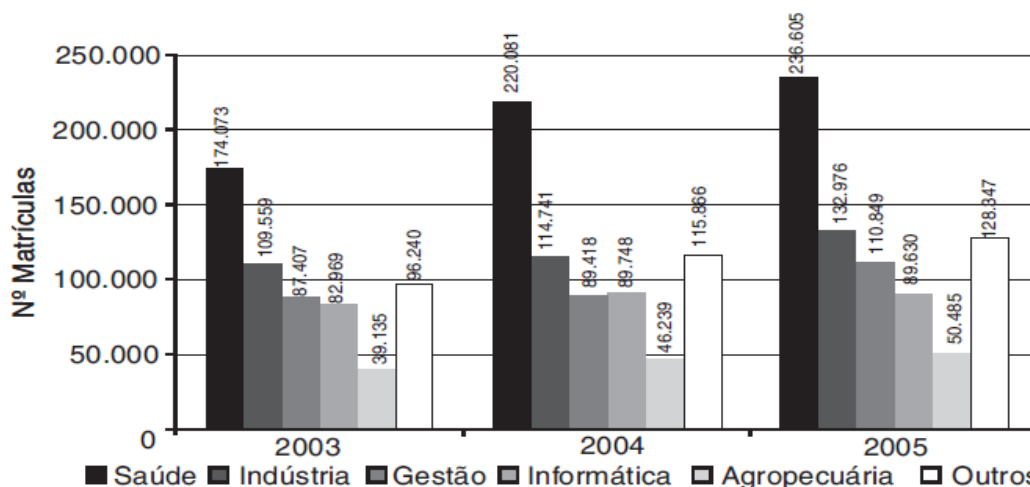
O jovem precisa estudar e também necessita de um modelo de escola pública que dê conta que seus responsáveis não têm como acompanhá-lo pedagogicamente, seja porque trabalham demais ou por que não entendem os conteúdos, já que eles também pouco frequentaram a escola.

A afirmação dos autores Peixoto e Magalhães Júnior (2018) chama a atenção, pois muitas vezes os pais não conseguem esclarecer dúvidas dos seus filhos, referente aos conteúdos ensinados na escola no ensino básico, fundamental ou médio.

O filho percebe a dificuldade dos pais que não sabem e acabam, por diversas vezes, não dando o devido valor à escola e a abandonam, porém os pais reforçam a necessidade de aprender e de que eles não nem sempre sabem ajudar, mas que trabalham para proporcionar conhecimento científico para seu(s) filho(a) (s) conseguirem “ser alguém na vida”.

De acordo com as informações do CENSO escolar de 2003 a 2005, há um gráfico de alunos matriculados na educação profissional, e analisando os dados da área de saúde, destaca-se em primeiro lugar a busca dos alunos por cursos profissionalizantes, em segundo lugar a procura por cursos ligados à indústria e na sequência os cursos de gestão e informática (INEP, 2006).

Gráfico 1 – Matrículas na Educação Profissional, por Ano, segundo a Área Profissional, 2003 a 2005 – Brasil



Fonte: INEP (2006, p. 18).

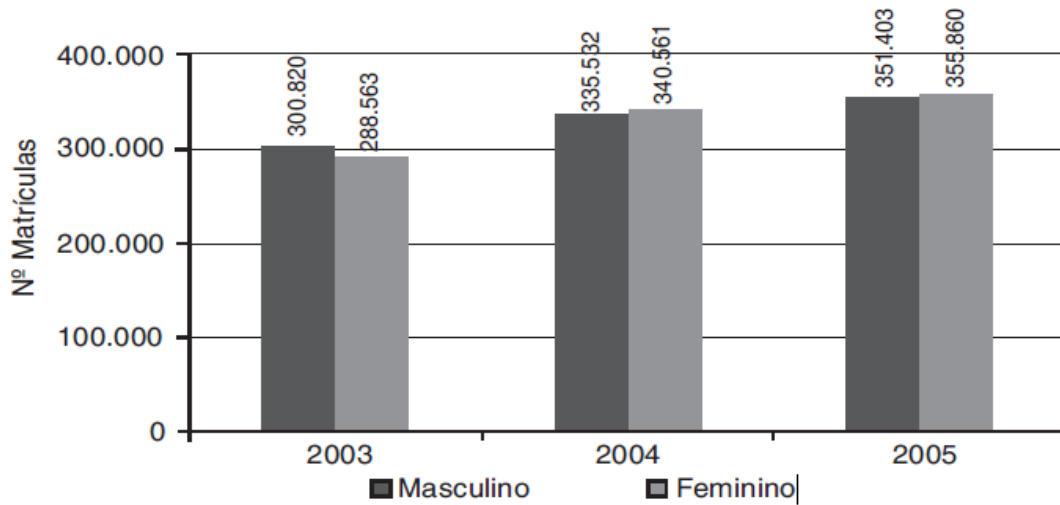
Dos quatro alunos evadidos entrevistados, três são do sexo feminino e um do sexo masculino, desta forma, nota-se que 75% são representados pelo sexo feminino e 25% pelo sexo masculino. A busca das mulheres em obter uma qualificação profissional cresceu de acordo com as informações coletadas pelo INEP (2006).

Observa-se que a partir do ano de 2004 houve uma expansão da participação feminina nos cursos técnicos, e segundo dados do INEP (2006, p. 19):

Nesse período, os dados revelam equilíbrio entre a quantidade de alunos do sexo masculino e feminino. No ano de 2003, predominavam os alunos do sexo masculino (em torno de 2,0% a mais) em relação aos alunos do sexo feminino. Nos últimos dois anos (2004 e 2005), porém, a quantidade de mulheres foi maior do que a de homens (50,4%, em 2004, e 50,3%, em 2005). Um dos fatores que contribuiu para a mudança dessa distribuição nos três anos foi o crescimento da área de Saúde, onde cerca de 70,5% dos alunos são mulheres. Nas áreas profissionais de Gestão, Artes, Comunicação, Desenvolvimento Social e Lazer e Turismo e Hospitalidade também predominam as mulheres. Em outras áreas, notadamente na Indústria e Agropecuária, a grande maioria dos alunos é de homens.

Analisando os dados do INEP (2006), percebe-se que existem de acordo com a área escolhida as que são preferenciais das mulheres, ou seja, em áreas ligadas ao cuidado com o lar, e definem duas áreas específicas de curso como a Indústria e Agropecuária em que ampla parte dos alunos é do sexo masculino.

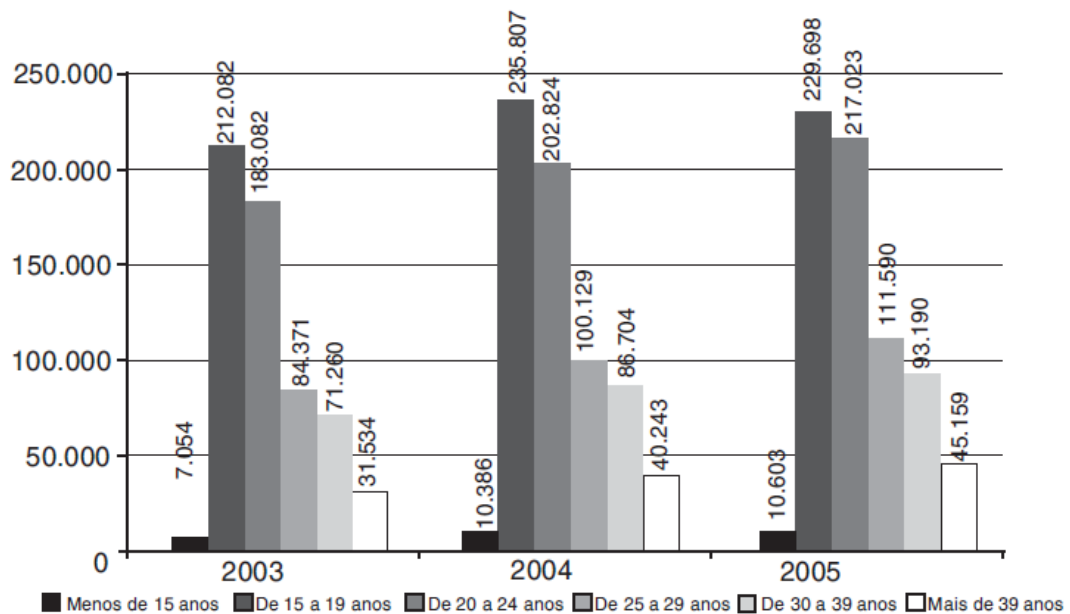
Gráfico 2 – Matrículas da Educação Profissional, por Ano, segundo o Sexo, 2003 a 2005 – Brasil



Fonte: INEP (2006, p. 19).

A idade dos alunos que procuram realizar um curso profissionalizante está entre a faixa etária dos 15 a 19 anos, fase da vida em que o aluno está em busca de emprego ou de decidir qual curso fazer de faculdade, assim, muitos procuram fazer o curso técnico primeiro e ter uma qualificação profissional, para depois fazer uma faculdade e ter como pagar.

Gráfico 3 – Matrículas da Educação Profissional, por Ano, segundo a Faixa Etária, 2003 a 2005 – Brasil



Fonte: INEP (2006, p. 20).

Gracioli (2006, p. 20) descreve que

Os jovens preocupam-se em adquirir as seguintes credenciais: trabalho, que lhes proporcione independência financeira; maior escolaridade, que lhes confira condições de conseguir melhores empregos; e, *status* de adulto, que lhes garanta a autonomia para dirigir sua própria vida. Por sua vez, o ensino médio, como trajetória de vida, torna-se empecilho para a concretização dessas credenciais, tendo em vista os constrangimentos observados no desenvolvimento e efetivação das condições legais da educação de nível médio em escolas públicas.

Assim, muitos buscam incessantemente por uma carreira de sucesso já na juventude e alguns, por não conseguirem, acabam realizando atividades que não são permitidas perante a lei, opondo-se aos princípios da moral e da ética pré-estabelecidos pelas normas da sociedade. Aqueles que não conseguem ter o retorno financeiro desejado acabam desmotivados e excluídos pela sociedade.

3.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para o tratamento das informações das entrevistas realizadas desenvolveu-se uma grelha de análise de conteúdo para cada participante. Para os três professores entrevistados foram criadas 13 categorias; para os três coordenadores de curso há 19 categorias; um coordenador pedagógico, produzidas 17 categorias; o diretor, 15 categorias e os alunos evadidos, 16 categorias, porém resultando na quantidade de onze grelhas verticais. Estas serão apresentadas no Apêndice V.

3.2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES: FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO DIRETOR, COORDENADOR PEDAGÓGICO, COORDENADORES DE CURSO E PROFESSORES

Nessa seção serão apresentados os dados sobre a área de formação, habilitação técnica, cursos em que ministram aula ou trabalham, disciplina ministrada e tempo de experiência dos professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor da instituição pesquisada.

Na área de formação dos funcionários da instituição pesquisada todos os entrevistados possuem curso de licenciatura ou bacharelado.

Na habilitação técnica apenas o diretor da Instituição não possui curso técnico.

De acordo com o Ministério da Educação referente à formação dos professores no documento consta que

A formação inicial para o magistério na Educação Profissional Técnica de Nível Médio realiza-se em cursos e programas de licenciatura ou outras formas, em consonância com a legislação e as normas específicas que regem a matéria, de modo especial, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação. Os sistemas de ensino devem viabilizar essa formação, podendo ser organizada em cooperação com o Ministério e Secretarias de Educação e com instituições de Educação Superior.

A formação inicial, porém, não esgota o desenvolvimento dos professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, cabendo aos sistemas e às instituições de ensino a organização e viabilização de ações destinadas à formação continuada (inciso II do art. 67 da LDB) (BRASIL, 2013, p. 252).

Conforme as informações descritas acima e a pesquisa realizada por Viamonte (2011), na atualidade, as instituições de ensino brasileiras que atuam na educação profissional técnica, encontram diversos desafios para desenvolver e formar profissionais aptos para lidar com as rápidas mudanças que acontecem na prática no mundo corporativo do trabalho. Assim, não se deve olhar para a educação profissional vista como uma ingênua ferramenta de política assistencialista que serve para adequar as necessidades demandadas pelo mercado de trabalho, no entanto, deve ser vista como uma essencial tática para que os habitantes da cidade contemplem acesso real às capacitações na área tecnológica e científica da sociedade.

Os três professores entrevistados ministram aula em até dois cursos; dos três coordenadores de curso: dois coordenam dois cursos, e um coordena um curso; o coordenador pedagógico e o diretor da Instituição de Ensino estão envolvidos por serem responsáveis por atender e auxiliar todos os cursos da unidade.

Referente às disciplinas ministradas, o professor 1 ministra uma disciplina, o professor 2 ministra quatro disciplinas, e o professor 3 ministra seis disciplinas.

O tempo de experiência dos sete funcionários que responderam é em torno de cinco a oito anos.

3.2.2 INFORMAÇÕES DA FORMAÇÃO ACADEMICA E PROFISSIONAL DOS ALUNOS EVADIDOS

Incluem-se nesta parte as informações essenciais sobre os alunos evadidos como: curso técnico cursado, período cursado, tempo do curso frequentado, atualmente o que fazem.

Do ponto de vista de Freireana (2002 apud VIAMONTE, 2011, p. 48) o estudante abandona, ou melhor, “deixa de ser um depósito de conhecimentos produzidos e transmitidos por outros e passa a construir, desconstruir e reconstruir suas próprias percepções a respeito dos conteúdos, da ciência, da tecnologia, do mundo e da própria vida”.

Para Viamonte (2011), perante as questões presentes na atualidade do universo do trabalho, é preciso desenvolver a associação do currículo escolar por meio da junção do ensino e da pesquisa, o qual colabora para a formação e constituição da autonomia das pessoas. Permitindo a ampliação das capacidades, habilidades e competências, no decorrer da vida, admitindo que o sujeito aprenda, reflita, interprete, consiga analisar fazendo crítica, saiba procurar soluções e sugerir opções para resolver problemas.

Analisando os cursos técnicos cursados pelos quatro alunos evadidos nota-se que dos alunos entrevistados: três alunos fizeram cursos na área jurídica e um aluno na área administrativa.

Desta forma, de acordo com o site da ETEC (Escola Técnica Estadual) define que o técnico em serviços jurídicos

É o profissional que executa serviços de suporte e apoio técnico-administrativo a escritórios de advocacia, de auditoria jurídica, recursos humanos e departamentos administrativos, bem como cumpre as determinações legais atribuídas a cartórios judiciais e extrajudiciais, executando procedimentos e registros cabíveis. É responsável pelo gerenciamento e pelo arquivo de processos e de documentos técnicos. Presta atendimento ao público.

E também estabelece definição sobre o técnico em administração

É o profissional que adota postura ética na execução da rotina administrativa, na elaboração do planejamento da produção e materiais, recursos humanos, financeiros e mercadológicos. Realiza atividades de controles e auxilia nos processos de direção utilizando ferramentas da informática básica. Fomenta ideias e práticas empreendedoras. Desempenha suas atividades observando as normas de segurança, saúde e higiene do trabalho, bem como as de preservação ambiental (ETEC).

Nota-se que os dois cursos são de gestão e negócios, desta forma conforme dados apresentados no gráfico 1 a área profissional em gestão está em 3º lugar (INEP, 2006).

Atualmente dos quatro alunos entrevistados, três dedicam-se aos estudos e fazem o Ensino Médio e um aluno trabalha na área de telemarketing.

Viamonte (2011, p. 35) descreve que “qualificação profissional, em si e por si mesma, não promove o desenvolvimento, não gera emprego, nem faz justiça social”. Desta forma, tem que se analisar que possuir uma qualificação profissional acrescenta virtude e valor ao trabalho. Amplia as possibilidades de conseguir um emprego e manter-se nele,

consequentemente aumenta a geração de renda. Para a empresa ou indústria aperfeiçoa a qualidade dos serviços prestados e dos produtos fabricados. Consegue deixar as empresas com melhor visibilidade para competirem no mundo dos negócios. E o trabalhador torna-se mais competente.

3.2.3 ACOMPANHAMENTO E CONTROLE DA EVASÃO

Nessa subseção será discutida a evasão de alunos e como a instituição de ensino técnico acompanha, detecta e analisa as informações recebidas pela equipe. Salienta que, na unidade existe um programa de computador onde são feitas as chamadas, lançamentos no diário de classe, que diariamente apresenta relatórios de quantidade de presença e falta dos alunos.

Para acompanhar as faltas dos alunos os professores relatam:

Professor 1 – Sim, esse acompanhamento é feito diariamente sempre que aulas ministradas e na identificação de uma falta decorrente o coordenador é sempre avisado para que tome as devidas medidas.

Professor 2 – Sim, tem-se uma metodologia para acompanhar os alunos que estão mais faltando, geralmente quando tem uma ou duas faltas consecutivas informa-se ao coordenador para entrar em contato com o aluno, e justamente evitar a evasão dele.

Coordenador de curso 1 – O trabalho é diário com o professor, então primeiramente o professor vem a até a coordenadora, me remete algum aluno está faltando demais na sequência procuro a orientadora educacional. No primeiro momento é ela que vai acionar o pai, e, conversar com os alunos, porque a gente agora tem orientador educacional, mas como coordenadora sempre também converso com aluno direcionando, conversando com algum pai, mas geralmente a orientadora educacional que tá ligando diretamente. A coordenadora fica mais com a parte pedagógica.

Coordenador de curso 2 – Os professores informam e semanalmente é enviado o relatório de evasão, então por meio do relatório faz o controle e aqueles alunos que estão com muitas faltas a equipe liga e busca saber o motivo das faltas e tenta orientá-los em relação aos possíveis prejuízos que eles podem ter no decorrer do curso por conta das faltas.

Diretor – Semestralmente é feito um levantamento de quais são e quantos são os alunos que evadem de nossa unidade. Esses alunos são constantemente procurados para diagnóstico de motivos para a equipe conseguir fazer um levantamento dos mesmos.

De acordo com os relatos da equipe, o trabalho é realizado diariamente e semanalmente por todos os envolvidos como: professor, coordenador de curso, coordenador pedagógico e orientador educacional. Esse acompanhamento ajuda na identificação dos alunos faltosos que conseqüentemente poderão fazer parte do índice de alunos evadidos na instituição. Desta forma, todas as ferramentas possíveis são utilizadas rapidamente para identificar e tentar manter esse aluno frequentando o curso. No entanto, o diretor afirma que semestralmente faz um levantamento para saber quantos e quais são os alunos que evadiram.

Relatam como obtém as informações dos alunos faltosos:

Professor 1 – Informa ao coordenador do curso não só o nome, mas a quantidade de faltas dentro da semana ou do mês de aula.

Professor 3 – Não necessariamente avisa o coordenador do curso, apenas avisa o seguinte: estou com oito ou nove alunos que estão faltando sistematicamente. Porque ele fica estranho, mas ele verifica as chamadas ou deveria fazer isso todos os dias. O coordenador tem acesso a todo o Sistema XXX³ inclusive para tirar as faltas se ele assim decidir.

Coordenador de curso 2 – Sim, o relatório vem via sistema XXX, então hoje toda consulta feita em relação às faltas é via sistema XXX. É esse sistema XXX é sim um instrumento positivo no acompanhamento dos alunos faltosos.

Coordenador de curso 3 – Afirma estar em sala de aula também, então acompanha na sala de aula, a frequência, e por meio de relatório de professores. Sim, tem o sistema utilizado pela instituição de ensino que ajuda, porque fica mais criterioso nas chamadas, os professores eu acho que levam assim mais o critério maior a chamada.

Coordenador Pedagógico – Por meio do sistema XXX, pelos registros diários de classe. Relata que os coordenadores de curso ajudam e sempre se comunicam com a coordenação pedagógica, assim, toda vez que tem um aluno que faltou uma semana ou duas semanas seguidas, o coordenador do curso já entra em contato, comunica o coordenador pedagógico para fazer uma ação rápida.

Diretor – Esses números são levantados em primeiro momento pela secretaria e são encaminhados para a minha orientadora educacional, esta entra em contato com os alunos para saber quais são os principais motivos e eles são discutidos com direção e reunião de orientador pedagógico, coordenador pedagógico e coordenador de curso.

³ O sistema XXX é um sistema acadêmico, e o sistema da secretaria, é onde que se armazenam todos os dados que envolvem aluno e professor. Por exemplo: o sistema XXX é o nome do sistema acadêmico que a escola adotou, é composto por diário de classe, todos os registros que os professores fazem, pelo sistema acadêmico, as fichas de desempenhos do aluno também são registradas pelo sistema que são as menções, as avaliações que os professores adotam e aplicam para os alunos, as chamada registra as frequências dos alunos, assim tudo registrado. Com isso o sistema gera alguns dados, gráficos de baixo índice de frequência, separadamente por curso, dimensões, produz todos esses dados em relação ao aluno, ele gera também o banco de dados a quantidade de alunos que a escola têm, as informações pessoais dos alunos, sendo bem completo esse sistema, e ajuda muito (COORDENADOR PEDAGÓGICO).

Assim, nota-se que o instrumento que auxilia no controle da evasão é um sistema no qual os professores lançam as presenças, desta forma que conseguem conscientizar que o professor precisa registrar no sistema a chamada diariamente para auxiliar nas informações dos alunos faltosos e ter uma boa comunicação com a coordenação. Outra ferramenta é que o coordenador de curso também ministra aulas no referido curso, e desta forma cria um vínculo maior com os alunos permitindo falar ali como coordenador expressando ou demonstrando o seu real sentimento pelos seus desenvolvimentos. Tais dados auxiliam no trabalho feito pelos coordenadores de curso junto ao coordenador pedagógico quando identificam quais alunos estão faltando. A declaração do diretor revela uma sincronia de informações que acontece entre os funcionários da “secretaria” da instituição de ensino que é enviada para a “orientadora educacional” que afirma que “os principais motivos são discutidos com a direção e em reunião com o orientador pedagógico, coordenador pedagógico e coordenador de curso”. Analisando como a equipe institucional trabalha, nota-se que fazem um grande esforço para identificar as informações dos alunos faltosos para discuti-las em reunião.

Como é detectada e analisada a evasão dos alunos:

Professor 1 – A escola analisa e a análise é feita pelos dados colhidos na plataforma XXX onde são inseridos os diários de sala e a chamada, e é feita uma conferência semanalmente ou quinzenalmente destes dados.

Professor 2 – Sim. A evasão geralmente ocorre nas matérias mais difíceis, na reunião mensal do curso, onde todos os professores sentam e debatem especificadamente sobre o caso de cada aluno. No entanto, pode ser trabalhoso, pois temos alunos que rodam turno nas usinas e esses casos também são debatidos. Na reunião pedagógica são apresentados os índices de evasão do curso, no começo do semestre, e quantos começaram, quantos terminaram e quantos fizeram a rematrícula para o próximo módulo.

Professor 3 – Eles trabalham com estatísticas, ressalta não concordar muito com essa estatística, não acredito em média, aceito muito bem uma média ponderada, agora para medir ou definir esses índices, teria que ir um pouquinho além.

Coordenador de curso 1 – No ensino médio a gente tem a questão das vagas remanescentes, o ensino médio regular a gente faz no final de cada ano, aqueles alunos que reprovaram, ou mudaram de cidade e acaba saindo. O Ensino médio integrado ao técnico do primeiro para o segundo ano a gente consegue fazer as vagas remanescentes, o segundo para o terceiro não, então se tiver alguma evasão, é porque algum aluno reprovou do segundo para o terceiro e a equipe não consegue colocar aluno, mas assim é muito raro acontecer, a equipe consegue repor esses alunos.

A instituição possui procedimentos para detectar a evasão de alunos, que seja utilizar uma plataforma que permita fazer conferências dos dados referentes às chamadas e diários de sala que são registrados na mesma. Nota-se que a evasão dos alunos acontece nas disciplinas

consideradas mais difíceis, podendo ser considerado um fator que desmotiva a participação do aluno em sala de aula. Percebe-se que há alunos que preferem disciplina teórica e outras atividades práticas, porém o professor, por ter um plano de ensino pré-estabelecido, muitas vezes não consegue fazer uma adaptação das metodologias ativas para fazer as disciplinas consideradas mais difíceis se tornarem acessíveis.

O turno de trabalho ou o ato de trabalhar também são fatores da evasão para os alunos que se esforçam para conciliar estudo e trabalho, muitas vezes a evasão do curso decorre do fato de terem que trabalhar para compor a renda familiar. Analisa-se também um outro fator da evasão: os alunos que são reprovados e os que mudam de cidade. Por não conseguirem acompanhar as disciplinas do curso, os alunos reprovados acabam se desligando do curso ou porque mudam de cidade devido a motivo familiar ou por conseguir um melhor emprego. É interessante quando o Professor 3 afirma que os dados são analisados por meio de estatística, e considera que os métodos de análise têm que ser discutidos e de melhor qualidade para extrair informações que ajudem a diminuir o índice de evasão.

O coordenador de curso 3 – Certifica que tem um índice de evasão elevado sim.

O diretor – Apresenta que a evasão em torno de 30% em média. Afirma que é difícil por ser uma escola pequena e atender uma demanda bem local, a cidade Olímpia e algumas cidades muito próximas, o número de alunos que ingressam na escola é menor do que na Instituição de Ensino de grande porte. Analisa que a demanda é um pouco baixa e isso faz com que o aluno não se identifique com o curso, ou às vezes, tem problemas particulares como: faculdade, falta de verba ou conseguiram algum emprego. Esses motivos são muito difíceis de ser controlados e combatidos, na maior parte dos casos como os resultados, como as situações são externas, fica muito difícil de reverter, mas sempre vamos atrás para saber quais são os motivos e se pode ser feito alguma coisa.

A preocupação do coordenador com o índice de alunos que evadem do curso técnico é consequência grave que pode trazer para o ensino técnico, até mesmo o desligamento de professores, fechamento de sala de aula ou fechamento da escola. Deste modo, o diretor afirma que a evasão escolar representa em média 30%, considerando que a população tem ensino técnico público que ajuda a obter uma qualificação profissional para jovens e adultos e a demanda de aluno é considerada baixa. O diretor afirma que parte da evasão acontece quando um aluno entra numa faculdade e deixa de frequentar o ensino técnico.

O coordenador pedagógico diz que “anualmente” elabora “um projeto” após detectados e analisados os fatos da evasão dos alunos.

Coordenador pedagógico – Anualmente, como coordenadora pedagógica faço um projeto, pois preciso para atuar na coordenação pedagógica e esse projeto é totalmente voltado para a redução de índice de perda do aluno. Todos os projetos o

da coordenação e dos professores são voltados para a redução de perda de alunos, assim, tudo o que os professores fazem dentro de sala de aula, o que eles trabalham, metodologias diferenciadas e ativas, ou até mesmo aplicação de avaliações adequadas, recuperação, uma aula bem dada, uma aula bem aplicada é lógico que reduz esse índice.

Analisando os motivos relatados pelo coordenador pedagógico que desenvolve metodologias em que contemplam a aplicação do plano de ensino, além do que, juntamente com o corpo docente propõem metodologias ativas de acordo com aquilo que será ensinado aos alunos. Observa-se que o coordenador pedagógico cria metodologias para melhorar a forma de ensino do professor ao transmitir conhecimento para o aluno, e evitar evasão.

Portanto, fica evidente que há uma preocupação sempre com o aluno, quando o coordenador pedagógico afirma “tudo o que os professores fazem dentro de sala de aula, o que eles trabalham, metodologias diferenciadas e ativas, ou até mesmo aplicação de avaliações adequadas, recuperação, uma aula bem dada, uma aula bem aplicada é lógico que reduz esse índice”. Assim, nesse caso percebe-se que o professor precisa se adaptar e ser flexível para atender novas demandas na área da educação.

Acrescentam mais informações sobre a evasão em que para diminuir a evasão precisam de:

Professor 1 – A questão de evasão é bastante complexa, não é um único fator que faz a evasão acontecer, mas um treinamento, um tempo maior para os professores prepararem aulas, prepararem projetos, desenvolver esses projetos, talvez poderia diminuir essa evasão escolar.

Professor 2 - É um fato até estranho, porque acredito que a Instituição de Ensino, na minha opinião pessoal está muito preocupada em números e não em formação de mão de obra qualificada. Então, às vezes é preferível formar dez, quinze alunos que estão aptos a entrar no mercado de trabalho e que realmente entenderam a matéria, do que você ter que formar trinta e cinco alunos que não vão utilizar para nada o curso. Então esses números, é uma coisa que eles obrigam, eles impõem isso, para formar uma turma, se você não formar, se formar abaixo de vinte e seis alunos, por exemplo, você tem um curso bloqueado, porém no curso de informática ainda não sofreu bloqueio (os professores do curso estão fazendo um rodízio, pois na maioria das vezes abre dois cursos e folga um semestre). O professor tem que diversificar a metodologia, e percebe-se que tem aluno que não tem condições que não aprende e o professor tem que reprovar. O professor tem que diminuir o conteúdo que vai passar para dar uma força para esse aluno formar e conseguir fazer parte do número de formandos exigidos pela Instituição de Ensino, assim vejo que a instituição quer números de formandos e não qualidade no ensino.

Professor 3 – É um problema estrutural, enquanto eles tiverem trabalhando em cima de estatísticas a evasão não vai acabar. Porque o aluno se incentivou da situação, vê que não tem que se preocupar, e quando a coisa fica muito fácil as pessoas acabam largando mão, acabam desanimando. Se no início não existe um incentivo, uma motivação pra você obter um resultado, eu acho que o problema da Instituição de Ensino em questão da evasão é estrutural, muda essas estatísticas. Porque montar classe de 40 alunos? Por que abrir um vestibulinho para um determinado curso?

Porque ter a proporção de dois para um? Assim, analiso que a escola não quer perder o curso, porque, se ela perder curso, teoricamente vai sobrar professor, e ela sabe que ela tem bons professores que ela não gostaria de ver ir embora, então monta uma classe de quarenta alunos, mesmo alguns lá que querem fazer, mas nem tiveram pontuação suficiente no vestibulinho, monta aquela sala. E o que acontece? No primeiro ano, esses remanescentes que foram colocados ali praticamente na marra estão sumindo, e depois isso completa no segundo módulo, por isso afirmo que é estrutural.

A relevância da fala do Professor 1 está na necessidade de olhar para o professor, verificar se o mesmo precisa de treinamento para aperfeiçoar suas metodologias de ensino, o tempo que ele dispõe para preparar sua aula e adequar o conteúdo com as informações atuais, como são ensinados e preparados para fazer um projeto e executar de acordo com a necessidade da instituição para preparar esse aluno para o mercado de trabalho.

Os Professores 2 e 3 acreditam ser um problema estrutural. Percebe-se que a preocupação maior da unidade está na quantidade de alunos formados e não na qualidade de informações construídas durante o período de ensino que os alunos formados têm que possuir para tornarem-se mão de obra qualificada.

No relato do Professor 2 e 3 fica nítido que a culpa sempre será do professor, pois precisam fazer adaptações para que os alunos com dificuldade consigam evoluir, sejam aprovados e, consigam concluir juntos à turma. Os alunos, percebendo essas facilidades, deixam de ser sujeitos participantes do processo ensino-aprendizagem,

Portanto, a comunicação entre educador e educando, na partilha de suas experiências pelo diálogo, abre caminhos para uma participação responsável. O diálogo implica reconhecimento do outro, através do respeito a sua dignidade, o que só é possível entre pessoas, e o qual se fundamenta na democracia.

Paulo Freire traz para a escola o princípio da relação professor-aluno. Muitas vezes, como em nossa vida social, tem se apresentado também, envolvida pelo autoritarismo, a ausência do diálogo, exigindo de todos, a aprendizagem da democracia, através da dialogação entre alunos, pais e professores, transformando a vida escolar em assunto de todos os envolvidos, assim como a vida política é assunto de toda a sociedade (SCHRAM; CARVALHO, 2007-2008, p. 5).

O diálogo tem que acontecer constantemente no ambiente escolar principalmente na relação de professor-aluno onde ambos têm que se comunicar pois estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Coordenador de curso 2 – A evasão ocorre em todas as instituições de ensino, tanto de nível técnico, quanto superior, e às vezes as causas não estão dentro da escola. A coordenação tem buscado identificar as causas que está dentro da escola e neutraliza, pra poder melhorar esses índices e referente à evasão de fatores internos a instituição tem conseguido bons resultados.

Coordenador de curso 3 – É um problema crônico sabe que todas as Instituições de Ensino passam por esse problema e infelizmente vê que às vezes tem a questão do

aluno que não é muito dedicado. É uma pena, porque o curso é excelente, uma instituição excelente que dá uma formação para esses alunos para inserir no mercado de trabalho e muitas vezes eles deixam por questões bobas, mas enfim a todos trabalham da melhor forma possível.

Certamente que a evasão ocorre em todas as instituições, e que isso é considerado um “problema crônico” (Coordenador de curso 3), porém a instituição deve analisar o que acontece dentro do seu ambiente escolar, na relação professor com aluno, aluno com professor e aluno com aluno. Observa-se que de acordo com as afirmações do Coordenador de curso 3, o “aluno não é muito dedicado”, por falta de motivação abandona o curso por “questões bobas”.

Coordenador pedagógico - Acredita que a evasão é geral e tem muitos fatores que são externos, mais assim, tem muitos que são internos. A equipe pode combater sim. Expõe que professor desmotivado é professor que às vezes eles não são capacitados para tal componente, então acredita que precisa mudar um pouco essa realidade para melhorar muito essa evasão escolar.

Como cada aluno evadido coloca sua situação e pontua problemas internos e externos que devem ser bem analisados para combater futuras evasões, assim, quando o Coordenador pedagógico afirma que “professor desmotivado é professor que às vezes eles não são capacitados para tal componente”, constata-se que professores assumem disciplinas sem dominar o conteúdo, e apenas para aumentar o número de aulas ou porque, pela sua pontuação, podem assumir outras disciplinas relacionadas a sua área de formação. Esses fatores sobre a desmotivação dos professores têm que ser analisados por coordenadores de curso, coordenador pedagógico e/ou diretor. Há professores que são resistentes à mudança e estar nesse ambiente que passa por transformações constantes pode afetar sua motivação profissional e pessoal.

Cabe destacar neste ponto, que a atribuição de aulas na instituição pesquisada é feita por pontuação docente e também habilitação técnica para o componente curricular.

O diretor expõe que

Precisa melhorar a visibilidade do ensino técnico de forma geral no Brasil, e a luta é constante, às vezes desmotivadora porque nem sempre nós podemos resolver esses problemas dentro da escola, mas tenta fazer o possível para manter esses alunos e fazer a escola funcionar, são muitos os professores que dependem do salário para conseguir sobreviver.

Viamonte (2011) aponta na mesma direção que o diretor, em relação ao ensino técnico, assim, complementa que é essencial enfatizar que os procedimentos de construção e reconstrução na área da educação profissional brasileira devem ser considerados como algo

incompleto, que requer assiduidade nas discussões, nas avaliações e prudência adequada de acordo com sua implementação e desenvolvimento.

Abordar sobre o tema do ensino técnico e fazer despertar nas pessoas a necessidade de ter um conhecimento profissional prático evidencia a necessidade de melhorar as informações sobre o que fazer e como fazer para executar determinada tarefa de forma segura.

3.2.4 AS CAUSAS DA EVASÃO NA VISÃO DOS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR

Serão tratadas nessa parte as causas da evasão e o sistema de atribuição de aulas, porque alguns fatores considerados podem ser motivos da evasão no ensino técnico.

As causas da evasão na percepção dos professores são:

Professor 1 – Fatores externos que são preocupantes: questão de transportes, a distância para o aluno com a escola, a questão financeira.

Professor 2 – Cada aluno, cada caso é um caso, tem que ser estudado especificamente. A maioria dos casos são problemas pessoais ou falando de um semestre pro outro às vezes a pessoa entra numa faculdade e acaba abandonando. Pode ser por doença e apresentou um atestado, ou por problema na família, que ocorre bastante. Um outro problema do curso técnico que é noturno e quando o aluno precisa tirar carta, e o curso da carta é somente noturno, então ele falta duas semanas, que é o período do curso, a equipe entra em contato para saber o que está acontecendo, se é uma dificuldade da matéria ou se é algum problema pessoal mesmo.

Professor 3 – O professor procura diversificar o máximo possível as aulas e afirma correr o risco de que, por diversificar demais, na hora que ele não fizer, o resultado vai ser diverso. Então, uso o bom senso para dosar, porque não são todas essas metodologias atuais que existe que o professor consegue improvisar colocando o conteúdo do PTD no meio. Os alunos adoram quando o professor aplica atividades diferentes aonde não existe a obrigação da contrapartida por parte deles, agora tem uma atividade em cima disso.

Desta forma, de acordo com os relatos dos professores, são considerados fatores externos: Professor 1 “questão de transportes, a distância para o aluno com a escola, a questão financeira”; Professor 2 “problemas pessoais, problemas familiares, faculdade, doença, tirar carta para os alunos noturno”.

Os fatores externos apontados pelos Professores 1 e 2, pode ser melhor compreendidas em Asenjo e Astica (2013 *apud* BASTOS; GOMES, 2014, p. 4) que apontam,

A importância da família no processo educativo é persistentemente citada como um fator por trás do abandono. Porém, os autores afirmam que esse não é o fator que

determina a evasão, mas que a afeta. Segundo os autores, quando os pais trabalham em empregos com baixa remuneração ou posições instáveis, os filhos acabam se engajando em ações voltadas para a geração de renda. Isso se reflete em uma maior participação do adolescente no mundo do trabalho e uma tendência para formar famílias extensas, em que a vida com outros parentes (ou não parentes) representa uma estratégia de solidariedade para reduzir custos e construir uma base de renda conjunta. Todos esses fatores ajudam a criar, em cada família, o cenário de esforço que crianças e adolescentes devem enfrentar em prol de sua educação (BASTOS; GOMES, 2014, p. 4).

Os fatores internos podem ser analisados conforme afirmação do Professor 3 “diversificar o máximo possível as aulas, no entanto, corre o risco de diversificar demais na hora que ele não fizer, o resultado vai ser diverso”; essa declaração do professor demonstra o quanto tem que estar preparado para poder dar aula e atender as expectativas do ambiente escolar e transformar o conhecimento do aluno, pois a partir do momento em que o professor não realiza essa diversificação do ensino-aprendizagem, os resultados serão diversos e conseqüentemente pode ocorrer a evasão por falta de motivação do aluno.

Outro fator relevante é quando o Professor 3 alega que “os alunos adoram quando o professor aplica atividades diferentes onde não existe a obrigação da contrapartida por parte deles”, sendo assim, observa-se que há alunos que não estão em busca de conhecimento, porém sem ter obrigação de realizar atividades para complementar sua aprendizagem, do que se pode comprovar que o aluno não está sendo sujeito responsável por seu conhecimento teórico-prático.

O Professor 3 ainda complementa que “não são todas essas metodologias atuais que existem que o professor consegue improvisar”, dessa forma, precisa de muito treinamento, tempo para montar uma aula e adquirir instrumentos para auxiliar na busca de uma aula bem conduzida, que contemple a satisfação do aluno, da coordenação pedagógica e do curso. Assim, precisa saber quanto tempo a instituição utiliza mensalmente para treinar e auxiliar seu corpo docente a utilizar as metodologias atuais e aplicá-las de forma segura dentro da sala de aula para não correr o risco de ter que improvisar.

Professor 3 – Uma das principais causas da evasão, o aluno chega ao curso e não é aquilo que ele quer, então o que ele faz, se prepara para vestibular prestar o Enem e desaparece do curso. Segundo aspecto, esse pessoal que vem do ensino médio de outras escolas, muitos daqui também, que acontece? Os alunos não têm condições de aprender a matéria, eles não conseguem desenvolver um texto, eles têm dificuldades em porcentagem e num monte de coisas. O que acontece com esses alunos? Você é capaz de recordar num determinado tempo da aula aquilo que está faltando para eles, mas o professor não pode parar de dar aula para ensinar matemática para esse povo, por exemplo, e muito menos ensiná-los a interpretar um texto ou gerar um texto fazer uma resenha, por exemplo, na matéria Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso. O professor afirma que a dificuldade é terrível, pois os alunos não conseguem entender como fazem o Trabalho de Conclusão de Curso. Agora em

últimos casos o acredito que a atuação do professor também às vezes ajuda, mas isso é muito pouco.

O professor 3 relata que “os alunos não têm condições de aprender a matéria” e “os alunos não conseguem entender como fazer o Trabalho de Conclusão de Curso”. Fica, portanto, visível que alguns alunos que estão no ensino médio possuem deficiência no aprendizado referente ao ensino fundamental em áreas como matemática com os cálculos e português, na interpretação de texto. E, conseqüentemente, no ensino técnico tem que desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que é uma exigência da instituição para os alunos, e, com todos esses desafios encontrados em não conseguir elaborar e/ou interpretar um texto, fica difícil escrever o TCC com suas palavras, e como o professor do ensino técnico tem um plano de ensino a ser cumprido, por vezes fica impossibilitado de fazer uma revisão do conteúdo. Nesse caso a Instituição do Ensino Técnico deve rever nos primeiros dias de aula o nível de conhecimento dos alunos da turma, e fazer um planejamento ainda no primeiro semestre, estabelecendo um curso de nivelamento na área de português e matemática, como estratégia para auxiliar o aluno que tem deficiência no aprendizado dessas disciplinas, de modo que a deficiência de conteúdos não seja motivo para o abandono escolar.

Os coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor relatam

Coordenador de curso 1 – A primeira e campeã é a faculdade. Os coordenadores dos cursos técnicos descrevem que muitos alunos pensam que o curso é uma coisa e depois quando começa é diferente. A campanha de Vestibulinho serve para mostrar sobre o curso e o que eles vão ver se passaram nesse curso de verdade para não quebrar a cara, aquela falsa expectativa, porque muitos vêm fazer o curso, uma semana, mas não é isso que eu pensava, então logo na primeira semana também os coordenadores fazem essa integração, fazer rodas de debates, trazer ex alunos para conversar o que é esse curso, e se alguém procurar desistir e a gente pode rodar, chamar os alunos que estão naquela lista que a gente já pode estar colocando no curso.

Coordenador de curso 2 – Trabalho.

Coordenador de curso 3 – A principal causa é trabalho e tem outra questão o nosso público é um muito jovem que estuda aqui, e alguns estão cursando ensino médio conjuntamente com o curso técnico, quando chega ao terceiro ano do ensino médio, eles acabam deixando o curso técnico para se dedicar ao ENEM.

Coordenador pedagógico – Observo que geralmente os alunos quando eles abandonam a escola, muitos deles não falam o porquê. Dão aqueles quinze dias de frequência, é falta e acaba que abandonando, após, quando consegue detectar todos os problemas, muitas causas, a maioria é problema externo pelo que eles relatam. Como problema de transporte, saúde e algum aluno passou numa faculdade. O maior problema de evasão na escola é nos cursos técnicos noturnos que detectamos nesses últimos anos foi causa externa. No ensino integrado não temos evasão, então graças a Deus, nosso índice ele é alto de frequência. Apesar de saber que alguns alunos eles

acabam desistindo por desmotivação, porque não gostam do curso, entra e às vezes não é aquilo que ele achou que seria, então a equipe acaba revertendo essa história.

Diretor – Hoje a maior parte da nossa evasão escolar são quesitos externos a escola, graças a Deus a gente não tem reclamação de professor, de aulas não dadas, ou cursos desmotivadores, geralmente a nossa evasão é motivada por falta de transporte, por falta de dinheiro, o aluno acaba arrumando um emprego no horário ou se não ingresso na faculdade.

Assim, conforme as afirmações dos entrevistados, pontuam-se como fatores externos: Coordenador de curso 1 “campeã é a faculdade e falsas expectativas sobre o curso”, Coordenador de curso 2 “trabalho”, Coordenador de curso 3 “trabalho e ENEM”, Coordenador pedagógico “problema de transporte, saúde e algum aluno passou numa faculdade”, Diretor “falta de transporte, por falta de dinheiro, o aluno acaba arrumando um emprego no horário ou se não ingresso na faculdade”. Analisando as declarações dos coordenadores e diretor nota-se que os alunos evadem por motivos externos e muitas vezes por criarem falsas expectativas sobre o curso e também pela vida profissional.

Todos os fatores externos apontados por professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor estão relacionados à evasão escolar. E muitos deles encontram-se ligados à condição social, a questões socioeconômicas de origem externa à escola, como a necessidade de trabalhar, e ausência de recursos financeiros para continuarem custeando o curso. Tais fatores são determinantes nas causas da evasão escolar (BASTOS; GOMES, 2014).

Desta forma, nota-se que alguns alunos dependem das condições econômicas dos pais, pois os com pais de mais recursos financeiros têm mais oportunidades de ingressar no ensino superior e conseqüentemente realizar cursos seletivos guiados para ter diplomas, sendo influentes na sociedade e conseguindo empregos bem remunerados (ZAGO, 2006 *apud* BASTOS; GOMES, 2014). No entanto, é responsabilidade do Estado criar equidade referente às desigualdades sociais. “A evasão na escola média geral ou na modalidade profissionalizante vincula-se ao maior ou ao menor grau de democratização do acesso da população a esse nível de ensino” (LÜSCHER; DORE, 2011 *apud* BASTOS; GOMES, 2014, p. 5).

Acrescenta-se nessa seção o sistema de atribuição de aulas mencionado nos relatos dos entrevistados que aponta que pode ser um dos motivos da evasão escolar no ensino técnico.

Os professores se colocam diante do modelo da atribuição:

Professor 1 – Acredito que sim, não mais forte, mas acredito que o sistema de atribuição ele corrobora um pouquinho com a evasão, tem alguns professores que são atribuídas algumas aulas, porém, não é que não seja capacitado, mas ele domina não tão bem quanto um outro professor. Isso acontece pelo fato da pontuação docente e a atribuição segue a ordem da pontuação, às vezes, alguns componentes poderiam ser melhor ministrados colaborando para menor evasão. O aluno se sentiria mais ativo em sala de aula.

Professor 2 – Depende, mas acredito que sim, que possa fazer diferença, porque na maioria das vezes alguns professores pensam em quantidade de aula e não nas aulas que mais dominam. Então por exemplo, às vezes eu estou na lista em primeiro e um professor em segundo, e eu sei que o segundo está mais habilitado para uma certa disciplina e acabo pegando e deixando as outras que eu não gosto de ministrar para ele, talvez não é o ponto forte dele. Na informática tem disciplinas, mas com a gente não acaba ocorrendo tanto, mas vou dar um exemplo nosso que tem matérias de desenvolvimento de sistemas e matéria específica de hardware, então tem professor que domina mais o assunto hardware e tem professor que domina mais a programação, então não adianta eu deixar uma aula de programação para um professor de hardware que talvez ele não vai saber ministrar, então os professores do curso de informática, procuramos sempre fazer uma pré-atribuição que é aonde a gente atribui o melhor professor para a melhor disciplina, mas eu acredito que sim, que a maneira que é atribuído talvez pudesse mudar, pegar qualificação melhor de cada professor, no que ele é melhor.

Professor 3 – Tem a sua importância nisso sim, porque, por exemplo, a atribuição de aula é uma função da pontuação docente, nem sempre a pontuação do professor foi gerada por conhecimento didático, por cursos de especialização e etc. etc., por exemplo, se cara tem uma função administrativa conta ponto, quer dizer, conta ponto para aula, isso fica meio estranho, então o que acontece é que alguns professores concentram por conta de sua pontuação o maior número de aulas livres e depois eles escolhem o que eles querem, principalmente se eles exercem coordenação ou coisa parecida, que eles podem abrir mão daquelas aulas, mas manter a posse delas, então essas aulas teoricamente são leiloadas para não dizer coisa pior, então é essa situação, eu acho que isso pode contribuir sim.

Analisando a fala o Professor 1 “Acredito que sim, [...] tem alguns professores que são atribuídas algumas aulas porém não é que não seja capacitado, mas ele domina não tão bem quanto um outro professor” a percepção na argumentação do Professor 1 traz reflexos dentro da sala de aula, pois os alunos percebem que o professor que está ministrando a aula não domina totalmente o conteúdo. O Professor 1 considera que “isso acontece pelo fato da pontuação docente e a atribuição segue a ordem da pontuação” seguindo o raciocínio que quem tem maior pontuação tem maior possibilidade de escolher quais serão as disciplinas que ministrará no semestre ou módulo, não sendo considerada nesse caso a experiência profissional ou domínio do conteúdo.

O Professor 2 “depende, mas acredito que sim, que possa fazer diferença, porque na maioria das vezes alguns professores pensam em quantidade de aula e não nas aulas que mais dominam” essa é uma realidade no ambiente escolar: professores disputando quem pega mais aula. Quando a quantidade de aulas que um professor ministra é muito alta, o rendimento

dentro da sala de aula muitas vezes é deficiente, por ser mais desgastante e ter que preparar aula de diferentes disciplinas, corrigir muitos trabalhos e provas, e realizar todas as funções de um professor. E, quando o professor não domina totalmente o conteúdo acaba improvisando em algumas aulas, e sem contar que raramente tem tempo para sanar as dificuldades com pesquisas e leituras capazes de complementar os conhecimentos.

O Professor 2 afirma que “às vezes eu estou na lista em primeiro e um professor em segundo, e eu sei que o segundo está mais habilitado para uma certa disciplina e acabo pegando e deixando as outras que eu não gosto de ministrar para ele, talvez não é o ponto forte dele” nessa fala vê-se a consciência do professor em não assumir aulas se não está preparado e não escolher tal disciplina deixando-a para outro que tem mais experiência, no entanto, nem sempre é assim. E conclui garantindo que “os professores do curso de informática procuram sempre fazer uma pré-atribuição, que é onde a gente atribui o melhor professor para a melhor disciplina”, aqui fica perceptível que há maior coerência entre os professores do curso de informática conferindo as disciplinas de acordo com suas experiências e conhecimento da área. Isso proporciona melhor funcionamento do curso principalmente na relação professor-aluno e aluno-professor no processo de ensino-aprendizagem, ponderando o domínio do conteúdo e sua experiência profissional como professor.

O Professor 3 garante que “a atribuição de aula é em função da pontuação docente, nem sempre a pontuação do professor foi gerada por conhecimento didático, por cursos de especialização e etc etc etc”. Portanto, confirma-se, de acordo com os relatos dos três professores entrevistados, que o método de atribuição das aulas, nesta instituição de ensino técnico, é realizado conforme a pontuação de cada professor, sem levar em consideração o conhecimento, cursos realizados e experiência profissional.

Os coordenadores não têm certeza que o sistema de atribuição de aula pode ser motivo da evasão dos alunos.

Coordenador de curso 1 – Atribuição de aula talvez sim, talvez não. Relata que pensou no processo realizado pela instituição quando entra professores, a atribuição de aula, a contagem de pontuação tudo. Descreve que às vezes acaba perdendo professores muito bons, o professor por tempo determinado seu contrato tem o prazo de dois anos e tem que ficar afastado por seis meses, o interstício. E afirma que a Instituição de Ensino não tem como abrir concurso. Declara que acha interessante como as prefeituras fazem isso criando um novo processo seletivo, mas não tem esse interstício, o professor passando ele pode dar sequência, e acredita que devia ser revisto esse método, para a escola não ficar perdendo bons professores.

Coordenador de curso 2 – Indiretamente sim. Porque alguns docentes acabam por ter um maior tempo de casa, tem maior pontuação e não necessariamente tem a

qualificação para ministrar aquele tipo de disciplina, e isso acaba dando prejuízo para os alunos que ficam insatisfeitos, e claro, a insatisfação é um motivo a mais para eles pararem o curso.

Coordenador de curso 3 – Não, porque sempre trabalha a atribuição com os professores que são ligados às áreas que vão lecionar, questão de atribuição com a questão do déficit de evasão de aluno não, os professores entram em sala de aula conhecendo o conteúdo que eles vão aplicar.

De acordo com Coordenador de curso 1 que afirma que o “processo realizado pela instituição quando entra professores, a atribuição de aula, a contagem de pontuação tudo” o coordenador de curso também reafirma que a atribuição de aula é feita por meio de classificação mediante pontuação e apresenta um fator que é desfavorável “professores muito bons, o professor por tempo determinado, seu contrato tem o prazo de dois anos e tem que ficar afastado por seis meses” (COORDENADOR DE CURSO 1). Na realidade a instituição de ensino perde muito com os seis meses de afastamento de um professor e conseqüentemente os alunos também.

Para Souza (2007, p. 53), no Brasil tem que ser analisada a formalização no emprego referente à área do ensino no setor público e privado,

Embora os contratos, na sua maioria, sejam por tempo indeterminado, o fato de os professores possuírem contratos de trabalho por aulas constrói relações de trabalho pautadas na insegurança, na ausência da previsibilidade de futuro, pois não há garantia alguma de permanência no emprego. [...] professor estabelece conexões entre as relações de trabalho vivenciadas no interior da escola e a concepção de que o trabalho na área técnica é de curto prazo, informal ou com laços fracos.

O Coordenador de curso 2 faz uma leitura do ambiente escolar em que está inserido quando relata que “alguns docentes acabam por ter um maior tempo de casa, têm maior pontuação e não necessariamente têm qualificação para ministrar aquele tipo de disciplina” essa observação é de extrema relevância e necessita ter um olhar precioso para proceder de uma melhor forma a atribuição de aula, pois aulas atribuídas a professores sem formação na área acabam por prejudicar em primeiro lugar o aluno, e depois a Instituição como um todo, conforme o Coordenador de curso 2 declara “isso acaba dando prejuízo para os alunos que ficam insatisfeitos e claro a insatisfação é um motivo a mais para eles pararem o curso”.

Já nos relatos do Coordenador de curso 3 nota-se que tem uma visão totalmente diferente do exposto pelos professores e pelos dois coordenadores de curso, ao alegar que “não, porque sempre trabalha a atribuição com os professores que são ligados às áreas que vão lecionar [...]os professores entram em sala de aula conhecendo o conteúdo que eles vão aplicar” (COORDENADOR DE CURSO 3).

Para começar o horário das aulas são atribuídas para o professor, às vezes os professores tem a habilitação, o catálogo de requisitos é aprovado para aquela habilitação, mas tem muitos professores que não tem uma competência necessária para dar aula naquele componente. Na hora de montar o horário escolar, o horário de aula acaba prejudicando muito, porque faz mais o horário para o professor do que para o aluno o que não deveria acontecer. Para favorecer o professor que não pode ir de sexta feira porque tem compromisso em outro lugar, então acaba colocando aquela aula que é mais cansativa, mais teórica na sexta feira, sabe que os alunos com maior índice de falta é na sexta feira, então acaba contribuindo sim para esse alto índice de evasão (COORDENADOR PEDAGÓGICO).

Geralmente o Coordenador pedagógico está muito mais próximo do docente, pois é ele quem oferece suporte sobre a metodologia a ser aplicada em sala de aula, mas reconhece que “têm muitos professores que não têm uma competência necessária para dar aula naquele componente” (COORDENADOR PEDAGÓGICO).

Outro detalhe que gera angústia para quem elabora o horário é adequar o mesmo com a necessidade do professor, pois “faz mais o horário para o professor do que para o aluno [...]. Para favorecer o professor que não pode ir às sextas-feiras porque têm compromisso em outro lugar, então acaba colocando aquela aula que é mais cansativa, mais teórica, na sexta-feira” (COORDENADOR PEDAGÓGICO). Assim, os fatores apontados pelo coordenador pedagógico são relevantes pois podem ter um percentual de contribuição na evasão escolar, portanto, essas questões têm que ser melhor investigadas, analisadas, discutidas para reduzirem sua influência na evasão escolar. Gracioli (2006, p. 210) relata que,

Ausência de alunos nas sextas-feiras, no turno da noite. Os professores coordenadores e professores do noturno acusam os alunos de se ausentarem da escola nesse dia, porque têm festas, shows, ou por estarem cansados. No entanto, os alunos apontam professores que incentivam suas faltas, antecedendo que na sexta-feira “não vai ter trabalhos para notas” ou “não vai fazer chamada” e, quando poucos aparecem para as aulas, aproveitam a oportunidade para não ministrá-las, alegando prejudicar os que faltaram ou, quando resolvem dar aulas, restringem-se a lições na lousa, sem nenhuma explicação. Dessa forma, os alunos que faltaram ganham mais que os que compareceram, pois não ficaram com faltas e não perderam a explicação de nenhum conteúdo significativo. Os alunos afirmam que os que vão à escola às sextas-feiras, é por não terem nada a fazer, que vão para não ficar em casa, porque sabem que ir à escola na sexta-feira à noite só serve para encontrar alguns amigos ou aproveitar para bater papo com alguns professores, que ficam na sala de aula esperando o tempo passar.

Nesse sentido a questão deve ser muito bem analisada pela equipe gestora, criando formas de tornar as aulas às sextas-feiras mais atrativas, com conteúdos relevantes, e com professores motivados, mesmo que o Diretor da unidade pesquisada desconsidere que isso seja um fator da evasão escolar na unidade que administra.

Nessa unidade não vejo esse como um fator, porque nossa escola é uma escola nova, ela não tem nem dez anos, então isso quer dizer que os nossos professores, são

geralmente professores mais jovens, professores mais motivados. Mas quando trabalhei em outras Instituição de Ensino, sim acredito que tem professores que estão a muito tempo lecionando e não tem mais motivação ou que não conseguem se manter atualizados na formação, isso acaba desmotivando o aluno. Eu não consigo ver esse problema aqui ainda por sermos uma unidade jovem, uma unidade nova, mas acredito que sim, isso é um problema nas unidades que são mais antigas (DIRETOR).

Na percepção do Diretor “não vejo esse como um fator” afirma não acreditar que seus professores estejam desmotivados, e cita fatores positivos para a instituição como “nossa escola é uma escola nova, ela não tem nem dez anos, então isso quer dizer que os nossos professores são geralmente mais jovens, professores mais motivados”, desta forma, nota-se em sua fala que como há professores mais jovens e motivados, portanto, conseguem se adaptar e atender as demandas escolares principalmente no processo de ensino-aprendizagem, pois estão mais atualizados, sendo assim, não acreditam que evasão escolar tenha origem na motivação dos professores, é mais fácil atribuir aos fatores externos que reconhecer que fatores internos também influenciam na evasão escolar.

3.2.5 CAUSAS DA EVASÃO NA VISÃO DOS OS ALUNOS DESISTENTES

Gracioli (2006) avalia que a juventude precisa de uma educação que aumente seu campo de possibilidades de vida e que possa cooperar para que sejam encaradas as dificuldades sociais impostas pela desigualdade de classes que os tornam excluídos. Carvalho e Lima (2017) apontam que um dos principais desafios que desafiam as políticas públicas é conseguir garantir os estudos dos jovens como forma de garantir o seu lugar na sociedade, e complementam:

Diante da baixa atratividade que a escola parece ter entre os jovens, a articulação entre educação e trabalho pode ser um dos nós mais importantes a serem desatados pelas políticas educacionais. Mais do que apenas formar jovens para o mercado, a educação dos jovens precisa contribuir para a construção de estratégias de inserção produtiva na reflexão sobre o mundo do trabalho e na construção de ideais de projetos de vida que incluam a projeção de uma carreira e também a continuidade dos estudos (CARVALHO; LIMA, 2017, p. 83)

Os motivos para abandonar os estudos para os alunos:

Aluno 1 – Trabalhava, fazia ensino médio, o técnico e aula de inglês.

Aluno 2 – Relata que não era um curso de sua área. Afirma que entrou no curso com um objetivo de agradar seu pai, porque ele influenciou pra seguir a carreira jurídica,

é uma coisa que não conseguiu encaixar no seu cotidiano. Declara que gostou do curso sim, porém as matérias não me agradaram.

Aluno 3 – Declara que não tinha como a mãe ir buscar, não tinha como ir embora para minha casa a tarde e nem como ir também. Afirma morar aqui na cidade e meus pais trabalham. Meu pai trabalha a noite e leva o carro, em casa só ficava a moto e minha mãe não tem a carta da moto, então não tinha como eu vim. E de ônibus ela não deixava. É porque a gente saía as dez e quarenta, quase onze horas.

Aluno 4 – Afirma ser por causa da mudança de cidade.

Ferreira (2013 *apud*, BASTOS; GOMES, 2014, p. 4) aponta as causas da evasão e as classificam em quatro grupos: primeiro, a “Escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficientes, ausência de motivação, etc.”; segundo, o “Aluno: desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez”; terceiro, os “Pais ou responsáveis: não cumprimento do pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos, etc.”; e quarto, o “Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues, etc.”

Nas palavras de Bastos e Gomes (2014) a família influencia de forma positiva ou negativa na decisão dos filhos em prosseguir os estudos. Nota-se que em famílias com pouca renda financeira têm filhos solidários à sobrevivência familiar e escolhem trabalhar prejudicando os estudos. Essa escolha pode prejudicar o futuro do estudante, porém trabalhar é poder garantir o sustento do lar, é urgente, não pode esperar.

Pontos negativos do curso na percepção do aluno

Aluno 1 – Às vezes parece muito lento o aprendizado. E acredita que o curso estava andando um pouco devagar.

Aluno 2 – Muito cansativo. Algumas matérias, muito exigente, matérias um pouco mais difíceis e porque eu fazia ensino médio e tinha muita prova e tarefa no dia a dia.

Aluno 3 – Acredito que não tinha.

Aluno 4 – Na unidade onde cursei não teve interesse sobre informações para a minha transferência de cidade. Declara ter verificado com a unidade mais informações para fazer a transferência para outra unidade e não fizeram nada.

Analisando o relato do Aluno 1 que fala sobre “muito lento o aprendizado” e “o curso andando um pouco devagar”; o Aluno 2 afirma que “é cansativo”, assim, fica claro que as metodologias aplicadas pelos professores podem ser satisfatórias ou não sob o ponto de vista de alguns alunos, e nem sempre atinge todos da mesma forma, daí a necessidade sempre

que possível, de inovar, de diversificar, de compreender o que os alunos buscam e esperam da escola.

Gracioli (2006, p. 102) analisa em sua pesquisa que os alunos que “afirmam não gostar de estudar, alegam que ninguém gosta de estudar, estudam porque é necessário, estudar é cansativo e estressante, preferem fazer outras coisas, não têm paciência com o aprendizado”.

Bastos e Gomes (2014) notam nas suas pesquisas que a principal causa da evasão é desmotivação e desinteresse apontados para 57,9% dos alunos evadidos.

Ceratti (2008, p. 13) complementa

Às vezes a falta de interesse do aluno, traduzida na evasão escolar é uma maneira de mascarar sua incapacidade para se esforçar. Mas em outras ocasiões não é assim. O aluno faria um esforço se percebesse que os conteúdos da aprendizagem são medianamente atrativos, úteis, conectados, com sua vida diária, atraentes o suficiente para que o esforço valha a pena. Quando, pelo contrário, descobre que aprender supõe apenas memorizar certos conteúdos distantes para recuperá-los depois em uma prova, sua atitude defensiva diante da aprendizagem vai se consolidando. Pouco a pouco, seu atraso vai se ampliando e chega um momento em que a distância com o ritmo médio da turma se torna intransponível. O aluno com dificuldades específicas de aprendizagem não apresenta, de início, problemas de motivação, se bem que progressivamente pode se sentir incapaz de realizar as tarefas propostas e abandona qualquer tentativa de superá-las.

Bastos e Gomes (2014, p. 9) descrevem os motivos encontrados em suas pesquisas realizadas com alunos do ensino técnico:

Em relação à percepção dos alunos evadidos sobre a “principal causa de sua evasão”, 57,9% mencionaram ter sido a desmotivação. Necessidade de trabalhar, distâncias longas entre a escola e a residência, dificuldade de conciliar emprego e ajudar aos pais totalizaram 23% das respostas dos evadidos. Já 3,4% dos evadidos declararam que a principal causa de sua evasão deu-se por conta do ensino mal aplicado. Este, por sua vez, através de metodologias inadequadas, pode ter sido a causa que fez com que 9% dos evadidos registrassem o despreparo de alguns professores. Também 4,5% dos evadidos declararam que a escola não é atrativa e outros 2,2% relacionaram sua saída da escola por conta do clima hostil e violento entre os alunos.

Apontam também que as causas de evasão apresentam fatores internos e externos à escola, indo ao encontro dos resultados encontrados na presente pesquisa que demonstram que os fatores externos sobrepõem aos internos, no entanto, ambos são citados tanto pela equipe gestora, pelos professores e alunos.

3.2.6 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA EVITAR A EVASÃO DOS ALUNOS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR

Nessa parte serão discutidos os procedimentos utilizados pela instituição de ensino para evitar a evasão segundo os relatos dos entrevistados: professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor.

Procedimentos de acordo com a percepção do

Professor 1 – Contato direto com o aluno por meio de uma ligação ou uma mensagem requerendo uma resposta de suas faltas, caso, o aluno for menor de idade, geralmente entra em contato com os pais.

Professor 2 – Entrar em contato com o aluno para saber o porquê dessa evasão.

Professor 3 – Parece que o coordenador conversa com o aluno, verifica por que que ele está faltando e uma série de coisas, às vezes vejo aluno voltar assistir às aulas, às vezes não.

Nos relatos dos professores nota-se que os procedimentos são feitos por meio de ligação telefônica ou mensagens para o aluno, que o coordenador entra em contato para saber os motivos das faltas que conseqüentemente geram a evasão ao curso, porém em alguns casos há sucesso e o aluno retorna, mas nem sempre isso ocorre, terminando por confirmar a evasão.

Coordenador de curso 1 – Tem uma turma agora com trinta e nove alunos, porque um mudou de cidade, então o pai por causa do serviço mudou e a coordenação não tem como repor esse aluno agora, mas participa das reuniões a questão de um modo geral na escola, é conversada, apresentada nas reuniões, acredito que os coordenadores, coordenadores com professores, chama-se o aluno que quer desistir, vai à secretaria e pede o pedido, a secretaria já comunica o coordenador, o coordenador conversa com esses alunos, tenta mantê-lo na escola, e sempre que possível a gente faz as vagas remanescentes.

Coordenador de curso 2 – Conversa com o aluno, conversa com o professor, tenta diversificar as metodologias, só que, o que anda dando mais resultado mesmo é o envolvimento dos alunos por meio de projeto. Então sem projeto, observa-se que não consegue um resultado, tão bom igual ao envolvimento deles com o projeto.

Coordenador de curso 3 – Primeira providência é procurar o aluno para saber qual o motivo, se o motivo tiver relacionado a questões pessoais a coordenação tenta vê o que pode ser feito, mas, muitas vezes não dá, e se for por questões do curso tenta adequa pra resolver a situação.

Coordenador pedagógico – Quando detecta um aluno com redução de índice da baixa frequência que não está frequentando a escola, primeiro entro em contato com esse aluno para saber o motivo de não está frequentando. Assim, converso com esse

aluno e após detectado o motivo se é problema interno da escola tenta-se resolver o problema da escola, se é um professor que não está se adequando a metodologia não está entendendo oriento esse professor, se o aluno que está com baixo rendimento de aprendizagem leva-se ele as monitorias. A escola tem um projeto de monitoria para os alunos que tem deficiência na aprendizagem. Quando o problema é externo lógico que não sanamos todos os problemas externos da escola, mas tento ajudar pra que ele é amenize essa situação.

As providências tomadas pelos professores e coordenadores de curso manifestam-se por meio de medidas criadas pela gestão escolar para tentar trazer de volta os alunos evadidos para o curso técnico.

O Coordenador de curso 1 revela que conversa com seus professores em reuniões e quando tem informações sobre aluno que quer desistir, assim, por meio das reuniões é possível planejar junto com o professores, novas ferramentas pedagógicas que auxiliem na melhoria do ensino e na participação ativa do aluno dentro da sala de aula. O Coordenador de curso 1 relata que conversa muito com o aluno para reverter a situação de evasão. O diálogo estabelecido pessoalmente com o aluno tem mais chance de dar certo, pois consegue analisar e pontuar os motivos que o levaram a se afastar do curso, possibilita também perceber os pontos fortes e os que necessitam de melhoria na instituição de ensino, e ainda, é possível, mostrar para o aluno a relevância da continuidade ao seu futuro profissional.

O Coordenador de curso 2 esclarece que se comunica com o aluno demonstrando o valor em adquirir conhecimento ao participar dos projetos realizados em sala de aula. Este conversa com os seus professores para incentivar a desenvolverem melhores projetos motivacionais e atrativos para manter esse aluno durante todo o período do curso.

O Coordenador de curso 3 e Coordenador pedagógico relatam que também dialogam com os alunos para conhecer se o motivo do desinteresse pelo curso tem relação com fatores internos ou externos. O Coordenador pedagógico afirma que “a escola tem um projeto de monitoria para os alunos que têm deficiência na aprendizagem”, isso é fundamental dentro do ambiente escolar principalmente para o desempenho das aulas e do curso. E se possível incluir todos os alunos em um projeto de monitoria integralizando o conhecimento de todos.

Ceratti (2008, p. 11) reitera que

As ações desenvolvidas denotam o engajamento de alguns professores com a equipe diretiva empenhada em planejar e desenvolver estratégias em sala de aula, tais como: momentos de estudo coletivo para alunos que estudam no individual, entendendo que o estudo individual é um processo solitário e com poucos estímulos, levantamento junto ao aluno acerca de suas dificuldades e aspirações futuras para assim trabalhar as necessidades individuais, aulas nos Laboratórios de Informática, Biologia, Física e Química com a finalidade de complementar as informações recebidas anteriormente, implementando a socialização dos conhecimentos adquiridos por meio do diálogo entre alunos e professores.

O diretor expõe que ao falar da evasão “mais de 90% dos casos os problemas são externos” e mesmo assim a instituição de ensino tenta solucionar de alguma forma.

Diretor – Então a partir desses números nós tentamos melhorar alguns quesitos da escola, então quando é apontado algum problema com o professor ou problema com a instituição, tenta agir em cima desse problema, mas na maior parte dos casos, mais de 90% dos casos os problemas são externos como: um trabalho, uma faculdade e falta de transporte, a gente tenta solucionar, como entrando em contato com alguma prefeitura para verificar transporte, mas na maior parte dos casos não tem muito o que ser feito.

Reforçando sobre os procedimentos tomados pelos professores, coordenadores de curso, coordenadores pedagógicos e diretor da instituição de ensino para evitar evasão, Viamonte (2011) sustenta que referente ao ensino médio integrado não pode ser mais admissível acelerar o processo de ensino-aprendizagem e tornar precária a formação do indivíduo em uma simplória e reduzida adaptação de cargas horárias, certificando a existência de currículos fragmentados e conseqüentemente com rara flexibilidade, desta forma, a integração apenas é notada por meio de métodos independentes de certos profissionais que utilizam projetos multidisciplinares.

Todos esses procedimentos que os professores, coordenadores de curso, coordenadores pedagógicos e diretor utilizam, são necessários para evitar a evasão de alunos e garantir seu direito de ter um ensino técnico profissionalizante como possibilidade de acesso ao mercado de trabalho numa sociedade marcada por tantas desigualdades sociais. Portanto, é preciso diariamente estar atento a novas estratégias para diminuir o índice de evasão.

Professor 1 – Um principal fator que segura os alunos é o aprendizado por projetos, em que componente curricular é inserido como ferramenta dentro do projeto.

Professor 2 – Diversificar a metodologia aplicada para a correção dos exercícios porque existem três tipos de aluno que eu costumo separar: tem o aluno que aprende vendo, o aluno que aprende escrevendo e o aluno que aprende fazendo. Diversifico também a metodologia de avaliação. Nas disciplinas de informática que é mais prática os trabalhos são feitos em sala de aula, porque em casa às vezes o aluno trabalha e não tem tempo. E se é algum trabalho que o aluno teve dificuldade passo um outro semelhante fazendo a correção desse para ele conseguir fazer. Desenvolvo um projeto de informática para alunos do ensino médio eles têm o ano inteiro de trabalho, então eu busco desenvolver esse projeto com eles da TV na matéria de programação para internet.

Professor 3 – Acredito que o aluno tem o direito de ir e vir, ele não é obrigado a assistir, por exemplo, as minhas aulas. Porque, eu raciocínio da seguinte forma, quantos alunos estão faltando? Dez por cento não é significativo para mim esse índice? Porque eu tenho resultado dos outros alunos, se os resultados dos outros alunos fosse mediano para baixo, realmente eu teria que tomar alguma providência, mas não é o caso.

O Professor 1 fala da importância de “aprendizado por projetos”, no mesmo sentido que Arruda (2016, p. 120)

O ensino de projetos porque, no nosso caso, o professor intencionalmente orienta e propõe uma situação em que o grupo de estudantes necessita realizar uma visita num local onde há um problema. Esse contato com a realidade material proporciona situações de mediação íntima com o objeto estudado, que muitas vezes estaria oculto ou imperceptível, por exemplo, numa abordagem somente expositiva em sala de aula. A realidade e o que é observado naquele local passa a ser um agente mediador da aprendizagem, pois impulsiona as ações dos estudantes em busca de informações e orientação. O conhecimento teórico propõe mediar em primeiro plano, enquanto que os outros recursos técnicos tornam-se instrumentos de segundo plano para o estudante. As pessoas envolvidas transformam-se em canais de comunicação e informação, tendo o professor como um agente orientador do processo.

O Professor 2 afirma que é importante “diversificar a metodologia aplicada para ensinar e a metodologia de avaliação”, percebe-se que o professor tenta fazer o melhor dentro da sala de aula para adequar suas metodologias de ensino e avaliação de acordo com o perfil dos seus alunos. De acordo com os autores Salvador e Ahlert (2018, p. 3) os procedimentos utilizados pelo professor em sala de aula “para desenvolver um conteúdo é o instrumento mais importante para alcançar os objetivos a que se propõem. Entretanto, não existe um método pedagógico universal e sim vários recursos ou ferramentas que o professor lança mão para estimular o estudante a aprender”.

Minayo (2007 *apud* SALVADOR; AHLERT, 2018, p. 5) compreende as metodologias ativas como

Formas de desenvolver o processo do aprender que os professores utilizam na busca de conduzir a formação crítica de futuros profissionais nas mais diversas áreas. A utilização dessas metodologias pode favorecer a autonomia do estudante, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, advindas das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante.

O Professor 3 acredita que se os “resultados dos outros alunos fossem medianos para baixo, realmente eu teria que tomar alguma providência, mas não é o caso”. No entanto, alguns cuidados os professores têm que ter, e procurar conhecer as limitações e potencialidade de cada aluno, dessa forma, além de promover uma aprendizagem significativa contribuiriam para a redução da evasão escolar.

Coordenador de curso 1 – Num primeiro momento trazer esse aluno que realmente está querendo sair, fazer com que ele fique. A escola tem muito aluno que é safrista, uma semana está de manhã, outra semana está à noite. Que rodam turno e não safrista, então assim, os coordenadores tentam conversar com eles para entrarem num consenso, porque não podemos perder essa pessoa que precisa de uma formação. Aponta que em caso muito gritante como a faculdade que tem o PROUNI, o SISU no primeiro semestre, chamando, a escola acaba perdendo muito aluno também para a faculdade. No entanto, o processo agora na Instituição de Ensino para

cada Vestibulinho para o técnico tem a questão das vagas remanescentes, então fazer essa publicidade, mostrar para os funcionários e alunos que a pessoa que já trabalha e não tem a formação que venha para a Instituição preencher as vagas remanescentes e entra no segundo módulo, terceiro módulo. A coordenadora afirma não saber se tem eficácia, mas para o segundo módulo a coordenação tem que ir achando alunos e sanando as perdas.

Coordenador de curso 2 – Examinam-se os dados por meio do relatório tem os alunos concluintes analisa se houve uma evolução, principalmente se houve redução das perdas de alunos com a evasão. No entanto, tenta-se fortalecer as atividades que visam o combate a essa evasão, acompanhando o aluno que falta bastante, tem também alguns projetos que são realizados no curso para o aluno ter um maior envolvimento na escola, então tudo isso é visando no combate a evasão. Os professores trabalham sim projetos, todas as disciplinas, a maioria delas trabalham, é trabalhada através de projetos, então tem um ou mais projetos envolvido em toda a disciplina, onde os alunos tem que realizar as competências, habilidades baseadas no projeto que foi proposto pelo docente. A equipe liga para o aluno, explica para eles que há uma perda, caso eles saiam do curso, grande, profissionalmente para eles, tenta é de alguma maneira convencê-los a voltar, porque é um curso técnico que tem uma valorização no mercado e um curso de curta duração, então falamos para o aluno que isso pode agregar na vida profissional dele e tenta trazer ele de volta, através desses argumentos.

Coordenador de curso 3 – A coordenação acompanha esses alunos e sempre entro em contato com esses alunos evadidos no módulo seguinte para ver se há a possibilidade de voltarem a cursar. Estou sempre em contato com os alunos, mesmo aqueles que se desligaram, pra reverter a situação e trazê-los de volta.

Coordenador pedagógico – Relata ter uma boa conversa com o aluno, trazer o aluno para perto da escola e entrar em contato com ele conversando, tanto a coordenação pedagógica, orientadora educacional e os coordenadores de curso e o professor em sala de aula, que tem contato mais próximo com o aluno. Acredita que com essas atitudes deixa o aluno mais próximo, ele vai se sentir mais seguro e a vontade com a escola.

Nota-se na fala dos coordenadores preocupação tanto com fatores internos como com os fatores externos à evasão.

Diretor – As metodologias mais novas de ensino-aprendizagem que as metodologias ativas de ensino em que o aluno passa a ser precursor da aprendizagem, é algo que vem trazendo resultados, e esses resultados são baseados no aluno realizando sua atividade, sua aprendizagem. Acredita que um projeto é melhor, onde ele coloca a mão na massa para que ele consiga verificar, consiga aprender de uma forma eficiente, mas a realização de projetos não é fácil, porque a realização de projetos demanda verba, demanda tempo, nosso aluno é um aluno trabalhador que não tem tempo para fazer atividades extra-classe. Os projetos são benéficos, mas precisa ter cautela, um número de projetos pequenos, reduzido, que consiga envolver vários professores ou até várias salas num projeto. A Instituição de Ensino ela tem como meta principal redução de evasão. Isso não acontece só nessa unidade, isso acontece em todas as Instituições de Ensino e a equipe trabalha duro, árduo para conseguir diminuir a evasão e a manutenção dos cursos. É uma equipe motivada, eu tenho professores que são professores um pouco mais jovens então isso facilita um pouco é o nosso cotidiano, mas mesmo assim, às vezes quando surge um resultado como o bloqueio de um curso acaba perdendo um pouco o pique, mas vai lutando para ir tentando manter os professores motivados, os coordenadores motivados da melhor

forma possível, como o resultado de um bônus hoje é motivador, mais o bônus acontece uma vez por ano e a evasão é cotidiana, a luta é todos os dias.

O diretor da instituição complementa com suas afirmações que utiliza as metodologias ativas apreciadas como instrumento mais moderno no processo de ensino-aprendizagem.

Ceratti (2008, p. 2) afirma que “o problema da evasão escolar preocupa a escola e seus representantes, ao perceber alunos com pouca vontade de estudar, ou com importantes atrasos na sua aprendizagem”. Mesmo com os esforços dos professores para conseguir que o aluno frequente as aulas e tenha média nas avaliações para ser aprovado, essas medidas não garantem a permanência do aluno na escola (CERATTI, 2008).

Segundo Dore (2013 *apud* BASTOS; GOMES, 2014), para prevenir a evasão escolar é preciso compreender, entender, guiar e acompanhar o aluno desde o primeiro momento em que escolhe a área para sua formação profissional. Com essa atitude pode-se reduzir de forma significativa as taxas de abandono e/ou também contribuir para evitar outras espécies de fracasso escolar. De modo que essa prevenção é considerada essencial tanto para o aluno quanto para a sociedade, uma vez que a evasão significa uma das essenciais causas para a baixa qualificação e capacitação profissional dos alunos.

3.2.7 AS AÇÕES DA ESCOLA PARA ENFRENTAR A EVASÃO NA VISÃO DOS ALUNOS DESISTENTES

A participação efetiva dos professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor na vida escolar dos alunos têm extrema relevância, Ceratti (2008) fazendo uma análise sobre a proximidade dos alunos com a escola afirma que

O entendimento que eles têm sobre essa questão uma vez que as respostas foram: “preparar para o futuro”, “melhorar a comunicação entre as pessoas”, “trazer conhecimento”, “oferecer qualidade de vida”, “ensinar os alunos para que estejam mais preparados para entender o mundo e viver em sociedade”. Todavia, esses depoimentos comprovam pouca clareza a respeito do valor da escolarização e quanto a sua participação como cidadão na sociedade, sendo esses jovens e adultos excluídos socialmente há muito tempo dos bancos escolares e que trazem consigo marcas profundas dos processos passados e reflexos de uma sociedade injusta e excludente, sendo que muitos deles já não acreditam em mais nada, nem na própria escola; a considerar suas falas, que apesar de dizerem que a escola é muito importante e que oferece condições de um futuro melhor, na prática, isso não se concretiza, ao examinar os altos índices de evasão escolar (FREIRE, 1982 *apud* CERATTI, 2008, p. 14).

Assim, de acordo com os relatos dos alunos evadidos, percebe-se como a escola ora pesquisada evita a evasão escolar, 50% afirmam que a escola entrou em contato, e 50% que não receberam nenhum contato.

Aluno 1 – Sim.

Aluno 2 – Vários professores entraram em contato comigo e me mantive na posição de não voltar.

Aluno 3 – Não.

Aluno 4 – Ninguém entrou em contato comigo.

Os alunos 1 e 2 afirmam que professores e/ou escola entraram em contato, nesse sentido atendendo toda a expectativa exposta pela equipe de gestão escolar quando afirmam que ligam ou mandam mensagens.

Para os alunos 3 e 4, todos os esforços que a instituição afirma fazer para manter os alunos na escola, não ocorre de forma tão eficiente. Pois, nessa pesquisa, 50% dos alunos evadidos não receberam nenhum contato de professores ou da equipe gestora, no sentido de conhecer os motivos por que deixaram o curso.

Deve-se considerar também que pode haver uma falha na comunicação com os alunos, possibilidade de os dados dos alunos estarem desatualizados ou erroneamente preenchidos ou informados.

A escola apresentou alternativas para a continuidade dos estudos

Aluno 1 – Não me lembro.

Aluno 2 – Apresentou sim, várias, mas eu preferi não voltar.

Aluno 3 – Não.

Aluno 4 – Ninguém falou com ela, tentou transferir para Bebedouro, mas não conseguiu porque não tinha vaga e fez de tudo por conta própria.

Comparando as falas dos professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor, nota-se que não há coerência entre o que é apresentado pela equipe de gestão escolar e a fala da maioria dos alunos quanto aos procedimentos e tentativas de resgatar o aluno que evade do ensino técnico.

Segundo Ceratti (2008), a gestão escolar precisa se preocupar com a evasão e criar medidas que consigam trazer de volta à escola os alunos evadidos e também ter o cuidado para mantê-los na escola controlando de todas as formas os fatores de seus abandonos.

Nota-se que a juventude passa por diversas pressões, nas quais constrói, desconstrói e reconstrói enquanto sujeito para se adequar à sociedade, a qual demonstra se preocupar com os jovens, porém não existe nenhuma ação efetiva do poder público para garantir seus direitos sociais e que reduza a desigualdade. Necessário é, portanto, criar ações públicas que envolvam novas metodologias escolares para o ensino técnico, pensando que o jovem e os adultos que não tiveram acesso à educação na idade certa, têm o direito de estudar e garantir uma capacitação profissional capaz de permitir o acesso ao mercado de trabalho e aos bens culturais socialmente construídos na história da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evasão está presente nas escolas técnicas, gerando graves consequências até mesmo com o fechamento de curso, e conseqüentemente deixando de qualificar os jovens que não têm condições financeiras para pagar uma faculdade privada, limitando-os para o mercado de trabalho, justificando, portanto, a relevância deste tema que é objeto de estudo entre profissionais da área de educação.

O presente trabalho defende a posição que a educação pode ser tratada como enfrentamento de solução dos problemas da sociedade por sua capacidade em contribuir com o desenvolvimento do país, por isso a necessidade de construção de políticas públicas eficazes.

Ressalta-se que o ensino técnico cruza vertentes científicas diversas, na área da indústria, saúde, agricultura, gestão, serviços, entre outras, possibilitando que o aluno seja incluído por meio da educação técnica no ambiente de trabalho e com a qualificação profissional ser diferenciado para poder cumprir o papel específico que a sociedade tem cobrado (ALVES, 2013).

A evasão escolar é um fato que ocorre na educação, deste o ensino básico, fundamental, atingindo até o médio, o técnico e o superior do país, situação conhecida e ainda incontrolável. A evasão é consequência de vários reflexos que ocorrem na sociedade, ligados à situação econômica, financeira, política e social de um país, considerados como problemas externos.

Inferese também que, como problemas internos que podem influenciar negativamente para a evasão, estão os professores ministrando diferentes disciplinas e nem sempre com formação adequada; extensa jornada de trabalho que os impedem de preparar melhor suas aulas, e de utilizar de metodologias mais atrativas.

Ressalta-se que a bibliografia utilizada nesta pesquisa acerca da educação profissional e técnica permitiu uma maior compreensão sobre como essas políticas se desenvolveram e se transformaram ao longo dos anos. No entanto, a realização das entrevistas semiestruturadas possibilitou uma visão mais aprofundada da evasão escolar no Curso Técnico, revelando que existem problemas a serem solucionados tanto por parte da instituição de ensino, como a metodologia de aula utilizada, que são os fatores internos, como também problemas pessoais dos alunos que vão muito além da escola, os chamados fatores externos.

Portanto, conclui-se que o ensino técnico brasileiro não pode ser considerado uma formação complementar ao ensino médio, mas sim, uma formação técnica que deve

desempenhar um papel extremamente relevante no desenvolvimento do aluno, e desenvolvimento econômico do país.

Vale ressaltar que a evasão se encontra presente nos cursos técnicos, significando um problema que precisa ser analisado tanto do ponto de vista dos fatores internos quanto dos externos.

Nesse caso é de extrema relevância registrar que os professores, coordenadores de cursos, coordenadores pedagógicos e o diretor da instituição pesquisada têm preocupação com os alunos, empenham-se em propiciar um ensino técnico de qualidade para o futuro dos jovens atentando ao conhecimento científico que deve ser adquirido e com a futura qualificação profissional. Em seus relatos nota-se que buscam implementar novas metodologias de ensino, novos projetos, de forma a tornar o ensino mais interessante e atraente.

Diversas são as causas da evasão escolar, que provocam profundos impactos. São razões relacionadas às condições socioeconômicas, localização geográfica, falta de legislação específica que garanta o direito do aluno permanecer no ensino técnico por meio de incentivos públicos, projetos didático-pedagógicos efetivos para atender a necessidade dos alunos que chegam ao ensino técnico com grande defasagem de conteúdos e imensa dificuldade em acompanhar, tanto as aulas teóricas quanto as práticas.

As causas da evasão apresentadas como fatores internos e externos à escola, independentemente de qual seja o motivo real do abandono, trazem grandes consequências para a juventude, pois os jovens e adultos correm o risco de ter seu futuro prejudicado pessoal, profissional e economicamente. Nota-se que os alunos muitas vezes acabam por renunciar ao estudo e a uma formação técnica devido à ineficiência das políticas públicas que oferecem vagas mas não são capazes de assegurar a permanência do aluno na escola.

Assim, conclui-se que há extrema necessidade de se minimizar esses fatores de evasão escolar, no caso em estudo, a do ensino técnico, por meio de iniciativas do poder público de forma a envolver a escola, os alunos, as famílias e a sociedade, criando ações que garantam o direito e a permanência na escola. Como há muitos jovens e adultos que não finalizam seus estudos, conseqüentemente não conseguem empregos que possam garantir a inclusão social.

É preciso criar projetos diferenciados que deem oportunidade ao desenvolvimento de jovens e adultos, garantindo uma melhor distribuição de renda, ampliando o desenvolvimento econômico de forma a investir no ser humano garantindo o direito a uma educação de qualidade, acesso à cultura e ao mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Juventude em construção. **Revista Onda Jovem**. Edição 5 – Julho de 2006. Disponível em:

<<http://www.revistaondajovem.com.br/materiadet.asp?idtexto=66>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Políticas para quem e para o quê: Conceitos e perspectivas de juventude em documentos de políticas do Banco Mundial e do Conselho Nacional de Juventude**. Salvador, novembro 2007.

ALVES, Luís Alberto Marques. Ensino Técnico: Uma necessidade ou uma falácia? Notas para a Compreensão da Filosofia do ensino técnico em Portugal e no Brasil. **História da Educação**. Porto Alegre, v. 17, n. 41, Set/Dez. 2013, p. 103-122. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/36022/pdf-e>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. SILVA, Maria Helena G.F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, FFCLRP, USP, 2, fev/jul, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempo de exclusão. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**. 2001, n. 11, pp. 09-20. ISSN 1518-7551.

ARRUDA, Fabio Pinto de. **Aprendizagem de projetos no ensino técnico – Contribuições da teoria histórico-cultural para o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes**. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4456811>. Acesso em: 3 fev. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, Santos Dias; SOUZA, Alexandra Matos; OLIVEIRA, Júlia Maria da Silva. A evasão escolar no ensino médio: um estudo de caso. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.9, n.19, 2009. Disponível em: <www.uniube.br/propep/mestrado/revista/>. Acesso em: 25 nov. 2018.

BASTOS, Oliver Guimarães Armando; GOMES, Carlos Francisco Simões. A evasão escolar no Ensino Técnico: entendendo em enfrentando as dificuldades – Um estudo de caso do CEFET-RJ, **X Congresso Nacional em Excelência em Gestão** 08 e 09 de agosto de 2014. ISSN 1984-9354. Disponível em: <http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0019_0.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2018.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 542p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008**. Altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11741-16-julho-2008-578206-publicacaooriginal-101089-pl.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2004/decreto-5154-23-julho-2004-533121-publicacaooriginal-16200-pe.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. **Projeto lei nº 4529/2004**. Estatuto da Juventude. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=271219>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 26 jul. 2017.

CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora Isabel Paiva da. O lugar dos jovens na história brasileira. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, p. 63-114, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia, et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiro. **Última década**, v. 12, n. 21, p. 11-50, 2004. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/195/19502101/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. **II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação**, v. 8, 2009. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209/17188>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

CARVALHO, Carolina Coimbra de; LIMA, Francisca das Chagas da Silva. Juventudes, Educação e Trabalho: Reflexões Sobre os Desafios da Escolarização na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Educação em Debate**, v. 39, n. 73, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/viewFile/302/187>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. **Evasão escolar: causas e consequências**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/242-4.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. Políticas públicas para a educação de jovens e adultos. **Secretaria da educação do Estado do Paraná**, 2007. Disponível em: <http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_marcia_rodrigues_neves_ceratti.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. **Como elaborar uma dissertação de Mestrado através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro, 7 Letras: 2003.

DORE, Rosemary. Evasão e repetência na rede federal de educação profissional. **XXXVII REDITEC**, v. 2, n. 1, p. 05, 2013. Disponível em <<http://www.reditec.ifal.edu.br/reditec/arquivos-1/apresentacoes/dia-0409/Tema%202005%20Evasao%20e%20Repetencia%20na%20Rede%20Federal%20de%20Educacao%20Profissional.pdf/>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

DORE, Rosemary; LÜSCHER, Ana Zuleima. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de Pesquisa**, v.41, n. 144, p. 770-89, dez. 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/S0100-15742011000300007>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

ETEC. Administração. Disponível em: <<https://www.vestibulinhoetec.com.br/unidades-cursos/curso.asp?c=501>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

ETEC. Serviços Jurídicos. Disponível em: <<https://www.vestibulinhoetec.com.br/unidades-cursos/curso.asp?c=520>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742011000300007&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 08 mar. 2018.

FERNANDES, José Diecks. **O direito a educação técnica de nível médio**. 2009. Disponível em: <uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/.../>. Acesso em: 08 mar. 2019.

FERREIRA JR. Achiles Batista, et al. **Educação técnica e o trabalho no Brasil: uma análise retrospectiva e histórica da evolução desse setor educacional**. Uninter Curitiba – PR – maio 2015. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2015/anais/pdf/BD_156.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

FIGUEIREDO, Natália Gomes da Silva; SALLES, Denise Medeiros Ribeiro. Educação Profissional e evasão escolar em contexto: motivos e reflexões. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 25, n. 95, p. 356-392, 2017. ISSN 0104-4036. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362017002500397>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. São Paulo. SP; Atlas, 2002.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; SEFFNER, Fernando. Dois Monólogos Não Fazem um Diálogo: jovens e ensino médio. **Educação & realidade**. Porto Alegre, RS. Vol. 41, n. 1 (jan./mar. 2016), p. 175-192, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140118>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

GRACIOLI, Maria Madalena. **A Concepção subvertida de futuro dos jovens: A trajetória pelo ensino médio**. 2006. Araraquara. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo.

GRACIANO, Matheus Pereira. **Ensino técnico integrado ao médio: uma visão baseada em proposta de valor**. Disponível em: <<http://fce.edu.br/blog/ensino-tecnico-integrado-ao-ensino-medio-uma-visao-baseada-em-proposta-de-valor/>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz; ALMEIDA, Mariana Eugenio. Os jovens e o mercado de trabalho: evolução e desafios da política de emprego no Brasil. **Temas de Administração Pública**, v. 8, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/temasadm/article/viewFile/6845/4926>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Educação profissional técnica de nível médio no censo escolar**. — Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. 59 p. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/489599>. Acesso em: 14 jan. 2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LEON, Fernanda Leite Lopez de; MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. Reprovação, avanço e evasão escolar no Brasil. **Pesquisa e planejamento econômico**. PPE, v.32, n.3, dez 2002.

Disponível em:

<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4286/1/PPE_v32_n03_Reprovacao.pdf>.

Acesso em: 10 jan. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros. **II Seminário internacional de pesquisa e estudos qualitativos**. Anais. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, SE&PQ, 2004. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MARGIOTTA, Umberto, et al. **O fenômeno do abandono escolar na Europa do novo milênio**. Cad. Cedes, Campinas, v.34, n.94, p. 349-366, set-dez, 2014. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v34n94/0101-3262-ccedes-34-94-0349.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2019.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, v. 2, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p.11-29.

NERI, Marcelo Côrtes. **O tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola**: motivos da evasão escolar. Movimento todos pela educação. Fundação Educar DPaschoal, Instituto Unibanco e Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/ finais/Etapa3-Pesq_MotivacoesEscolares_sumario_principal_anexo-Andre_FIM.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2017.

OLIVEIRA, Thalissa Corrêa de. Evolução histórica dos direitos da criança e do adolescente com ênfase no ordenamento jurídico brasileiro. **Revista Interdisciplinar de Direito**, v. 10, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.faa.edu.br/revistas/docs/RID/2013/RID_2013_24.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2018.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v. 18, p. 371-381, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902009000300003&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 6 jan. 2018.

PAIS, José Machado. **Cultura Juvenis**. 2 ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Portugal, 2003.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social**, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://files.cacoifbavca.webnode.com/200000608-0585706dbc/pais_construcao%20sociol%20juvent.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

PAIVA, Francisco Da Silva. ENSINO TÉCNICO: Uma breve história. **Revista Húmus**, v. 3, n. 8, 2013. Disponível em:

<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1677>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

PEDRALLI, Rosângela; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 13, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/2013nahead/aop2213.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

PEIXOTO, Karine Lima Verde; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano. JUVENTUDES E SUAS INTERMITÊNCIAS. **Encontros de Iniciação Científica UNI7**, v. 8, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://www.uni7.edu.br/periodicos/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/586>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Disponível em: <<http://www.seduc.go.gov.br/imprensa/documentos/Arquivos/15%20-%20Manual%20de%20Gest%C3%A3o%20Pedag%C3%B3gico%20e%20Administrativo/2.10%20Combate%20%C3%A0%20evas%C3%A3o/UM%20ESTUDO%20SOBRE%20A%20EVAS%20C3%83O%20ESCOLAR%20-%20PARA%20PENSAR%20NA%20EVAS%20C3%83O%20ESCOLAR.pdf>>. Acesso em 08 mar. 2019.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. **500 anos de educação no Brasil**. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 79-94.

RODRIGUES, Theófilo. **A regulamentação e o financiamento do sistema nacional de juventude**. Boletim 15, de 03 de novembro de 2013. Publicado por LABJUV. Disponível em: <<https://labjuv.wordpress.com/2013/11/03/boletim-15-a-regulamentacao-e-o-financiamento-do-sistema-nacional-de-juventude/>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

SALVADOR, Shara; AHLERT, Edson Moacir. **Metodologias de ensino e aprendizagem no curso técnico em enfermagem**. 2018. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2032/1/2018SharaSalvador.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

SAVIANI, Demerval. **Educação em diálogo**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Demerval. **A nova lei da educação: trajetória limites e perspectivas**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. **O pensar educação em Paulo Freire: Para uma pedagogia de mudanças**. Projeto Desenvolvido na Rede Pública Estadual/Núcleo Regional de Educação/Cascavel/PR, como formação docente no Programa de Desenvolvimento Educacional PDE /SEED/IES PR. No período de 2007 e 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

SEVERO, Mirlene Simões. Direitos sociais dos jovens no Brasil: concepções e experiências. **Revista Segurança Urbana e Juventude**, v. 3, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/seguranca/article/view/3696>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

SEVERO, Mirlene Simões. Caminhos tortuosos na busca por emprego entre os jovens pobres brasileiros. **Revista Segurança Urbana e Juventude**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/seguranca/article/view/2389>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Formação tecnocientífica nas políticas educacionais para o ensino médio: uma perspectiva curricular. **Linhas Críticas**, v. 21, n. 45, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/1935/193542556008/index.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SOUZA, Aparecida Neri de. Professores, trabalho e mercado. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 20, n. 49, p. 47-55, Jan./Abr. 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/25057/1/S0103-49792007000100005.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

SPÓSITO, Marília. Políticas metropolitanas de juventude: projeto temático. mimeo, São Paulo, 2002.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Um olhar na História: a mulher na escola (Brasil 1549-1910)**. In: História e Memória da educação Brasileira, 2002, Natal. II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

TOMINAGA, Mirta Rie de Oliveira; CARMO, Jefferson Carriello do. Formação profissional de nível médio: o ensino médio integrado no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. **Interações (Campo Grande)**, v. 16, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1518-701220151116>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

VIAMONTE, Perola Fatima Valente Simpson. Ensino profissionalizante e ensino médio: novas análises a partir da LDB 9394/96. **Educação em Perspectiva**, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://educacaoemperspectiva.ufv.br/index.php/ppgeufv/article/view/67>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS EVADIDOS

Entrevistas semiestruturada para Alunos Evadidos

A presente entrevista destina-se a realização de um estudo de caso sobre a evasão do ensino técnico de uma escola do Centro Paula Souza. Procure ser o mais exato possível nas suas respostas. Estas são absolutamente confidenciais.

- 1- Nome
- 2- Sexo
- 3- Idade
- 4- Atualmente você que você faz?
- 5- Qual o curso técnico que você cursou na Etec de Olímpia?
- 6- Qual período (ano e mês) que você cursou?
- 7- Quanto tempo você frequentou o curso?
- 8- Qual o motivo que fez você abandonar o curso?
- 9- Já pensou em retornar para terminar o curso?
- 10- A escola entrou em contato com você para saber o porquê da sua desistência?
- 11- A escola apresentou alguma alternativa para você continuar os seus estudos?
- 12- Quais os pontos positivos do curso que você cursava?
- 13- Quais os pontos negativos do curso que você cursava?
- 14- Você gostaria de retornar para terminar o curso?
- 15- Gostaria de fazer outro curso?
- 16- Quais são teu projetos de futuro?

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O DIRETOR

Entrevista Semiestruturada para o DIRETOR

A presente entrevista destina-se a realização de um estudo de caso sobre a evasão do ensino técnico de uma escola do Centro Paula Souza. Procure ser o mais exato possível nas suas respostas. Estas são absolutamente confidenciais.

- 1- Nome
- 2- Sexo
- 3- Idade
- 4- Qual a tua formação acadêmica?
- 5- Qual sua habilitação técnica?
- 6- Você tem acesso aos números dos alunos que evadem os cursos desta unidade?
- 7- Como esses números chegam até você?
- 8- Quais providências são tomadas com relação a esses números?
- 9- Atualmente qual é o índice de evasão desta unidade?
- 10- Qual o curso que tem mais evasão?
- 11- A unidade tem algum projeto para combater a evasão?
- 12- A unidade já teve algum curso bloqueado por evasão?
- 13- Em caso positivo? Qual curso e quando?
- 14- Houve demissão de professores por falta de aula devido ao bloqueio de curso?
- 15- Com que frequência você se reúne com sua equipe para analisar índices e tomar decisões?
- 16- Você conhece as causas da evasão escolar nessa escola?

APÊNDICE III – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O COORDENADOR DE CURSO E COORDENADOR PEDAGÓGICO

Entrevista Semiestruturada para Coordenador de Curso e Coordenador Pedagógico

A presente entrevista destina-se a realização de um estudo de caso sobre a evasão do ensino técnico de uma escola do Centro Paula Souza. Procure ser o mais exato possível nas suas respostas. Estas são absolutamente confidenciais.

- 1- Nome
- 2- Sexo
- 3- Idade
- 4- Qual a tua formação acadêmica?
- 5- Você tem habilitação técnica? Qual?
- 6- Você coordena qual curso?
- 7- Quanto tempo você é coordenador(a) desse curso?
- 8- Quantas horas semanais você trabalha na coordenação? São suficientes?
- 9- Quantos anos você tem de experiência na docência em cursos técnicos?
- 10- Quais são as demandas dos alunos com o coordenador?
- 11- No seu dia a dia de coordenação, você procura ouvir os professores e acompanhar os alunos que apresentam muitas faltas? Em caso positivo, qual providência é tomada?
- 12- Como você toma conhecimentos dos alunos faltosos?
- 13- Na sua escola são trabalhados os índices de evasão de alunos? Em caso positivo, como vocês detectam esses índices?
- 14- Quando detectado quais providências são tomadas?
- 15- Que medidas você utiliza para trazer de volta os alunos evadidos?
- 16- Você conhece as causas que levam os alunos a abandonarem a escola?

APÊNDICE IV – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR

Entrevista semiestruturada para Professores

A presente entrevista destina-se a realização de um estudo de caso sobre a evasão do ensino técnico de uma escola do Centro Paula Souza. Procure ser o mais exato possível nas suas respostas. Estas são absolutamente confidenciais.

- 1- Nome
 - 2- Sexo
 - 3- Idade
 - 4- Qual sua formação acadêmica?
 - 5- Qual sua habilitação técnica?
 - 6- Você ministra aula em qual(ais) curso(s)?
 - 7- Qual(ais) disciplina(s) você ministra?
 - 8- Quantos anos você tem de experiência na docência em cursos técnicos?
 - 9- No seu dia a dia em sala de aula, você procura acompanhar os alunos que apresentam muitas faltas? Em caso positivo, você costuma informar o coordenador do curso?
 - 10- Você costuma passar para o coordenador o nome de alunos faltosos?
 - 11- Na sua escola são analisados os índices de evasão de alunos? Em caso positivo, como vocês detectam esses índices?
 - 12- Quando detectado quais providências são tomadas?
 - 13- O que você faz para evitar a evasão de alunos nas salas que você trabalha?
 - 14- Você conhece as causas que levam os alunos a abandonarem a escola?
- .

APÊNDICE V – GRELHA DE ANÁLISE VERTICAL

Professor 1	Grelha de Análise Vertical
1. Área de formação	Licenciado e bacharelado em química tecnológica
2. Habilitação técnica	Técnico em química
3. Cursos que ministra aula	Técnico em química e técnico em química integrado ao ensino médio
4. Disciplina ministrada	Análise química quantitativa
5. Tempo de experiência	8 anos
6. Acompanha as faltas dos alunos	Sim, esse acompanhamento é feito diariamente sempre que aulas ministradas e na identificação de uma falta decorrente o coordenador é sempre avisado para que tome as devidas medidas.
7. Informa ao coordenador o nome dos alunos faltosos	Sim não só o nome, mas a quantidade de faltas dentro da semana ou do mês de aula.
8. Índices de evasão são analisados e como são detectados	A escola analisa e a análise é feita pelos dados colhidos na plataforma XXX onde são inseridos os diários de sala e a chamada, e é feita uma conferência semanalmente ou quinzenalmente destes dados.
9. Providências tomadas	Contato direto com o aluno por meio de uma ligação ou uma mensagem requerendo uma resposta de suas faltas, caso, o aluno for menor de idade, geralmente entra em contato com os pais.
10. Como evita a evasão	Um principal fator que segura os alunos é o aprendizado por projetos, em que componente curricular é inserido como ferramenta dentro do projeto.
11. Causas da evasão	Fatores externos que são preocupantes: questão de transportes, a distância para o aluno com a escola, a questão financeira.
12. Sistema de atribuição de aulas pode ser motivo de evasão	Acredito que sim, não mais forte, mas acredito que o sistema de atribuição ele corrobora um pouquinho com a evasão, tem alguns professores que são atribuídos algumas aulas, porém, não é que não seja capacitado, mas ele domina não tão bem quanto um outro professor. Isso acontece pelo fato da pontuação docente e a atribuição segue a ordem da pontuação, às vezes, alguns componentes poderiam ser melhor ministrados colaborando para menor evasão. O aluno se sentiria mais ativo em sala de aula.
13. Acrescente mais informações sobre a evasão	A questão de evasão é bastante complexa, não é um único fator que faz a evasão acontecer, mas um treinamento, um tempo maior para os professores prepararem aulas, prepararem projetos, desenvolver esses projetos, talvez pudesse diminuir essa evasão escolar.

Professor 2	Grelha de Análise Vertical
1. Área de formação	Engenharia da computação.
2. Habilitação técnica	Técnico em Informática.
3. Cursos que ministra aula	Do projeto de informática para alunos do ensino médio de Informática e Técnico em Informática.
4. Disciplina ministrada	Programação para internet I e II, gestão de sistema operacional e lógica de programação.
5. Tempo de experiência	6 anos
6. Acompanha as faltas dos alunos	Sim, tem-se uma metodologia para acompanhar os alunos que estão mais faltando, geralmente quando tem uma ou duas faltas consecutivas informa-se ao coordenador para entrar em contato com o aluno, e justamente evitar a evasão dele.
7. Informa ao coordenador o nome dos alunos faltosos	Sim, passamos.
8. Índices de evasão são analisados e como são detectados	Sim. A evasão geralmente ocorre das matérias mais difíceis. Na reunião mensal do curso onde todos os professores sentam e debatem sobre especificadamente o caso de cada aluno. No entanto, pode ser trabalho, pois temos alunos que roda turno nas usinas e esses casos também são debatidos. Na reunião pedagógica é apresentado os índices de evasão do curso, no começo do semestre quantos

	começaram, quantos terminaram e quantos fizeram a matrícula para o próximo módulo.
9. Providências tomadas	Entrar em contato com o aluno para saber o porquê dessa evasão.
10. Como evita a evasão	Diversificar a metodologia aplicada para a correção dos exercícios porque existem três tipos de aluno que eu costumo separar: tem o aluno que aprende vendo, o aluno que aprende escrevendo e o aluno que aprende fazendo. Diversifico também a metodologia de avaliação. Nas disciplinas de informática que é mais prática os trabalhos são feitos em sala de aula, porque em casa às vezes o aluno trabalha e não tem tempo. E se é algum trabalho que o aluno teve dificuldade passo um outro semelhante fazendo a correção desse para ele conseguir fazer. Desenvolvo um projeto de informática para alunos do ensino médio eles têm o ano inteiro de trabalho, então eu busco desenvolver esse projeto com eles da TV na matéria de programação para internet.
11. Causas da evasão	Cada aluno, cada caso é um caso, tem que ser estudado especificamente. A maioria dos casos são problemas pessoais ou falando de um semestre pro outro às vezes a pessoa entra numa faculdade e acaba abandonando. Pode ser por doença e apresentou um atestado, ou por problema na família, que ocorre bastante. Um outro problema do curso técnico que é noturno e quando o aluno precisa tirar carta, e o curso da carta é somente noturno, então ele falta duas semanas, que é o período do curso, a equipe entra em contato para saber o que está acontecendo, se é uma dificuldade da matéria ou se é algum problema pessoal mesmo.
12. Sistema de atribuição de aulas pode ser motivo de evasão	Depende, mas acredito que sim, que possa fazer diferença, porque na maioria das vezes alguns professores pensam em quantidade de aula e não nas aulas que mais dominam. Então por exemplo, às vezes eu estou na lista em primeiro e um professor em segundo, e eu sei que o segundo está mais habilitado para uma certa disciplina e acabo pegando e deixando as outras que eu não gosto de ministrar para ele, talvez não é o ponto forte dele. Na informática tem disciplinas, mas com a gente não acaba ocorrendo tanto, mas vou dar um exemplo nosso que tem matérias de desenvolvimento de sistemas e matéria específica de hardware, então tem professor que domina mais o assunto hardware e tem professor que domina mais a programação, então não adianta eu deixar uma aula de programação para um professor de hardware que talvez ele não vai saber ministrar, então os professores do curso de informática, procuramos sempre fazer uma pré-atribuição que é aonde a gente atribui o melhor professor para a melhor disciplina, mas eu acredito que sim, que a maneira que é atribuído talvez pudesse mudar, pegar qualificação melhor de cada professor, no que ele é melhor.
13. Acrescente mais informações sobre a evasão	É um fato até estranho, porque acredito que a Instituição de Ensino, na minha opinião está muito preocupada em números e não em formação de mão de obra qualificada. Então, às vezes é preferível formar dez, quinze alunos que estão aptos a entrar no mercado de trabalho e que realmente entenderam a matéria, do que você ter que formar trinta e cinco alunos que não vão utilizar para nada o curso. Então esses números, é uma coisa que eles obrigam, eles impõem isso, para formar uma turma, se você não formar, se formar baixo de vinte e seis alunos, por exemplo, você tem um curso bloqueado, porém no curso de informática ainda não sofreu bloqueio (os professores do curso estão fazendo um rodízio, pois na maioria das vezes abre dois cursos e folga um semestre). O professor tem que diversificar a metodologia, e percebe-se que tem aluno que não tem condições que não aprende e o professor tem que reprovar. O professor tem que diminuir o conteúdo que vai passar para dar uma força para esse aluno formar e conseguir fazer parte número formandos exigidos pela Instituição de Ensino, assim vejo que a instituição quer números de formandos e não qualidade no ensino.

Professor 3	Grelha de Análise Vertical
1. Área de formação	Ciências Econômicas.
2. Habilitação técnica	Curso técnico em química industrial.
3. Cursos que ministra aula	Área de administração e uma matéria na área de informática.
4. Disciplina ministrada	Gestão Empreendedora, Gestão Empresarial, Gestão da Produção e na informática Empreendedorismo e Inovação.
5. Tempo de experiência	7 anos
6. Acompanha as faltas dos alunos	Aviso o coordenador. Os alunos faltam aleatoriamente, tem alguns que são remitentes, isso depende mais do que acontece fora da escola do que exatamente a falta do que acontece aqui dentro.
7. Informa ao coordenador o nome dos alunos faltosos	Não necessariamente apenas aviso o seguinte estou com oito ou nove alunos que estão faltando sistematicamente. Porque ele, fica estranho, mas ele verifica as chamadas ou deveria fazer isso todos os dias. O coordenador tem acesso a todo o Sistema XXX inclusive para tirar as faltas se ele assim decidir.
8. Índices de evasão são analisados e como são detectados	Eles trabalham com estatísticas, ressalta não concordar muito com essa estatística, não acredito em média, aceito muito bem uma média ponderada, agora para medir ou definir esses índices, teria que ir um pouquinho além.
9. Providências tomadas	Parece que o coordenador conversa com o aluno, verifica porque que ele está faltando e uma série de coisas, às vezes vejo aluno voltar assistir aulas, às vezes não.
10. Como evita a evasão	Acredito que o aluno tem o direito de ir e vir, ele não é obrigado a assistir, por exemplo, as minhas aulas. Porque, eu raciocínio da seguinte forma, quantos alunos estão faltando? Dez por cento não é significativo para mim esse índice? Porque eu tenho resultado dos outros alunos, se os resultados dos outros alunos fosse mediano para baixo, realmente eu teria que tomar alguma providência, mas não é o caso.
11. Causas da evasão	O professor procura diversificar o máximo possível as aulas e afirma correr o risco de pôr diversificar demais na hora que ele não fizer, o resultado vai ser diverso. Então, uso o bom senso para dosar, porque não são todas essas metodologias atuais que existe que o professor consegue improvisar colocando o conteúdo do PTD ⁴ no meio. Os alunos adoram quando o professor aplica atividades diferentes aonde não existe a obrigação da contrapartida por parte deles, agora tem uma atividade em cima disso. Existem algumas coisas que são principais, primeiro eu pego o primeiro ou o segundo ano peço para se apresentar em pé dizendo o nome, a idade, qual foi a última formação, se trabalha e o que ele pretende fazer dentro daquela sala de aula. O professor relata que é terrível, oitenta por cento diz assim: eu vim fazer o curso para adquirir conhecimentos, eu falo, conhecimento pra que? E do que? Ah porque eu ouvi falar muito bem desse curso, têm dois amigos que já faz, eu vim fazer também. O professor descrever que essa é uma das principais causas da evasão, o aluno chega no curso e não é aquilo que ele quer, então o que ele faz, se prepara para vestibular prestar o Enem e desaparece do curso. Segundo aspecto, esse pessoal que vem do ensino médio de outras escolas, muitos daqui também, que acontece? Os alunos não têm condições de aprender a matéria, eles não conseguem desenvolver um texto, eles têm dificuldades em porcentagem e num monte de coisas. O que acontece com esses alunos? Você é capaz de recordar num determinado tempo da aula aquilo que está faltando para eles, mas o professor não pode parar de dar aula para ensinar matemática para esse povo, por exemplo, e muito menos ensiná-los a interpretar um texto ou gerar um texto fazer uma resenha, por exemplo, na matéria Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso. O professor afirma que a dificuldade é terrível, pois os alunos não conseguem entender como fazem o Trabalho de Conclusão de Curso. Agora em últimos casos o acredito que a atuação do professor também às vezes ajuda, mas isso é muito pouco.
12. Sistema de atribuição de aulas pode ser	Tem a sua importância nisso sim, porque, por exemplo, a atribuição de aula é uma função da pontuação docente, nem sempre a pontuação do professor foi

⁴ Plano de Trabalho Docente.

motivo de evasão	gerada por conhecimento didático, por cursos de especialização e etc. etc. etc., por exemplo, se cara tem uma função administrativa conta ponto, quer dizer, conta ponto para aula, isso fica meio estranho, então que acontece que alguns professores concentram por conta de sua pontuação o maior número de aulas livres e depois eles escolhem o que eles querem, principalmente se eles exercem coordenação ou coisa parecida, que eles podem abrir mão daquelas aulas, mas manter a posse delas, então essas aulas teoricamente são leiloadas para não dizer coisa pior, então é essa situação, eu acho que isso pode contribuir sim.
13. Acrescente mais informações sobre a evasão	Relata que é um problema estrutural, enquanto eles tiverem trabalhando em cima de estatísticas a evasão não vai acabar. Porque o aluno se incentivou da situação, vê que não tem que se preocupar, e quando a coisa fica muito fácil as pessoas acabam largando mão, acabam desanimando. Se no início não existe um incentivo, uma motivação pra você obter um resultado, eu acho que o problema da Instituição de Ensino em questão da evasão é estrutural, muda essas estatísticas. Porque montar classe de 40 alunos? Porque abrir um vestibulinho para um determinado curso? Porque ter a proporção de dois para um? Assim, analiso que a escola não quer perder o curso, porque, se ela perder curso, teoricamente vai sobrar professor, e ela sabe que ela tem bons professores que ela não gostaria de ver ir embora, então monta uma classe de quarenta alunos, mesmo alguns lá que querem fazer, mas nem tiveram pontuação suficiente no vestibulinho, monta aquela sala. E o que acontece? No primeiro ano, esses remanescentes que foram colocados ali praticamente na marra estão sumindo, e depois isso completa no segundo módulo, por isso afirmo que é estrutural.

Coordenador de curso 1	Grelha de Análise Vertical
1. Área de formação	Letras Português e Espanhol.
2. Habilitação técnica	Técnico em Contabilidade.
3. Cursos que coordena	Ensino médio, tanto da parte da base comum do técnico como o ensino médio.
4. Tempo de experiência em coordenação	Quase 8 anos.
5. Horas semanais na coordenação	Dezenove
6. São suficientes as horas de coordenação. O coordenador deve ser remunerado somente para exercer a função de coordenador, e não ir para sala de aula.	Não. Relata ser interessante como coordenadora do curso está dando aula, porque conhece a realidade da sala de aula, mas não vinte aulas. Se tiver uma turma com quatro aulas, o coordenador está na sala de aula e vê a realidade, então você dá um parâmetro melhor para a o professor, mas vinte aulas, preparar aula, corrigir atividades, montar prova, e, só dezenove horas de coordenação a cobrança é um monte de documentação, papelada e a gente acaba extrapolando a nossa hora de coordenação, a exigência de cumprimento de datas, somada a tudo isso não é legal.
7. Tempo de experiência em docência de cursos técnicos	12 anos.
8. Demandas dos alunos com coordenador	Os meus alunos vêm do nono ano da rede pública e da rede particular, faz um Vestibulinho, então tem uma boa seleção, não tem a experiência do técnico, possuem várias idades, com escola concluída ou não.
9. Dificuldade dos alunos quando se depara com o ensino médio integrado ao técnico	Num primeiro momento tenho bastante aluno que já vem de escola integrada, então ficar até às três e meia da tarde não é o problema, mas aqueles que vêm de uma escola normal, que saia meio dia e agora ficar até às três e meia, no começo, mas logo eles se enturmam se adequam a escola. A maior dificuldade é a questão de alinhar conteúdo, porque vem com defasagem de conteúdo, principalmente em exatas.
10. Acompanha alunos faltosos por meio de informações dos professores	O trabalho é diário com o professor, então primeiramente o professor vem a até a coordenadora, me remete algum aluno está faltando demais na sequência procuro a orientadora educacional. No primeiro momento é ela que vai acionar o pai, e, conversar com os alunos, porque a gente agora tem orientador educacional, mas como coordenadora sempre também converso com aluno direcionando, conversando com algum pai, mas geralmente a orientadora educacional que tá ligando diretamente. A coordenadora fica mais com a parte

	pedagógica.
11. Como tem informações dos alunos faltosos	A coordenadora do curso trabalha junto com a orientadora educacional, mas é ela que liga para o pai e chama o pai pra comparecer na escola, e quando o pai vem, ela me chama e a gente conversa junto, então é um trabalho feito em parceria.
12. Evasão dos alunos no curso que coordena	No ensino médio a gente tem a questão das vagas remanescentes, o ensino médio regular a gente faz no final de cada ano, aqueles alunos que reprovaram, ou mudaram de cidade e acaba saindo. O Ensino médio integrado ao técnico do primeiro para o segundo ano a gente consegue fazer as vagas remanescentes, o segundo para o terceiro não, então se tiver alguma evasão, é porque algum aluno reprovou do segundo para o terceiro e a equipe não consegue colocar aluno, mas assim, é muito raro acontecer, a equipe consegue repor esses alunos.
13. Curso bloqueado e as medidas tomadas para reverter	Não.
14. Curso já esteve em análise ou avaliação	Não.
15. Providências tomadas	Relata que tem uma turma agora com trinta e nove alunos, porque um mudou de cidade, então o pai por causa do serviço mudou e a coordenação não tem como repor esse aluno agora, mas participa das reuniões a questão de um modo geral na escola, é conversada, apresentada nas reuniões, acredito que os coordenadores, coordenadores com professores, chama-se o aluno que quer desistir, vai à secretaria e pede o pedido, a secretaria já comunica o coordenador, o coordenador conversa com esses alunos, tenta mantê-los na escola, e sempre que possível a gente faz as vagas remanescentes.
16. Como evita a evasão	Num primeiro momento trazer esse aluno que realmente está querendo sair, fazer com que ele fique. A escola tem muito aluno que é safrista, uma semana está de manhã, outra semana está à noite. Que rodam turno e não safrista, então assim, os coordenadores tentam conversar com eles para entram num consenso, porque não podemos perder essa pessoa que precisa de uma formação. Aponta que em caso muito gritante como a faculdade que tem o PROUNI ⁵ , o SISU ⁶ no primeiro semestre, chamando, a escola acaba perdendo muito aluno também para a faculdade. No entanto, o processo agora na Instituição de Ensino para cada Vestibulinho para o técnico tem a questão das vagas remanescentes, então fazer essa publicidade, mostrar para os funcionários e alunos que a pessoa que já trabalha e não tem a formação que venha para Instituição preencher as vagas remanescentes e entra no segundo módulo, terceiro módulo. A coordenadora afirma não saber se tem eficácia, mas para o segundo módulo a coordenação tem que ir achando alunos e sanando as perdas.
17. Causas da evasão	A primeira e campeã é a faculdade. Os coordenadores dos cursos técnicos descrevem que muitos alunos pensam que o curso é uma coisa e depois quando começa é diferente. A campanha de Vestibulinho serve para mostrar sobre o curso e o que eles vão ver se passaram nesse curso de verdade para não quebrar a cara, aquela falsa expectativa, porque muitos vêm fazer o curso, uma semana, mas não é isso que eu pensava, então logo na primeira semana também os coordenadores fazem essa integração, fazer rodas de debates, trazer ex alunos para conversar o que é esse curso, e se alguém procurar desistir e a gente pode rodar, chamar os alunos que estão naquela lista que a gente já pode estar colocando no curso.
18. Sistema de atribuição de aulas pode ser motivo de evasão	Atribuição de aula talvez sim, talvez não. Relata que pensou no processo realizado pela instituição quando entra professores, a atribuição de aula, a contagem de pontuação tudo. Descreve que às vezes acaba perdendo professores muito bons, o professor por tempo determinado seu contrato tem o prazo de dois anos e tem que ficar afastado por seis meses, o interstício. E afirma que a Instituição de Ensino não tem como abrir concurso. Declara que acha interessante como as prefeituras fazem isso criando um novo processo seletivo, mas não tem esse interstício, o professor passando ele pode dar sequência, e

⁵ O Programa Universidade para Todos

⁶ Sistema de Seleção Unificada

	acredita que devia ser revisto esse método, para a escola não ficar perdendo bons professores.
19. Acrescente mais informações sobre a evasão	Ressalto a importância de informar quando o curso vai entrar em rotatividade ou que o curso não existirá por causa da demanda, acho que eles tinham que voltar as realidades. São Paulo é uma realidade, a grande Campinas é outra, São José do Rio preto é outra realidade, então analisar as demandas individuais. Descreve a necessidade de fazerem alguma coisa relacionada a evasão, pois na cidade dessa Instituição de Ensino é diferente, do processo de evasão e é cobrado de forma geral, assim a atribuição de aula, processo, tudo, eles não olham as regiões, eles olham de modo geral e sempre focando no grandes centros e não a região, ficando generalizado. Acredito se analisarem as demandas das unidades de acordo com a suas cidades e terem uma supervisão local. Afirma a relevância de rever os métodos utilizados não na amplitude geral, mais específica.

Coordenador de curso 2	Grelha de Análise Vertical
1. Área de formação	Administração
2. Habilitação técnica	Em informática
3. Cursos que coordena	Administração e Recursos Humanos
4. Tempo de experiência em coordenação	5 anos
5. Horas semanais na coordenação	8 horas
6. São suficientes as horas de coordenação. O trabalho é muito maior do que as horas que você recebe, por questão burocrática ou atendimento de professor e aluno?	Não. Mais por questão burocrática.
7. Tempo de experiência em docência de cursos técnicos	8 anos
8. Demandas dos alunos com coordenador	Relata que a procura é em relação a orientação feita no início do curso, em relação a atestados, ausências que eles podem ter, então algum plano de estudo para passar para eles, rotina de trabalho e que às vezes vão rodar turno, mais os problemas pessoais.
9. Dificuldade dos alunos quando se depara com o ensino médio integrado ao técnico	Nas primeiras semanas é feita uma apresentação total do curso, junto com as disciplinas e as regras da Instituição de Ensino, também fazemos uma integração entre eles uma festa e palestra com profissional da área que faz parte da integração deles.
10. Acompanha alunos faltosos por meio de informações dos professores	Os professores informam e semanalmente é enviado o relatório de evasão, então por meio do relatório faz o controle e aqueles alunos que estão com muitas faltas a equipe liga e busca saber o motivo das faltas e tenta orientá-los em relação aos possíveis prejuízos que eles podem ter no decorrer do curso por conta das faltas.
11. Como tem informações dos alunos faltosos	Sim, o relatório ele vem via sistema XXX, então hoje toda consulta feita em relação às faltas é via sistema XXX. É esse sistema XXX é sim um instrumento positivo no acompanhamento dos alunos faltosos.
12. Evasão dos alunos no curso que coordena	Sim.
13. Curso bloqueado e as medidas tomadas para reverter	Não.
14. Curso já esteve em análise ou avaliação	Não
15. Providências tomadas	Conversa com o aluno, conversa com o professor, tenta diversificar as metodologias, só que, o que anda dando mais resultado mesmo é o envolvimento dos alunos por meio de projeto. Então sem projeto, observa-se que não consegue

	um resultado, tão bom igual ao envolvimento deles com o projeto.
16. Como evita a evasão	Examinam-se os dados por meio do relatório tem os alunos concluintes analisa se houve uma evolução, principalmente se houve redução das perdas de alunos com a evasão. No entanto, tenta-se fortalecer as atividades que visam o combate a essa evasão, acompanhando o aluno que falta bastante, tem também alguns projetos que são realizados no curso para o aluno ter um maior envolvimento na escola, então tudo isso é visando no combate à evasão. Os professores trabalham sim projetos, todas as disciplinas, a maioria delas trabalham, é trabalhada através de projetos, então tem um ou mais projetos envolvido em toda a disciplina, onde os alunos tem que realizar as competências, habilidades baseadas no projeto que foi proposto pelo docente. A equipe liga para o aluno, explica para eles que há uma perda, caso eles saiam do curso, grande, profissionalmente para eles, tenta é de alguma maneira convencê-los a voltar, porque é um curso técnico que tem uma valorização no mercado e um curso de curta duração, então falamos para o aluno que isso pode agregar na vida profissional dele e tenta trazer ele de volta, através desses argumentos.
17. Causas da evasão	Trabalho.
18. Sistema de atribuição de aulas pode ser motivo de evasão	Indiretamente sim. Porque alguns docentes acabam por ter um maior tempo de casa, tem maior pontuação e não necessariamente tem a qualificação para ministrar aquele tipo de disciplina, e isso acaba dando prejuízo para os alunos que ficam insatisfeitos e, claro, a insatisfação é um motivo a mais para eles pararem o curso.
19. Acrescente mais informações sobre a evasão	Descreve que a evasão ocorre em todas as instituições de ensino, tanto de nível técnico, quanto superior, e às vezes as causas não estão dentro da escola. A coordenação tem buscado identificar as causas que está dentro da escola e neutraliza, pra poder melhorar esses índices e referente a evasão de fatores internos a instituição tem conseguido bons resultados.

Coordenador de curso 3	Grelha de Análise Vertical
1. Área de formação	Direito
2. Habilitação técnica	Serviços jurídicos
3. Cursos que coordena	Técnico em Serviços Jurídicos
4. Tempo de experiência em coordenação	5 anos
5. Horas semanais na coordenação	9 horas
6. São suficientes as horas de coordenação. O trabalho é muito maior do que as horas que você recebe, por questão burocrática ou atendimento de professor e aluno?	Não, acabo fazendo mais horas do que estipulado. A questão de cumprimento dessas horas, tarefas, da própria instituição, e a organização do curso, os eventos, então tudo isso demanda de um tempo maior.
7. Tempo de experiência em docência de cursos técnicos	7 anos
8. Demandas dos alunos com coordenador	Basicamente a questão de estágio, os alunos pedem bastante, palestras, visitas técnicas, coisas direcionadas na área mesmo.
9. Dificuldade dos alunos quando se depara com o ensino médio integrado ao técnico	Não respondeu.
10. Acompanha alunos faltosos por meio de informações dos professores	Relata que sim sempre e faz reuniões com os professores. Como coordenador deixa e fica sempre disponível para os professores para atender pessoalmente quanto através de whatsapp. E com relação aos alunos também ligação e às vezes, inclusive localiza os locais de trabalho, pois conhecemos onde eles vão trabalhar, assim, sempre vamos atrás dos alunos sim.

11. Como tem informações dos alunos faltosos	Afirma estar em sala de aula também, então acompanha na sala de aula a frequência e por meio de relatório de professores. Sim tem o sistema utilizado pela instituição de ensino que ajuda, porque fica mais criterioso nas chamadas, os professores eu acho que levam assim mais o critério maior a chamada.
12. Evasão dos alunos no curso que coordena	Certifica que tem um índice de evasão elevado sim.
13. Curso bloqueado e as medidas tomadas para reverter	Declara que o curso está com bloqueio I. Então, converso com os professores e com os alunos referente a questão de diversificação de metodologias de ensino, elaboração de outros programas de atividades, pois sempre tem que se adequar a demanda é do aluno. Muito embora entenda-se que a evasão está ligada diretamente a questão do curso, é, são questões externas, como até pela questão da cidade ser uma cidade turística, muitos dos nossos alunos eles param o curso porque às vezes arrumam empregos em hotéis, trabalham a noite e acaba tendo que deixar o curso, por causa desses trabalhos. Explica que o Bloqueio de Curso, é a não autorização da abertura do curso, pela questão de evasão e demanda, esse curso fica proibido de ser oferecido para o Vestibulinho. Na verdade o bloqueio acontece agora, esse é o primeiro bloqueio, tenta remanejar os professores para nunca deixar dar rescisão de contrato. Estamos trabalhando com essa situação para manter os professores.
14. Curso já esteve em análise ou avaliação	Não.
15. Providências tomadas	Primeira providência é procurar o aluno para saber qual o motivo, se o motivo tiver relacionado a questões pessoais a coordenação tenta vê o que pode ser feito, mas, muitas vezes não dá, e se for por questões do curso tenta adequa pra resolver a situação.
16. Como evita a evasão	A coordenação acompanha esses alunos e sempre entro em contato com esses alunos evadidos no módulo seguinte para ver se há a possibilidade de voltarem a cursar. Estou sempre em contato com os alunos, mesmo aqueles que se desligaram, pra reverter a situação e trazer eles de volta.
17. Causas da evasão	A principal causa é trabalho e tem outra questão o nosso público é um muito jovem que estuda aqui, e alguns estão cursando ensino médio conjuntamente com o curso técnico, quando chega ao terceiro ano do ensino médio, eles acabam deixando o curso técnico para se dedicar ao ENEM.
18. Sistema de atribuição de aulas pode ser motivo de evasão	Não, porque sempre trabalha a atribuição com os professores que são ligados as áreas que vão lecionar, questão de atribuição com a questão do déficit de evasão de aluno não, os professores entram em sala de aula conhecendo o conteúdo que eles vão aplicar.
19. Acrescente mais informações sobre a evasão	É um problema crônico sabe que todas as Instituições de Ensino passam por esse problema e infelizmente vê que às vezes tem a questão do aluno que não é muito dedicado. É uma pena, porque o curso é excelente, uma instituição excelente que dá uma formação para esses alunos para inserir no mercado de trabalho e muitas vezes eles deixam por questões bobas, mas enfim a todos trabalham da melhor forma possível.

Coordenador pedagógico 1	Grelha de Análise Vertical
1. Área de formação	Licenciatura em matemática e pedagogia.
2. Habilitação técnica	Curso Técnico Administração.
3. Cursos que coordena	Coordenadora pedagógica dos cursos de Informática, química, recursos humanos, serviços jurídicos e administração, além dos cursos do ensino médio integrado, que é ensino médio integrado em química, administração e informática.
4. Tempo de experiência em coordenação	7 anos
5. Horas semanais na coordenação	Atualmente 38... 37.
6. São suficientes as horas de coordenação	Às vezes não, é muito pouco. Porque assim, depende, tem hora que é suficiente, tem hora que não, isso ocorre muito no período que nós temos de trabalho. Descreve que o seu pico de trabalho é começo de semestre que é fevereiro e julho e dezembro. Final de semestre, que é junho e dezembro que é a maior

	demanda de trabalho, que é fechamento de menções, o conselho de classe, enfim. Todo mês a gente tem o anexo IV, que é a parte burocrática da escola, que é as aulas dadas e previstas que comanda e a coordenadora pedagógica que é praticamente do dia primeiro até o quinto dia útil do mês. Então, às vezes é poucas horas para muita burocracia.
7. Tempo de experiência em docência de cursos técnicos	10 anos
8. Demandas dos alunos com coordenador	Além dessa parte burocrática, tem o atendimento de professor porque minha área é mais voltada para o professor. Então a gente tem atendimento do professor, o auxilia nas aulas, metodologia que eles utilizam, nas avaliações que eles estão utilizando, verificar o acompanhamento dos diários de classe, os registros que eles estão fazendo e as visitas em sala de aula para acompanhamento da metodologia mais de perto. Atendo aluno sim, não é a minha especialização aqui na escola, porque tem o orientador educacional, que é especialista voltado para o aluno, mas, quando a falta do orientador atendo sim, as necessidades que eles tiverem, quando tem algum problema com professor, na aprendizagem mesmo do aluno estou à disposição deles.
9. Dificuldade dos alunos quando se depara com o ensino médio integrado ao técnico	Não respondeu.
10. Acompanha alunos faltosos por meio de informações dos professores	Sim, porque, os alunos é o nosso feedback ao andamento das aulas e quando detecta algum baixo índice de frequência tem que acompanhar da onde está vindo essa baixa frequência. Então, fazendo o acompanhamento de perto, semanalmente, olhando os diários de classe, as frequências dos alunos, quando vê que tem muitos alunos com baixa frequência, imediatamente entramos em contato com esse aluno, para verificar a causa do problema. Ou é problema de metodologia do professor que não está se adequando ao curso, ou é problema externo do aluno. A coordenação tenta fazer de tudo para que esse aluno volte para a escola.
11. Como tem informações dos alunos faltosos	Por meio do sistema XXX, pelos registros diários de classe. Relata que os coordenadores de curso ajudam e sempre se comunicam com a coordenação pedagógica, assim, toda vez que tem um aluno que faltou uma semana ou duas semanas seguidas, o coordenador do curso já entra em contato, comunica o coordenador pedagógico para fazer uma ação rápida. O sistema XXX é um sistema acadêmico, e o sistema da secretária é onde que armazena todos os dados que envolve aluno e professor. Por exemplo: no sistema XXX é o nome do sistema acadêmico que a escola adotou, é composto por diário de classe, todos os registros que os professores fazem, pelo sistema acadêmico, as fichas de desempenhos do aluno também é registrada pelo sistema que são as menções, as avaliações que os professores adotam e aplicam para os alunos, as chamada registra as frequências dos alunos, assim tudo registrado. Com isso o sistema gera alguns dados, gráficos de baixo índice de frequência, separadamente por curso, dimensões, produz todos esses dados em relação ao aluno, ele gera também o banco de dados a quantidade de alunos que a escola tem, as informações pessoais dos alunos, sendo bem completo esse sistema, e ajuda muito.
12. Evasão dos alunos no curso que coordena	Anualmente, como coordenadora pedagógica faço um projeto, pois preciso para atuar na coordenação pedagógica e esse projeto é totalmente voltado para a redução de índice de perda do aluno. Todos os projetos o da coordenação e dos professores são voltados para a redução de perda de alunos, assim, tudo o que os professores fazem dentro de sala de aula, o que eles trabalham, metodologias diferenciadas e ativas, ou até mesmo aplicação de avaliações adequadas, recuperação, uma aula bem dada, uma aula bem aplicada é lógico que reduz esse índice.
13. Providências tomadas	Quando detecta um aluno com redução de índice da baixa frequência que não está frequentando a escola, primeiro entro em contato com esse aluno para saber o motivo de não está frequentando. Assim, converso com esse aluno e após detectado o motivo se é problema interno da escola tenta-se resolver o problema

	da escola, se é um professor que não está se adequando a metodologia não está entendendo oriento esse professor, se o aluno que está com baixo rendimento de aprendizagem leva-se ele as monitorias. A escola tem um projeto de monitoria para os alunos que tem deficiência na aprendizagem. Quando o problema é externo lógico que não sanamos todos os problemas externos da escola, mas tento ajudar pra que ele é amenize essa situação.
14. Como evita a evasão	Relata ter uma boa conversa com o aluno, trazer o aluno para perto da escola e entrar em contato com ele conversando, tanto a coordenação pedagógica, orientadora educacional e os coordenadores de curso e o professor em sala de aula, que tem contato mais próximo com o aluno. Acredita que com essas atitudes deixa o aluno mais próximo, ele vai se sentir mais seguro e a vontade com a escola.
15. Causas da evasão	Observo que geralmente os alunos quando eles abandonam a escola, muitos deles não falam o porquê. Dá aqueles quinze dias de frequência, é falta e acaba que abandonando, após, quando consegue detectar todos os problemas, muitas causas, a maioria é problema externo pelo que eles relatam. Como problema de transporte, saúde e, algum aluno passou numa faculdade. O maior problema de evasão na escola é nos cursos técnicos noturnos que detectamos nesses últimos anos foi causa externa. No ensino integrado não temos evasão, então graças a Deus, nosso índice ele é alto de frequência. Apesar de saber que alguns alunos eles acabam desistindo por desmotivação, porque não gostam do curso, entra e às vezes não é aquilo que ele achou que seria, então a equipe acaba revertendo essa história.
16. Sistema de atribuição de aulas pode ser motivo de evasão	Relata que sim e muito. Porque para começar o horário das aulas são atribuídas para o professor, às vezes os professores tem a habilitação, o catálogo de requisitos é aprovado para aquela habilitação, mas tem muitos professores que não tem uma competência necessária para dar aula naquele componente. Descreve que ocorre também na hora de montar o horário escolar, o horário de aula acaba prejudicando muito, porque faz mais o horário para o professor do que para o aluno o que não deveria acontecer. Para favorecer o professor que não pode ir de sexta feira porque tem compromisso em outro lugar, então acaba colocando aquela aula que é mais cansativa, mais teórica, na sexta feira, sabe que os alunos com maior índice de falta é na sexta feira, então acaba contribuindo sim para esse alto índice de evasão.
17. Acrescente mais informações sobre a evasão	Acredita que a evasão é geral e tem muitos fatores que são externos, mais assim, tem muitos que são internos. A equipe pode combater sim. Expõe que professor desmotivado é professor que às vezes eles não são capacitados para tal componente, então acredita que precisa mudar um pouco essa realidade para melhor muito essa evasão escolar.

Diretor 1	Grelha de Análise Vertical
1. Área de formação	Ciências Biológicas e pedagogia
2. Habilitação técnica	Não possuo habilitação técnica
3. Número de alunos evadidos	Conta que semestralmente e feito um levantamento de quais são e quantos são os alunos que evadem de nossa unidade. Esses alunos são constantemente procurados para diagnóstico de motivos para a equipe conseguir fazer um levantamento dos motivos.
4. Como chega a informação dos alunos evadidos	Esses números são levantados em primeiro momento pela secretaria e são encaminhados para a minha orientadora educacional, esta entra em contato com os alunos para saber quais são os principais motivos e eles são discutidos com direção e reunião de orientador pedagógico, coordenador pedagógico e coordenador de curso.
5. Os contatos que a orientadora educacional faz existem uma devolutiva	Relata que na maior parte dos casos sim. Utiliza uma ficha de acompanhamentos e nós temos os resultado de quais são os principais motivos e são muitos poucos aquele que não consegue contato, na maior parte dos casos a equipe tem resposta sim.
6. Providências tomadas	Então a partir desses números nós tentamos melhorar alguns quesitos da escola, então quando é apontado algum problema com o professor ou problema com a instituição, tenta agir em cima desse problema, mas na maior parte dos casos,

	mais de 90% dos casos os problemas são externos como: um trabalho, uma faculdade e falta de transporte, a gente tenta solucionar, como entrando em contato com alguma prefeitura para verificar transporte, mas na maior parte dos casos não tem muito o que ser feito.
7. Índice de evasão dos alunos	Apresenta que a evasão em torno de 30% em média. Afirma que é difícil por ser uma escola pequena e atender uma demanda bem local, a cidade Olímpia e algumas cidades muito próximas, o número de alunos que ingressam na escola é menor do que na Instituição de Ensino de grande porte. Analisa que a demanda é um pouco baixa e isso faz com que o aluno não se identifique com o curso, ou às vezes, tem um problema particular como: faculdade, falta de verba ou conseguiram algum emprego. Esses motivos são muito difíceis de ser controlados e combatidos, na maior parte dos casos como os resultados, como as situações são externas, fica muito difícil de reverter, mas sempre vamos atrás para saber quais são os motivos e se pode ser feita alguma coisa.
8. Curso com maior índice de evasão	O curso com maior evasão era o curso técnico em turismo receptivo, não abrimos mais esse curso a dois semestres e temos um problema sério com o curso técnico em serviços jurídicos, são os dois maiores cursos com evasão na nossa Instituição de Ensino. É uma questão que não consegue ser entendido aqui na cidade de Olímpia, é uma cidade turística, onde o setor hoteleiro é a maior parte de fonte de renda da cidade e não consegue formar esses técnicos, nós percebemos ainda que o cidadão da cidade Olímpia ainda não vê o turismo como sua principal fonte de renda, então os alunos acabam evadindo. Tenho certeza que esse é um curso bom para um futuro, acho que daqui alguns anos pode tentar o curso novamente que eu acho que melhora, porque o turismo só vem crescendo na cidade.
9. Curso bloqueado por evasão de alunos e quando ocorreu	Tem sim, hoje com o curso técnico em serviços jurídicos bloqueados por evasão. É o bloqueio aconteceu agora para o segundo semestre de 2018. Então ele está bloqueado para o ingresso no próximo Vestibulinho.
10. Teve demissão de professores por bloqueio de curso	Não ainda não. Relata que tivemos com o fechamento do curso técnico em turismo professores que migraram para outra Instituição de Ensino, como é o caso do professor X que agora está em na cidade Barretos, ele era professor nosso, acabou as aulas e ele migrou para a Instituição de Ensino da cidade Barretos, nós tínhamos a professora Y que hoje está na Instituição de Ensino da cidade Ribeirão Preto, então nós não tivemos o desligamento de nenhum professor, mas eles não estão mais conosco, porque não tem mais aulas.
11. Frequência que reúne a equipe para analisar e tomar decisões referente ao índice de evasão	Semanalmente, uma vez por semana, todas as terças-feiras tem reunião de equipe, direção, coordenação de curso, coordenador pedagógico, orientador educacional para discutir aulas previstas e dadas, projetos, evasão e todo andamento didático e pedagógico da escola.
12. Como evita a evasão	Expõe que hoje vê nas metodologias mais novas de ensino-aprendizagem, que as metodologias ativas de ensino em que o aluno passa a ser precursor da aprendizagem, é algo que vem trazendo resultados, e esses resultados, eles são baseados no aluno realizando sua atividade, sua aprendizagem. Acredita que um projeto é melhor, onde ele coloca a mão na massa para que ele consiga verificar, consiga aprender de uma forma eficiente, mas a realização de projetos não é fácil, porque a realização de projetos demanda verba, demanda tempo, nosso aluno é um aluno trabalhador que não tem tempo para fazer atividade extraclasse. Os projetos são benéficos, mas precisa ter cautela, um número de projetos pequenos, reduzido, que consiga envolver vários professores ou até várias salas num projeto. A Instituição de Ensino ela tem como meta principal redução de evasão. Isso não acontece só nessa unidade, isso acontece em todas as Instituições de Ensino e a equipe trabalha duro, árduo para conseguir diminuir a evasão e a manutenção dos cursos. É uma equipe motivada, eu tenho professores que são professores um pouco mais jovens então isso facilita um pouco é o nosso cotidiano, mas mesmo assim às vezes quando surge um resultado como o bloqueio de um curso acaba perdendo um pouco o pique, mas vai lutando para ir tentando manter os professores motivados, os coordenadores motivados da melhor forma possível, como o resultado de um bônus hoje é motivados, mais o bônus acontece uma vez por ano e a evasão é cotidiana, a luta

	é todos os dias.
13. Causas da evasão	Hoje a maior parte da nossa evasão escolar são quesitos externos a escola, graças a Deus a gente não tem reclamação de professor, de aulas não dadas, ou cursos desmotivadores, geralmente a nossa evasão é motivada por falta de transporte, por falta de dinheiro, o aluno acaba arrumando um emprego no horário ou se não ingresso na faculdade.
14. Sistema de atribuição de aulas pode ser motivo de evasão	Nessa unidade não vejo esse como um fator, porque nossa escola é uma escola nova, ela não tem nem dez anos, então isso quer dizer que os nossos professores, são geralmente professores mais jovens, professores mais motivados. Mas quando trabalhei em outras Instituição de Ensino, sim acredito que têm professores que estão há muito tempo lecionando e não tem mais motivação ou que não conseguem se manter atualizados na formação, isso acaba desmotivando o aluno. Eu não consigo ver esse problema aqui ainda por sermos uma unidade jovem, uma unidade nova, mas acredito que sim, isso é um problema nas unidades que são mais antigas.
15. Acrescente mais informações sobre a evasão	Acredito mesmo que com todas as dificuldades, estou em uma escola muito boa, que valoriza o professor que tem um olhar é bastante voltado para a qualidade de ensino, mesmo assim acaba perdendo alunos. Afirma que precisa melhorar a visibilidade do ensino técnico de forma geral no Brasil, e a luta é constante, às vezes desmotivadora porque nem sempre nós podemos resolver esses problemas dentro da escola, mas tenta fazer o possível para manter esses alunos e fazer a escola funcionar, são muitos os professores que dependem do salário para conseguir sobreviver.

Aluno Evadido 1	Grelha de Análise Vertical
1. Atualmente o que faz	Agora só ensino médio. Terceiro ano
2. Curso técnico cursado	Serviços jurídicos.
3. Período em que cursou	No ano de 2017 no primeiro semestre.
4. Tempo do curso frequentado	Por quase dois meses.
5. Motivo para abandonar o curso	Descreve que trabalhava, fazia ensino médio, o técnico e aula de inglês.
6. Pensa em retornar para terminar o curso	Afirma que várias vezes. Porque se eu voltasse não daria para eu fazer a faculdade noturna no ano que vem, que é o mesmo período.
7. A escola entrou em contato para saber o motivo da desistência	Sim.
8. A escola apresentou alternativas para continuar os estudos	Relata não lembrar.
9. Pontos positivos do curso	Declara ser uma oportunidade para conseguir estágio, muitas vezes em empresas grande e iniciar sua carreira profissional.
10. Pontos negativos do curso	Alega que às vezes parece muito lento o aprendizado. E acredita que o curso estava andando um pouco devagar.
11. Você gostaria de retornar ao curso	Garante que provavelmente se o curso não fosse noturno.
12. Você pretende fazer que curso de graduação	Relações internacionais.
13. Fazer outro curso técnico	Talvez uma administração.
14. Teus projetos para o futuro	Afirma querer sair do país para estudar e trabalhar depois que se formar. Acrescenta que seus pais aprovam, eles só acham que eu tenho que ter o pé no chão. Eu falo inglês e eu morei fora no Paraguai, então eu sei falar espanhol.
15. Esse tempo que você estudou no ensino médio e no ensino técnico, você se sente uma pessoa preparada	Acredita que sim mesmo que eu não me sentisse seria mais de mim e não da escola, talvez eu não tivesse aproveitado tanto o ensino que a escola proporciona.

para o mercado de trabalho e para o desafios que vem pela frente na faculdade	
16. Você indicaria outras pessoas a estudar na Instituição de ensino	Sim, já indiquei.

Aluno Evadido 2	Grelha de Análise Vertical
1. Atualmente o que faz	Só estudo mesmo. Ensino Médio.
2. Curso técnico cursado	Serviços Jurídicos.
3. Período em que cursou	Em 2017 e voltei em 2018 no começo.
4. Tempo do curso frequentado	Dois semestres.
5. Motivo para abandonar o curso	Relata que não era um curso de sua área. Afirma que entrou no curso com um objetivo de agradar seu pai, porque ele influenciou pra seguir a carreira jurídica, é uma coisa que não conseguiu encaixar no seu cotidiano. Declara que gostou do curso sim, porém as matérias não me agradaram.
6. Pensa em retornar para terminar o curso	Afirma que não pensa em retornar. De jeito nenhum.
7. A escola entrou em contato para saber o motivo da desistência	Assegura que sim, vários professores entraram em contato comigo e me mantive na posição de não voltar.
8. A escola apresentou alternativas para continuar os estudos	Apresentou sim, várias, mas eu preferi não voltar.
9. Pontos positivos do curso	Garante que é muito informativo e que ajudou bastante no meu cotidiano em questão de leis e várias coisas.
10. Pontos negativos do curso	Declara que é cansativo. Alega que algumas matérias, muito exigente, matérias um pouco mais difíceis e porque eu fazia ensino médio e tinha muita prova e tarefa no dia a dia.
11. Você gostaria de retornar ao curso	Não, não retornaria.
12. Você pretende fazer que curso de graduação ou área	Na área de marketing e propaganda.
13. Fazer outro curso técnico	Cita que fora da escola sim, um curso de fotografia que é técnico só que esse é particular não é gratuito. Nessa Instituição de Ensino no momento não penso, mas vou procurar saber. E essa Instituição de Ensino não oferece nenhum curso na área que tenho interesse. O mercado de trabalho também me atrairia para fazer outro curso técnico.
14. Teus projetos para o futuro	Construir minha carreira profissionalmente e quero conquistar todos os meus objetivos, ser uma pessoa bem sucedida na vida e ter uma instabilidade financeira.
15. Esse tempo que você estudou no ensino médio e no ensino técnico, você se sente uma pessoa preparada para o mercado de trabalho e para o desafios que vem pela frente na faculdade	Não respondeu
16. Você indicaria outras pessoas a estudar na Instituição de ensino	Sim claro, com toda certeza.

Aluno Evadido 3	Grelha de Análise Vertical
1. Atualmente o que faz	Eu só faço o colegial. Segundo ano.
2. Curso técnico cursado	Administração, Noturno.
3. Período em que cursou	Em 2018 no primeiro semestre.
4. Tempo do curso frequentado	Dois meses.
5. Motivo para abandonar o curso	Declara que não tinha como a mãe ir buscar, não tinha como ir embora para minha casa a tarde e nem como ir também. Afirma morar aqui na cidade e meus pais trabalham. Meu pai trabalha a noite e leva o carro, em casa só ficava a moto e minha mãe não tem a carta da moto, então não tinha como eu vim. E de ônibus ela não deixava. É porque a gente saía às dez e quarenta, quase onze horas.
6. Pensa em retornar para terminar o curso	Pensou antes de acabar o primeiro semestre e quando foi atrás falaram que já tinha perdido a vaga.
7. A escola entrou em contato para saber o motivo da desistência	Não.
8. A escola apresentou alternativas para continuar os estudos	Não.
9. Pontos positivos do curso	Cita que ajuda a conseguir um emprego porque ele é um curso técnico, o período é pequeno então é mais fácil de terminar também. Afirma que só saiu porque não tinha como ir mesmo. Garante que gostava das aulas e dos professores.
10. Pontos negativos do curso	Acredita que não tinha.
11. Você gostaria de retornar ao curso	Gostaria. Penso em fazer o Vestibulinho, mas vou ficar atrasada de todo mundo que começou comigo. Alega que não sabia das vagas remanescentes e se tivesse oportunidade prestaria. Declara que se não passar na prova teria que vê se tem certeza, porque fazer a prova de novo para entrar no começo.
12. Você pretende fazer que curso de graduação	Engenharia.
13. Fazer outro curso técnico	Informática.
14. Teus projetos para o futuro	Eu pretendo ser engenheira e ter um escritório de engenharia que inclui arquitetura e designe.
15. Esse tempo que você estudou no ensino médio e no ensino técnico, você se sente uma pessoa preparada para o mercado de trabalho e para o desafios que vem pela frente na faculdade	Não respondeu.
16. Você indicaria outras pessoas a estudar na Instituição de ensino	Não respondeu.

Aluno Evadido 4	Grelha de Análise Vertical
1. Atualmente o que faz	Trabalha com telemarketing.
2. Curso técnico cursado	Técnico jurídico.
3. Período em que cursou	Em 2018 nos meses de fevereiro e março.
4. Tempo do curso frequentado	Dois meses.
5. Motivo para abandonar o curso	Afirma ser por causa da mudança de cidade.
6. Pensa em retornar para terminar o curso	Sim, queria muito.

7. A escola entrou em contato para saber o motivo da desistência	Declara que não, e que ninguém entrou em contato com ela.
8. A escola apresentou alternativas para continuar os estudos	Alega que ninguém falou com ela. Revela que por conta tentou transferir para Bebedouro, mas não conseguiu porque não tinha vaga. Confessa ter feito tudo por conta própria.
9. Pontos positivos do curso	Afirma que adorou o curso e está tentando uma vaga ainda para continuar o curso. Expõe que os professores são ótimos e super dedicados.
10. Pontos negativos do curso	Acredito que a unidade onde cursei não teve interesse sobre informações para a minha transferência de cidade. Declara ter verificado com a unidade mais informações para fazer a transferência para outra unidade e não fizeram nada.
11. Você gostaria de retornar ao curso	Busco uma vaga para terminar aqui na cidade em que eu moro.
12. Você pretende fazer que curso de graduação	Direito.
13. Fazer outro curso técnico	Garante que não gostaria.
14. Teus projetos para o futuro	Pretende terminar o curso técnico jurídico e fazer faculdade em direito.
15. Esse tempo que você estudou no ensino médio e no ensino técnico, você se sente uma pessoa preparada para o mercado de trabalho e para o desafios que vem pela frente na faculdade	Não respondeu.
16. Você indicaria outras pessoas a estudar na Instituição de ensino	Não respondeu.

APÊNDICE VI – CATEGORIA 1. DADOS RELEVANTES SOBRE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR DA INSTITUIÇÃO

1. Categoria – Dados relevantes sobre formação dos professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor da instituição								
Cargo Unidade	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Coordenador de curso 1	Coordenador de curso 2	Coordenador de curso 3	Coordenador pedagógico 1	Diretor 1
1. Área de formação	Licenciado e bacharelado em química tecnológica	Engenharia da computação	Ciências Econômicas	Letras Português e Espanhol	Administração	Direito	Licenciatura em matemática e pedagogia	Ciências Biológicas e pedagogia
2. Habilitação técnica	Técnico em química	Técnico em Informática	Químico industrial	Contabilidade	Informática	Técnico em Serviços Jurídicos.	Técnico em Administração	Não possui habilitação técnica
3. Cursos que ministram aula ou trabalham	Técnico em química e técnico em química integrado ao ensino médio	Do projeto de informática para alunos do ensino médio de Informática e Técnico em Informática	Área de administração e uma matéria na área de informática.	Ensino médio, tanto da parte da base comum do técnico com o ensino médio.	Administração e Recursos Humanos	Técnico em Serviços Jurídicos	Cursos de Informática, química, recursos humanos, serviços jurídicos e administração, além dos cursos do ensino médio integrado, que é ensino médio integrado em química, administração e informática.	Todos
4. Disciplina ministrada	Análise química quantitativa	Programação para internet I e II, gestão de sistema operacional e lógica de programação.	Gestão Empreendedora, Gestão Empresarial, Gestão da Produção e na informática Empreendedorismo e Inovação.	–	–	–	–	–
5. Tempo de experiência	8 anos	6 anos	7 anos	Quase 8 anos	5 anos	5 anos	7 anos	–

APENDICE VII – CATEGORIA 2. DADOS SOBRE OS ALUNOS EVADIDOS

2. Categoria – Dados sobre os alunos evadidos				
	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4
Curso técnico cursado	Serviços jurídicos	Serviços Jurídicos.	Administração Noturno.	Técnico jurídico.
Período cursado	No ano de 2017 no primeiro semestre	Em 2017 e voltei em 2018 no começo.	Em 2018 no primeiro semestre.	Em 2018 nos meses de fevereiro e março
Tempo do curso frequentado	Por quase dois meses.	Dois semestres.	Dois meses.	Dois meses.
Atualmente o que faz	Agora só ensino médio. Terceiro ano	Só estudo mesmo. Ensino Médio.	Eu só faço o colegial. Segundo ano.	Trabalha com telemarketing

APÊNDICE VIII – CATEGORIA 3. INFORMAÇÕES SOBRE EVASÃO DE ALUNOS.

3. Categoria – Informações sobre evasão dos alunos								
Cargo Unidade	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Coordenador de curso 1	Coordenador de curso 2	Coordenador de curso 3	Coordenador pedagógico 1	Diretor 1
1. Acompanhar as faltas dos alunos	Sim, esse acompanhamento é feito diariamente sempre que aulas ministradas e na identificação de uma falta decorrente o coordenador é sempre avisado para que tome as devidas medidas.	Sim, tem-se uma metodologia para acompanhar os alunos que estão mais faltando, geralmente quando tem uma ou duas faltas consecutivas informa-se ao coordenador para entrar em contato com o aluno, e justamente evitar a evasão dele.	Aviso o coordenador. Os alunos faltam aleatoriamente, tem alguns que são remitentes, isso depende mais do que acontece fora da escola do que exatamente a falta do que acontece aqui dentro.	O trabalho é diário com o professor, então primeiramente o professor vem a até a coordenadora, me remete algum aluno está faltando demais na sequência procuro a orientadora educacional. No primeiro momento é ela que vai acionar o pai, e, conversar com os alunos, porque a gente agora tem orientador educacional, mas como coordenadora sempre também converso com aluno direcionando,	Os professores informam e semanalmente é enviado o relatório de evasão, então por meio do relatório faz o controle e aqueles alunos que estão com muitas faltas a equipe liga e busca saber o motivo das faltas e tenta orientá-los em relação aos possíveis prejuízos que eles podem ter no decorrer do curso por conta das faltas	Relata que sim sempre e faz reuniões com os professores. Como coordenador deixa e fica sempre disponível para os professores para atender pessoalmente e quanto através de whatsapp. E com relação aos alunos também ligação e às vezes, inclusive localiza os locais de trabalho, pois conhecemos onde eles vão trabalhar,	Sim, porque, os alunos é o nosso feedback ao andamento das aulas e quando detecta algum baixo índice de frequência tem que acompanhar da onde está vindo essa baixa frequência. Então, fazendo o acompanhamento de perto, semanalmente, olhando os diários de classe, as frequências dos alunos, quando vê que tem muitos alunos com baixa frequência, imediatamente entramos em contato com esse aluno, para verificar a causa do problema. Ou é problema de metodologia do professor que não está se adequando ao curso, ou é problema externo do aluno. A coordenação tenta fazer de tudo para que esse aluno volte para a escola.	Conta que semestralmente e feito um levantamento de quais são e quantos são os alunos que evadem de nossa unidade. Esses alunos são constantemente procurados para diagnóstico de motivos para a equipe conseguir fazer um levantamento dos motivos.

				conversando com algum pai, mas geralmente a orientadora educacional que tá ligando diretamente. A coordenadora fica mais com a parte pedagógica		assim, sempre vamos atrás dos alunos sim.		
2. Como tem essa informação dos alunos faltosos.	Informa ao coordenador do curso não só o nome, mas a quantidade de faltas dentro da semana ou do mês de aula.	Comunicamos ao coordenador do curso	O professor relata que não necessariamente avisa o coordenador do curso, apenas aviso o seguinte estou com oito ou nove alunos que estão faltando sistematicamente. Porque ele fica estranho, mas ele verifica as chamadas ou deveria fazer isso todos os dias. O coordenador tem acesso a todo o Sistema XXX inclusive para tirar as faltas	A coordenadora do curso trabalha junto com a orientadora educacional, mas é ela que liga para o pai e chama o pai pra comparecer na escola, e quando o pai vem, ela me chama e a gente conversa junto, então é um trabalho feito em parceria.	Sim, o relatório ele vem via sistema XXX, então hoje toda consulta feita em relação as faltas é via sistema XXX. É esse sistema XXX é sim um instrumento positivo no acompanhamento dos alunos faltosos.	Afirma estar em sala de aula também, então acompanha na sala de aula a frequência e por meio de relatório de professores. Sim tem o sistema utilizado pela instituição de ensino que ajuda, porque fica mais criterioso nas chamadas, os professores eu acho que	Por meio do sistema XXX, pelos registros diários de classe. Relata que os coordenadores de curso ajudam e sempre se comunicam com a coordenação pedagógica, assim, toda vez que tem um aluno que faltou uma semana ou duas semanas seguidas, o coordenador do curso já entra em contato, comunica o coordenador pedagógico para fazer uma ação rápida. O sistema XXX é um sistema acadêmico, e o sistema da secretaria é onde que armazena todos os dados que envolve aluno e professor. Por exemplo: no sistema XXX é o nome do sistema acadêmico que a escola adotou, é composto por diário de classe, todos os registros que os professores fazem, pelo	Esses números são levantados em primeiro momento pela secretaria e são encaminhados para a minha orientadora educacional, esta entra em contato com os alunos para saber quais são os principais motivos e eles são discutidos com direção e reunião de orientador pedagógico, coordenador pedagógico e coordenador de curso.

			se ele assim decidir			levam assim mais o critério maior a chamada.	sistema acadêmico, as fichas de desempenhos do aluno também é registrada pelo sistema que são as menções, as avaliações que os professores adotam e aplicam para os alunos, as chamada registra as frequências dos alunos, assim tudo registrado. Com isso o sistema gera alguns dados, gráficos de baixo índice de frequência, separadamente por curso, dimensões, produz todos esses dados em relação ao aluno, ele gera também o banco de dados a quantidade de alunos que a escola tem, as informações pessoais dos alunos, sendo bem completo esse sistema, e ajuda muito.	
3. Evasão dos alunos como são detectados e analisados	A escola analisa e a análise é feita pelos dados colhidos na plataforma XXX onde são inseridos os diários de sala e a chamada, e é feita uma conferência semanalmente ou quinzenalmente destes dados.	Sim. A evasão geralmente ocorre das matérias mais difíceis. Na reunião mensal do curso onde todos os professores sentam e debatem sobre especificadamente o caso de cada aluno. No entanto, pode	Eles trabalham com estatísticas, ressalta não concordar muito com essa estatística, não acredito em média, aceito muito bem uma média ponderada, agora para medir ou	No ensino médio a gente tem a questão das vagas remanescentes, o ensino médio regular a gente faz no final de cada ano, aqueles alunos que reprovaram, ou mudaram de cidade e acaba saindo. O Ensino médio	Sim.	Certifica que tem um índice de evasão elevado sim.	Anualmente, como coordenadora pedagógica faço um projeto, pois preciso para atuar na coordenação pedagógica e esse projeto é totalmente voltado para a redução de índice de perda do aluno. Todos os projetos o da coordenação e dos professores são voltados para a redução de perda de alunos, assim, tudo o que os professores fazem dentro de sala de aula, o	Apresenta que a evasão em torno de 30% em média. Afirma que é difícil por ser uma escola pequena e atender uma demanda bem local, a cidade Olímpia e algumas cidades muito próximas, o

		<p>ser trabalho, pois temos alunos que roda turno nas usinas e esses casos também são debatidos. Na reunião pedagógica é apresentado os índices de evasão do curso, no começo do semestre quantos começaram, quantos terminaram e quantos fizeram a matrícula para o próximo módulo.</p>	<p>definir esses índices, teria que ir um pouquinho além.</p>	<p>integrado ao técnico do primeiro para o segundo ano a gente consegue fazer as vagas remanescentes, o segundo para o terceiro não, então se tiver alguma evasão, é porque algum aluno reprovou do segundo para o terceiro e a equipe não consegue colocar aluno, mas assim, é, muito raro acontecer, a equipe consegue repor esses alunos.</p>			<p>que eles trabalham, metodologias diferenciadas e ativas, ou até mesmo aplicação de avaliações adequadas, recuperação, uma aula bem dada, uma aula bem aplicada é lógico que reduz esse índice.</p>	<p>número de alunos que ingressam na escola é menor do que na Instituição de Ensino de grande porte. Analisa que a demanda é um pouco baixa e isso faz com que o aluno não se identifique com o curso, ou às vezes, tem um problema particulares como: faculdade, falta de verba ou conseguiram algum emprego. Esses motivos são muito difíceis de ser controlados e combatidos, na maior parte dos casos como os resultados, como as situações são externas, fica muito difícil de reverter, mas sempre vamos</p>
--	--	--	---	--	--	--	---	--

								atrás para saber quais são os motivos e se pode ser feita alguma coisa.
4. Acrescente mais informações sobre a evasão	A questão de evasão é bastante complexa, não é um único fator que faz a evasão acontecer, mas um treinamento, um tempo maior para os professores prepararem aulas, prepararem projetos, desenvolver esses projetos, talvez poderia diminuir essa evasão escolar.	É um fato até estranho, porque acredito que a Instituição de Ensino, na minha opinião está muito preocupada em números e não em formação de mão de obra qualificada. Então, às vezes é preferível formar dez, quinze alunos que estão aptos a entrar no mercado de trabalho e que realmente entenderam a matéria, do que você ter que formar trinta e cinco alunos que não vão utilizar para nada o curso. Então esses números, é uma coisa que eles obrigam, eles	Relata que é um problema estrutural, enquanto eles tiverem trabalhando em cima de estatísticas a evasão não vai acabar. Porque o aluno se incentivou da situação, vê que não tem que se preocupar, e quando a coisa fica muito fácil as pessoas acabam largando mão, acabam desanimando. Se no início não existe um incentivo, uma motivação pra você obter um resultado, eu acho que o problema da Instituição de	Ressalto a importância de informar quando o curso vai entrar em rotatividade ou que o curso não existirá por causa da demanda, acho que eles tinham que voltar as realidades. São Paulo é uma realidade, a grande Campinas é outra, São José do Rio preto é outra realidade, então analisar a demanda individual. Descreve a necessidade de fazerem alguma coisa relacionada a evasão, pois na cidade dessa Instituição de Ensino é diferente, do	Descreve que a evasão ocorre em todas as instituições de ensino, tanto de nível técnico, quanto superior, e às vezes as causas não estão dentro da escola. A coordenação tem buscado identificar as causas que está dentro da escola e neutraliza, pra poder melhorar esses índices e referente a evasão de fatores internos a instituição tem conseguido bons resultados.	É um problema crônico sabe que todas as Instituições de Ensino passam por esse problema e infelizmente vê que às vezes tem a questão do aluno que não é muito dedicado. É uma pena, porque o curso é excelente, uma instituição excelente que dá uma formação para esses alunos para inserir no mercado de trabalho e muitas vezes eles deixam por questões	Acredita que a evasão é geral e tem muitos fatores que são externos, mais assim, tem muitos que são internos. A equipe pode combater sim. Expõe que professor desmotivado é professor que às vezes eles não são capacitados para tal componente, então acredita que precisa mudar um pouco essa realidade para melhor muito essa evasão escolar.	Acredito mesmo que com todas as dificuldades, estou em uma escola muito boa, que valoriza o professor que tem um olhar é bastante voltado para a qualidade de ensino, mesmo assim acaba perdendo alunos. Afirma que precisa melhorar a visibilidade do ensino técnico de forma geral no Brasil, e a luta é constante, às vezes desmotivadora porque nem sempre nós podemos resolver esses problemas dentro da

		<p>impõe isso, para formar uma turma, se você não formar, se formar baixo de vinte e seis alunos, por exemplo, você tem um curso bloqueado, porém no curso de informática ainda não sofreu bloqueio (os professores do curso estão fazendo um rodízio, pois na maioria das vezes abre dois cursos e folga um semestre). O professor tem que diversificar a metodologia, e percebe-se que tem aluno que não tem condições que não aprende e o professor tem que reprovar. O professor tem que diminuir o conteúdo que vai passar para dar uma força para esse aluno</p>	<p>Ensino em questão de evasão é estrutural, muda essas estatísticas. Porque montar classe de 40 alunos? Porque abrir um vestibulinho para um determinado curso? Porque ter a proporção de dois para um? Assim, analiso que a escola não quer perder o curso, porque, se ela perder curso, teoricamente vai sobrar professor, e ela sabe que ela tem bons professores que ela não gostaria de ver ir embora, então monta uma classe de quarenta alunos, mesmo alguns lá que</p>	<p>processo de evasão e é cobrado de forma geral, assim a atribuição de aula, processo, tudo, eles não olham as regiões, eles olham de modo geral e sempre focando no grandes centros e não a região, ficando generalizado. Acredito se analisarem as demandas das unidades de acordo com a suas cidades e terem uma supervisão local. Afirma a relevância de rever os métodos utilizados não na amplitude geral, mais específica.</p>		<p>bobas, mas enfim a todos trabalham da melhor forma possível.</p>	<p>escola, mas tenta fazer o possível para manter esses alunos e fazer a escola funcionar, são muitos os professores que dependem do salário para conseguir sobreviver.</p>
--	--	--	---	--	--	---	---

		<p>formar e conseguir fazer parte número formandos exigidos pela Instituição de Ensino, assim vejo que a instituição quer números de formandos e não qualidade no ensino.</p>	<p>querem fazer, mas nem tiveram pontuação suficiente no vestibulinho, monta aquela sala. E o que acontece? No primeiro ano, esses remanescentes que foram colocados ali praticamente na marra estão sumindo, e depois isso completa no segundo módulo, por isso afirmo que é estrutural.</p>					
--	--	---	---	--	--	--	--	--

APÊNDICE IX – CATEGORIA 4. AS CAUSAS DA EVASÃO PARA OS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR

4. Categoria – Causas da evasão para os professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor								
Cargo Unidade	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Coordenador de curso 1	Coordenador de curso 2	Coordenador de curso 3	Coordenador pedagógico 1	Diretor 1
1. Causas da evasão	Fatores externos que são preocupantes: questão de transportes, a distância para o aluno com a escola, a questão financeira.	Cada aluno, cada caso é um caso, tem que ser estudado especificamente. A maioria dos casos são problemas pessoais ou falando de um semestre pro outro às vezes a pessoa entra numa faculdade e acaba abandonando. Pode ser por doença e apresentou um atestado, ou por problema na família, que ocorre bastante. Um outro problema do curso técnico que é noturno e quando o aluno precisa tirar carta, e o curso	O professor procura diversificar o máximo possível as aulas e afirma correr o risco de pôr diversificar demais na hora que ele não fizer, o resultado vai ser diverso. Então, uso o bom senso para dosar, porque não são todas essas metodologias atuais que existe que o professor consegue improvisar colocando o conteúdo do PTD no meio. Os alunos adoram quando o professor aplica atividades	A primeira e campeã é a faculdade. Os coordenadores do cursos técnicos descrevem que muitos alunos pensam que o curso é uma coisa e depois quando começa é diferente. A campanha de Vestibulinho serve para mostrar sobre o curso e o que eles vão ver se passaram nesse curso de verdade para não quebrar a cara, aquela falsa expectativa, porque muitos vêm fazer o curso, uma semana, mas	Trabalho.	A principal causa é trabalho e tem outra questão o nosso público é um muito jovem que estuda aqui, e alguns estão cursando ensino médio conjuntamente com o curso técnico, quando chega ao terceiro ano do ensino médio, eles acabam deixando o curso técnico para se dedicar ao ENEM.	Observo que geralmente os alunos quando eles abandonam a escola, muitos deles não falam o porquê. Dão aqueles quinze dias de frequência, é falta e acaba que abandonando, após, quando consegue detectar todos os problemas, muitas causas, a maioria é problema externo pelo que eles relatam. Como problema de transporte, saúde e algum aluno passou numa faculdade. O maior problema de evasão na escola é nos cursos	Hoje a maior parte da nossa evasão escolar são quesitos externos a escola, graças a Deus a gente não tem reclamação de professor, de aulas não dadas, ou cursos desmotivadores, geralmente a nossa evasão é motivada por falta de transporte, por falta de dinheiro, o aluno acaba arrumando um emprego no horário ou se não ingresso na faculdade.

		<p>da carta é somente noturno, então ele falta duas semanas, que é o período do curso, a equipe entra em contato para saber o que está acontecendo, se é uma dificuldade da matéria ou se é algum problema pessoal mesmo.</p>	<p>diferentes aonde não existe a obrigação da contrapartida por parte deles, agora tem uma atividade em cima disso. Existem algumas coisas que são principais, primeiro eu pego o primeiro ou o segundo ano peço para se apresentar em pé dizendo o nome, a idade, qual foi a última formação, se trabalha e o que ele pretende fazer dentro daquela sala de aula. O professor relata que é terrível, oitenta por cento dizem assim: eu vim fazer o curso para adquirir conhecimentos, eu falo, conhecimento pra que? E do que? Ah porque</p>	<p>não é isso que eu pensava, então logo na primeira semana também os coordenadores fazem essa integração, fazer rodas de debates, trazer ex-alunos para conversar o que é esse curso, e se alguém procurar desistir e a gente pode rodar, chamar os alunos que estão naquela lista que a gente já pode estar colocando no curso.</p>			<p>técnicos noturnos que detectamos nesses últimos anos foi causa externa. No ensino integrado não temos evasão, então graças a Deus, nosso índice ele é alto de frequência. Apesar de saber que alguns alunos eles acabam desistindo por desmotivação, porque não gostam do curso, entra e às vezes não é aquilo que ele achou que seria, então a equipe acaba revertendo essa história.</p>	
--	--	---	---	---	--	--	---	--

			<p>eu ouvi falar muito bem desse curso, têm dois amigos que já faz, eu vim fazer também.</p> <p>O professor descrever que essa é uma das principais causas da evasão, o aluno chega no curso e não é aquilo que ele quer, então o que ele faz, se prepara para vestibular prestar o Enem e desaparece do curso. Segundo aspecto, esse pessoal que vem do ensino médio de outras escolas, muitos daqui também, que acontece? Os alunos não têm condições de aprender a matéria, eles não conseguem desenvolver um texto, eles têm dificuldades em porcentagem e num monte de</p>					
--	--	--	---	--	--	--	--	--

			<p>coisas. O que acontece com esses alunos? Você é capaz de recordar num determinado tempo da aula aquilo que está faltando para eles, mas o professor não pode parar de dar aula para ensinar matemática para esse povo, por exemplo, e muito menos ensiná-los a interpretar um texto ou gerar um texto fazer uma resenha, por exemplo, na matéria</p> <p>Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso. O professor afirma que a dificuldade é terrível, pois os alunos não conseguem entender como fazem o Trabalho de</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--	--

			Conclusão de Curso. Agora em últimos casos o acredito que a atuação do professor também às vezes ajuda, mas isso é muito pouco.					
2. Sistemas de atribuição de aulas	Acredito que sim, não mais forte, mas acredito que o sistema de atribuição ele corrobora um pouquinho com a evasão, tem alguns professores que são atribuídos algumas aulas porém não é que não seja capacitado, mas ele domina não tão bem quanto um outro professor. Isso acontece pelo fato da pontuação docente e a atribuição segue a ordem da pontuação, às vezes, alguns	Depende, mais acredito que sim, que possa fazer diferença, porque na maioria das vezes alguns professores pensam em quantidade de aula e não nas aulas que mais dominam. Então por exemplo, às vezes eu estou na lista em primeiro e um professor em segundo, e eu sei que o segundo está mais habilitado para uma certa disciplina e acabo pegando e deixando as outras que eu não gosto de	Tem a sua importância nisso sim, porque, por exemplo, a atribuição de aula é um função da pontuação docente, nem sempre a pontuação do professor foi gerada por conhecimento didático, por cursos de especialização e etc. etc. etc., por exemplo, se cara tem uma função administrativa conta ponto, quer dizer, conta ponto para aula, isso fica meio estranho,	Atribuição de aula talvez sim, talvez não. Relata que pensou no processo realizado pela instituição quando entra professores, a atribuição de aula, a contagem de pontuação tudo. Descreve que às vezes acaba perdendo professores muito bons, o professor por tempo determinado seu contrato tem o prazo de dois anos e tem que ficar afastado por seis meses, o interstício. E	Indiretamente sim. Porque alguns docentes acabam por ter um maior tempo de casa, tem maior pontuação e não necessariamente tem a qualificação para ministrar aquele tipo de disciplina, e isso acaba dando prejuízo para os alunos que ficam insatisfeitos, e claro, a insatisfação é um motivo a mais para eles pararem o curso.	Não, porque sempre trabalha a atribuição com os professores que são ligados as áreas que vão lecionar, questão de atribuição com a questão do déficit de evasão de aluno não, os professores entram em sala de aula conhecendo o conteúdo que eles vão aplicar.	Relata que sim e muito. Porque para começar o horário das aulas são atribuídas para o professor, às vezes os professores tem a habilitação, o catálogo de requisitos é aprovado para aquela habilitação, mas tem muitos professores que não tem uma competência necessária para dar aula naquele componente. Descreve que ocorre também na hora de montar o horário escolar, o horário de	Nessa unidade não vejo esse como um fator, porque nossa escola é uma escola nova, ela não tem nem dez anos, então isso quer dizer que os nossos professores, são geralmente professores mais jovens, professores mais motivados. Mas quando trabalhei em outras Instituição de Ensino, sim acredito que tem professores que estão a muito tempo lecionando e não tem mais motivação ou

	<p>componentes poderiam ser melhor ministrado colaborando para menor evasão. O aluno se sentiria mais ativo em sala de aula.</p>	<p>ministrar para ele, talvez não é o ponto forte dele. Na informática tem disciplinas, mas com a gente não acaba ocorrendo tanto, mas vou dar um exemplo nosso que tem matérias de desenvolvimento de sistemas e matéria específica de hardware, então tem professor que domina mais o assunto hardware e tem professor que domina mais a programação, então não adianta eu deixar uma aula de programação para um professor de hardware que talvez ele não vai saber ministrar, então os professores do curso de informática, procuramos</p>	<p>então que acontece alguns professores concentram por conta de sua pontuação o maior número de aulas livres e depois eles escolhem o que eles querem, principalmente se eles exercem coordenação ou coisa parecida, que eles podem abrir mão daquelas aulas, mas manter a posse delas, então essas aulas teoricamente são leiloadas para não dizer coisa pior, então é essa situação, eu acho que isso pode contribuir sim.</p>	<p>afirma que a Instituição de Ensino não tem como abrir concurso. Declara que acha interessante como as prefeituras fazem isso criando um novo processo seletivo, mas não tem esse interstício, o professor passando ele pode dar sequência, e acredita que devia ser revisto esse método, para a escola não ficar perdendo bons professores.</p>			<p>aula acaba prejudicando muito, porque faz mais o horário para o professor do que para o aluno o que não deveria acontecer. Para favorecer o professor que não pode ir de sexta feira porque tem compromisso em outro lugar, então acaba colocando aquela aula que é mais cansativa, mais teórica, na sexta feira, sabe que os alunos com maior índice de falta é na sexta feira, então acaba contribuindo sim para esse alto índice de evasão.</p>	<p>que não conseguem se manter atualizados na formação, isso acaba desmotivando o aluno. Eu não consigo ver esse problema aqui ainda por sermos uma unidade jovem, uma unidade nova, mas acredito que sim, isso é um problema nas unidades que são mais antigas.</p>
--	--	--	---	--	--	--	---	--

		<p>sempre fazer uma pré-atribuição que é aonde a gente atribui o melhor professor para a melhor disciplina, mas eu acredito que sim, que a maneira que é atribuído talvez pudesse mudar, pegar qualificação melhor de cada professor, no que ele é melhor.</p>						
--	--	--	--	--	--	--	--	--

APENDICE X – CATEGORIA 5. CAUSAS DA EVASÃO PARA OS ALUNOS DESISTENTES

5. Categoria – Causas da Evasão para os alunos desistentes				
	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4
1. Motivo para o aluno abandonar o curso	Descreve que trabalhava, fazia ensino médio, o técnico e aula de inglês.	Relata que não era um curso de sua área. Afirma que entrou no curso com um objetivo de agradar seu pai, porque ele influenciou pra seguir a carreira jurídica, é uma coisa que não conseguiu encaixar no seu cotidiano. Declara que gostou do curso sim, porém as matérias não me agradaram.	Declara que não tinha como a mãe ir buscar, não tinha como ir embora para minha casa a tarde e nem como ir também. Afirma morar aqui na cidade e meus pais trabalham. Meu pai trabalha a noite e leva o carro, em casa só ficava a moto e minha mãe não tem a carta da moto, então não tinha como eu vim. E de ônibus ela não deixava. É porque a gente saía as dez e quarenta, quase onze horas.	Afirma ser por causa da mudança de cidade.
2. Pontos negativos do curso	Alega que às vezes parece muito lento o aprendizado. E acredita que o curso estava andando um pouco devagar.	Declara que é cansativo. Alega que algumas matérias, muito exigente, matérias um pouco mais difíceis e porque eu fazia ensino médio e tinha muita prova e tarefa no dia a dia.	Acredita que não tinha.	Acredito que a unidade onde cursei não teve interesse sobre informações para a minha transferência de cidade. Declara ter verificado com a unidade mais informações para fazer a transferência para outra unidade e não fizeram nada.

APÊNDICE XI – CATEGORIA 6. PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA EVITAR A EVASÃO DOS ALUNOS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES, COORDENADORES DE CURSO, COORDENADOR PEDAGÓGICO E DIRETOR

6. Categoria – Procedimentos utilizados para evitar a evasão dos alunos na percepção dos professores, coordenadores de curso, coordenador pedagógico e diretor								
Cargo Unidade	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Coordenador de curso 1	Coordenador de curso 2	Coordenador de curso 3	Coordenador pedagógico 1	Diretor 1
1. Providências tomadas	Contato direto com o aluno por meio de uma ligação ou uma mensagem requerendo uma resposta de suas faltas, caso, o aluno for menor de idade, geralmente entra em contato com os pais.	Entrar em contato com o aluno para saber porque dessa evasão.	Parece que o coordenador conversa com o aluno, verifica porque que ele está faltando e uma série de coisas, às vezes vejo aluno voltar assistir aulas, às vezes não.	Relata que tem uma turma agora com trinta e nove alunos, porque um mudou de cidade, então o pai por causa do serviço mudou e a coordenação não tem como repor esse aluno agora, mas participa das reuniões a questão de um modo geral na escola, é conversada, apresentada nas reuniões, acredito que os coordenadores, coordenadores com professores, chama-se o aluno que quer desistir, vai à secretaria e pede	Conversa com o aluno, conversa com o professor, tenta diversificar as metodologias, só que, o que anda dando mais resultado mesmo é o envolvimento dos alunos por meio de projeto. Então sem projeto, observa-se que não consegue um resultado, tão bom igual ao envolvimento deles com o projeto.	Primeira providência é procurar o aluno para saber qual o motivo, se o motivo tiver relacionado a questões pessoais a coordenação tenta vê o que pode ser feito, mas, muitas vezes não dá, e se for por questões do curso tenta adequa pra resolver a situação.	Quando detecta um aluno com redução de índice da baixa frequência que não está frequentando a escola, primeiro entro em contato com esse aluno para saber o motivo de não está frequentando. Assim, converso com esse aluno e após detectado o motivo se é problema interno da escola tenta-se resolver o problema da escola, se é um professor que não está se adequando a metodologia não está entendendo oriento esse	Então a partir desses números nós tentamos melhorar alguns quesitos da escola, então quando é apontado algum problema com o professor ou problema com a instituição, tenta agir em cima desse problema, mas na maior parte dos casos, mais de 90% dos casos os problemas são externos como: um trabalho, uma faculdade e falta de transporte, a gente tenta solucionar, como entrando em contato com alguma

				o pedido, a secretaria já comunica o coordenador, o coordenador conversa com esse alunos, tenta mantê-lo na escola, e sempre que possível a gente faz as vagas remanescentes.			professor, se o aluno que está com baixo rendimento de aprendizagem leva-se ele as monitorias. A escola tem um projeto de monitoria para os alunos que tem deficiência na aprendizagem. Quando o problema é externo lógico que não sanamos todos os problemas externos da escola, mas tento ajudar pra que ele é amenize essa situação.	prefeitura para verificar transporte, mas na maior parte dos casos não tem muito o que ser feito.
2. Como evita a evasão.	Um principal fator que segura os alunos é o aprendizado por projetos, em que componente curricular é inserido como ferramenta dentro do projeto.	Diversificar a metodologia aplicada para a correção dos exercícios porque existem três tipos de aluno que eu costumo separar: tem o aluno que aprende vendo,	Acredito que o aluno tem o direito de ir e vir, ele não é obrigado a assistir, por exemplo, as minhas aulas. Porque, eu raciocínio da seguinte forma, quantos alunos	Num primeiro momento trazer esse aluno que realmente está querendo sair, fazer com que ele fique. A escola tem muito aluno que é safrista, uma semana está de manhã, outra	Examinam-se os dados por meio do relatório tem os alunos concluintes analisa se houve uma evolução, principalmente se houve redução das perdas de alunos com a evasão. No	A coordenação acompanha esses alunos e sempre entro em contato com esses alunos evadidos no módulo seguinte para ver se há a possibilidade de voltarem a cursar. Estou	Relata ter uma boa conversa com o aluno, trazer o aluno para perto da escola e entrar em contato com ele conversando, tanto a coordenação pedagógica, orientadora	Expõe que hoje vê nas metodologias mais novas de ensino-aprendizagem, que as metodologias ativas de ensino em que o aluno passa a ser precursor da

		<p>o aluno que aprende escrevendo e o aluno que aprende fazendo. Diversifico também a metodologia de avaliação. Nas disciplinas de informática que é mais prática os trabalhos são feitos em sala de aula, porque em casa às vezes o aluno trabalha e não tem tempo. E se é algum trabalho que o aluno teve dificuldade passo um outro semelhante fazendo a correção desse para ele conseguir fazer. Desenvolvo um projeto de informática para alunos do ensino médio eles têm o ano inteiro de trabalho, então eu busco desenvolver esse</p>	<p>estão faltando? Dez por cento não é significativo para mim esse índice? Porque eu tenho resultado dos outros alunos, se os resultados dos outros alunos fossem medianos para baixo, realmente eu teria que tomar alguma providência, mas não é o caso.</p>	<p>semana está a noite. Que rodam turno e não safrista, então assim, os coordenadores tentam conversar com eles para entram num consenso, porque não podemos perder essa pessoa que precisa de uma formação. Aponta que em caso muito gritante como a faculdade que tem o PROUNI, o SISU no primeiro semestre, chamando, a escola acaba perdendo muito aluno também para a faculdade. No entanto, o processo agora na Instituição de Ensino para cada Vestibulinho para o técnico tem a questão das vagas remanescentes,</p>	<p>entanto, tenta-se fortalecer as atividades que visam o combate a essa evasão, acompanhando o aluno que falta bastante, tem também alguns projetos que são realizados no curso para o aluno ter um maior envolvimento na escola, então tudo isso é visando no combate a evasão. Os professores trabalham sim projetos, todas as disciplinas, a maioria delas trabalha, é trabalhada através de projetos, então tem um ou mais projetos envolvidos em toda a disciplina, onde os alunos tem que realizar as competências, habilidades baseadas no</p>	<p>sempre em contato com os alunos, mesmo aqueles que se desligaram, pra reverter a situação e trazer eles de volta.</p>	<p>educacional e os coordenadores de curso e o professor em sala de aula, que tem contato mais próximo com o aluno. Acredita que com essas atitudes deixa o aluno mais próximo, ele vai se sentir mais seguro e a vontade com a escola.</p>	<p>aprendizagem, é algo que vem trazendo resultados, e esses resultados, eles são baseados no aluno realizando sua atividade, sua aprendizagem. Acredita que um projeto é melhor, onde ele coloca a mão na massa para que ele consiga verificar, consiga aprender de uma forma eficiente, mas a realização de projetos não é fácil, porque a realização de projetos demanda verba, demanda tempo, nosso aluno é um aluno trabalhador que não tem tempo para fazer atividades extra classe. Os projetos são benéficos, mas precisa ter</p>
--	--	---	---	--	--	--	---	---

		projeto com eles da TV na matéria de programação para internet.		então fazer essa publicidade, mostrar para os funcionários e alunos que a pessoa que já trabalha e não tem a formação que venha para Instituição preencher as vagas remanescentes e entra no segundo módulo, terceiro módulo. A coordenadora afirma não saber se tem eficácia, mas para o segundo módulo a coordenação tem que ir achando alunos e sanando as perdas.	projeto que foi proposto pelo docente. A equipe liga para o aluno, explica para eles que há uma perda, caso eles saiam do curso, grande, profissionalmente para eles, tenta é de alguma maneira convencê-los a voltar, porque é um curso técnico que tem uma valorização no mercado e um curso de curta duração, então falamos para o aluno que isso pode agregar na vida profissional dele e tenta trazer ele de volta, através desses argumentos.			cautela, um número de projetos pequenos, reduzido, que consiga envolver vários professores ou até várias salas num projeto. A Instituição de Ensino ela tem como meta principal redução de evasão. Isso não acontece só nessa unidade, isso acontece em todas as Instituição de Ensino e a equipe trabalha duro, árduo para conseguir diminuir a evasão e a manutenção dos cursos. É uma equipe motivada, eu tenho professores que são professores um pouco mais jovens então isso facilita um pouco é o nosso
--	--	---	--	---	---	--	--	--

								<p>cotidiano, mas mesmo assim às vezes quando surge um resultado como o bloqueio de um curso acaba perdendo um pouco o pique, mas vai lutando para ir tentando manter os professores motivados, os coordenadores motivados da melhor forma possível, como o resultado de um bônus hoje é motivados, mais o bônus acontece uma vez por ano e a evasão é cotidiana, a luta é todos os dias.</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	---

APÊNDICE XII – CATEGORIA 7. COMO A INSTITUIÇÃO DE ENSINO EVITA A EVASÃO NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DESISTENTES

7. Categoria – Como a instituição de ensino evita a evasão na percepção dos alunos desistentes				
	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4
1. A escola entrou em contato para saber o motivo da desistência	Sim.	Assegura que sim, vários professores entraram em contato comigo e me mantive na posição de não voltar.	Não.	Declara que não, e que ninguém entrou em contato com ela.
2. A escola apresentou alternativas para continuar os estudos.	Relata não lembrar.	Apresentou sim, várias, mas eu preferi não voltar.	Não.	Alega que ninguém falou com ela. Revela que por conta tentou transferir para Bebedouro, mas não conseguiu porque não tinha vaga. Confessa ter feito tudo por conta própria.